

1514

Revista do **MENSINO**

Ed. P. J. Dardan



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

SECRETARIA DA E.C.C.

ANO VII — N.º 50

MARÇO 1958

Cr\$ 30,00



Mamãe e as flores

(PARA DIA DAS MÃES)

Letra e música
VERA BRAGA NUNES
JARDIM DE INFÂNCIA DO INST. DE ED.-D.F.

Qual se-raí das be-las fló-res A que lem-brá Ma-mãe-zin-ha? A mo-
des-ta vi-o-le-ta? A lin-dis-si-ma ro-si-nha? De-li-
ca-das e mi-mo-sas Tô-das são e sem de fer-to Mas eu
a-cho que a Ma-mãe Lem-brá mais og-mor-per fei-to.

Revista do
ENSINO

N.º VII

MARÇO DE 1958

N.º 50

ÍNDICE

COMUNICADO DO SEAA

Programa para Cursos Supletivos 6

FALAM OS EDUCADORES

Advenir de Souza Lima 10
 O problema dos problemas 12

METODOLOGIA

Técnica de Aplicação do LER 14
 Fundamentos e Técnica da Recreação para adultos 17
 Metodologia do Ensino Religioso 20

ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS

Respiração 19
 A geografia como ciência física e social 21

ASSUNTOS DIVERSOS

Carta 2
 A vocação do professor 3
 O I Seminário Sul-Rio-Grandense de Sociologia 18
 Notícia 18
 Oração do Aluno 23
 As cores 24
 Cooperação entre o lar e a escola 55
 A Nossa Senhora 56

TEATRO INFANTIL

Dramatização do X 33
 Máscaras do X 33
 O Teatro de Fantoches 38
 A gata Borralheira 41
 Os gulosos 50

EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS

Jogo de palavras 40
 4 sílabas 40
 Para completar 40
 Vamos subtrair 43

RECREAÇÃO

Dia de Páscoa 5
 Bicharada 28
 Um ninho 55

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Repiu.piu-piu 26
 Perguntas 26
 Perfuração e Alinhavo 27
 Enfiados de contas de felfão 28
 Trançado 28
 Vamos recortar palhaçinhos 29
 Meu querido Augustin 30
 Vamos dramatizar nossas histórias 31
 O jôgo 54

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Trabalhos a serem executados com sementes de cinamomo 32

EDUCAÇÃO FÍSICA

Diretrizes para Educação Física nos Estabelecimentos de Ensino Primário do Rio Grande do Sul 44
 Pequeno jôgo 52

BIBLIOGRAFIA

Publicações do Prof. Pierre Well 57
 Estudo de Obras Psicológicas 59
 Bibliografia sobre a psicologia da criança 59
 Livros básicos para o professor de ciências 62

LEGISLAÇÃO

Nova regulamentação para as remoções de professores primários do Rio Grande do Sul 58

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.

On désire établir l'échange revues similaires.

We wish to establish exchange with a similar publication.

Cara Professora!

Traduzido de "Weekly News Digest" por Luiza Santiago
P. Alegre — R. G. S.

Esta semana vamos enviar-lhe nosso filhinho. Durante os próximos 12 anos, nas escolas primária e secundária, irá a Sra. tê-lo em suas mãos, será a pessoa que maior influência exercerá sobre ele, depois de sua mãe e de mim.

E' um garoto tão pequeno ainda! Um par de pernas fortes, ombros tostados, olhos brilhantes, uma cabeça de estopa e um sorriso contagioso.

Ele não teme causa alguma. Seu espírito é vivo e rápido para aprender. Seu corpo é sadio, sua curiosidade sem limites, sua obstinação crescente.

Há muita causa a fazer por ele nos próximos anos. Faço votos para que as realize. Ensine-lhe a continuar sem medo. Nunca pronuncie esta palavra na sua frente e, talvez, ele nunca chegue a saber o que ela significa. Respeito pelo perigo, precaução e cuidado, sim, mas não medo.

Cultive esta sã curiosidade de que ele é dotado. Deixe-o fazer-lhe um milhão e mais uma perguntas, dê-lhe um milhão e uma respostas e espere o resto. Mantenha viva esta chispa de interesse pelo povo, por tudo o que o cerca, e por si mesmo. Assim, ele nunca se sentirá aborrecido e desinteressado, pois sua curiosidade nunca estará satisfeita.

Naturalmente terá que conter, de vez em quando, seu ardor. Nós também o fazemos. Ensine-lhe a ser disciplinado, a respeitar a autoridade, as leis e os regulamentos, mas não sobre seu espírito. Não o deixe tornar-se um autômato arregimentado que segue os outros pela vida, nunca procurando um modo melhor, ou diferente de realizar alguma causa e estando sempre contente com o estabelecido.

Desenvolva nele o culto da lealdade e uma profunda admiração pela justiça. Não o deixe ser o fanfarrão da escola, nem o covarde da mesma. Mostre-lhe que uma causa é lutar pelos próprios

direitos e outra, muito diferente, procurar tirar o direito dos outros. Desperte nele a compaixão pelos fracos e o sentimento de bondade para com os oprimidos.

Ele já tem uma idéia de Deus e já conhece o amor. Os dois são sinônimos em seu pensamento. Alimente estas brasas, sobre sobre elas com compreensão e carinho para que se tornem uma forte e duradoura chama. Instrua-o nas maravilhas do Universo e na glória do trabalho de Deus.

Não deixe o veneno da intolerância atingir e tostar sua alma limpida. Não permita que se abrigue neste cérebrozinho um pensamento, uma idéia de malícia, de antagonismo ou de ódio com relação a qualquer dos filhos de Deus.

Cultive nele o valor da limpeza. Auxilie-o a manter limpos seus ideais, seu espírito e seu corpo. Prove-lhe, por meio de exemplos, como é nobre uma vida limpa. Desperte nele um profundo sentimento de honra e a idéia de que integridade não é apenas uma palavra, mas um modo de vida. Diga-lhe que a reputação de um homem não é assim tão importante, pois reputação não é mais do que o que o mundo pensa de uma pessoa. Mostre-lhe que o caráter é o que realmente importa, pois caráter é o que Deus pensa de uma de suas criaturas.

Nosso pequeno entrará esta semana para sua escola, para seu coração. Ajude-o aprender todas estas causas. E quando elas começarem a ser aprendidas — a aritmética, a escrita, a leitura, e todo o resto pode ser também aprendido.

Faça um bom trabalho e algum dia sentir-se-á tão orgulhosa de seu aluno como eu me sinto, agora, de meu filho.

Sinceramente
Papai

A Vocação Do Professor

Prof. Pierre Weil

Diretor da Divisão Técnica do Departamento Nacional do SENAC — Chefe do Consultório Psicopedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil — Diretor Téc. do Centro de Psicologia Aplicada—SEPA.

D. Federal

O professor é a figura principal de qualquer sistema educacional. Por isso qualquer pessoa que queira ingressar no Magistério deve procurar saber se realmente tem vocação para a profissão.

Em que consiste esta vocação? quais os fatores principais que constituem a motivação para o ensino?

Quando se deseja abraçar determinada ocupação ou ingressar em cursos profissionais, é necessário antes de tudo, conhecer em que consiste esta profissão, quais as aptidões necessárias ao seu melhor desempenho, qual a personalidade mais adequada, enfim, qual o preparo indispensável ao bom exercício profissional. Desta análise do trabalho, pode-se, então, tirar conclusões quanto ao modo de escolher o pessoal docente que mais nos interessa particularmente.

A função essencial do professor é ajudar a criança a desenvolver os seus conhecimentos e a sua personalidade, a fim de integrá-la na sua comunidade da manerla mais completa possível, através da assimilação da nossa cultura. Para conseguir isto, o professor moderno utiliza não sómente aulas, mas procura sobretudo, que cada aluno descubra por si mesmo as diferentes realidades (históricas, geográficas, matemáticas, linguísticas), através da observação direta, do desenho ou da descrição, das leituras e pesquisas pessoais.

O professor moderno é, por conseguinte, uma pessoa que procura antes de tudo guiar, orientar, encorajar, estimular, descobrir e canalizar os interesses dos alunos; procura para isto, cercar-se de vasto material colhido pelos discípulos (plantas, animais, rochas, cartões postais de todos os países do mundo e de todas as regiões do país, fotografias, filmes, cubos, encaixes, etc., etc.)

Enquanto o professor tradicional faz sómente uso de sua lavra, limitando-se a falar e a perguntar, o professor moderno pode ser comparado a um jardineiro que está preocupado em fazer crescer as suas plantas, dando-lhes água e adubo necessários ao seu desenvolvimento; ele sabe que durante uma explanação verbal, grande parte do que diz será rapidamente esquecido, e ainda em muitos casos, nem é ouvido, em virtude das flutuações da atenção dos alunos.

Quando surgem problemas de incompreensão geral ou localizada em certa matéria, o professor tem que investigar as causas destas insuficiências, encontrando caminhos para preencher as lacunas,

Em casos de problemas de conduta, tais como instabilidade, rebeldia, excessivo retraimento, inattenção, o educador tem que empregar solução diferente para cada caso.

A função principal do professor é, considerando o problema sob o aspecto psico-fisiológico, a organização do sistema nervoso de cada aluno. Conforme mostra André Rey, fazer com que um aluno adquira novos conhecimentos consiste em provocar, no seu cérebro, o estabelecimento de novas conexões entre as células ou novos caminhos nervosos, isto em um organismo em perpétua evolução, não esquecendo que a criança de hoje já não é mais criança de ontem.

A criança e o adolescente têm tendência inconsciente a imitar os adultos que admiram pela sua força, inteligência ou qualidade de Personalidade. Muitos professores tornam-se assim, heróis de seus alunos, e passam a ser imitados; por isto é indispensável que o educador tenha uma personalidade equilibrada e saiba controlar suas reações.

Existem certos traços característicos que contra-indicam o exercício do magistério.

A impaciência, por exemplo, é atitude tipicamente prejudicial à ação pedagógica. Existem professores irritáveis a tal ponto que não admitem qualquer erro de aluno; explodem logo, provocando angústia em toda a turma, inibindo os jovens a responder. Além disso, considera-se a pedagogia como sendo a arte de provocar erros a fim de indicar o caminho certo. Pode-se assim, compreender o quanto a impaciência é nociva no campo educacional.

Outra deficiência da personalidade que contra-indica o exercício da profissão de educador é o egocentrismo. Egocentrismo que não se deve confundir com egoísmo, é a incapacidade de colocar-se no lugar de outra pessoa, de compreender os seus sentimentos e suas reações. Por esta razão o indivíduo egocêntrico empresta aos outros os seus próprios sentimentos e reações isto é, projeta-os nas outras pessoas, ou então, atribui-lhes intenções que nunca tiveram. Nada mais perigoso que isto em educação; o bom professor necessita, antes de tudo, compreender cada aluno, isto é, procurar as razões reais e não imaginárias da conduta de cada um. Neste sentido, a educação é uma ciência, ou melhor, é baseada na ciência, através da Psicologia.

Além da projeção, o egocentrismo pode se tra-

cair sob a forma de excesso do uso da linguagem: o professor fala durante toda a aula, sem perceber que os seus alunos estão cansados de ouvi-lo e não estão anotando nem a metade do que ele está dizendo. O professor entusiasma-se pelo assunto; o leigo pensa que é um bom educador porque se entusiasma pela matéria que está "dando"; o professor fica convencido de que transmitiu o seu entusiasmo à turma quando na realidade afogou os seus discípulos com palavras. A técnica moderna de ensino recomenda falar no máximo, vinte minutos, deixando o aluno fazer perguntas e estabelecer debate em torno do assunto estudado. Acontece muitas vezes, como por exemplo, nas escolas Decroly, é o próprio aluno que faz conferências, ou são os próprios alunos que pesquisam, fazem observações para descobrir, por elas mesmas, o que provavelmente, não seria compreendido através da simples explanação oral.

O desequilíbrio da Personalidade do Professor nem sempre provém de fatores exclusivamente pessoais; pode ele iniciar sua carreira com uma personalidade perfeitamente organizada, sem irritabilidade nem egocentrismo e, no entanto, com o decorrer do tempo, perder seu equilíbrio emocional, tornando-se insatisffeito.

Isto acontece quando ele descobre que o magistério não corresponde ao que esperava, isto é, quando há um conflito, entre a motivação que o levou a escolher a sua profissão e a realidade encontrada.

Existe efetivamente certos tipos de motivação, quer dizer, as razões íntimas que levam as pessoas a ser professores, motivações estas que, ao contrário do que se esperava, tornam infelizes os que por elas foram levados a abraçar o magistério. São estas motivações que descreveremos a seguir:

Futuros professores podem ser levados a ingressar na profissão pelas seguintes razões:

1) — **O prestígio social** que cerca o magistério estimula certas jovens a fazer o exame de admissão ao curso normal. Com este exame selecionam-se as mais inteligentes, acontecendo que depois de terminado o curso ou após alguns anos de exercício no magistério, estas criaturas percebem que se trata de uma profissão na qual a ambição não pode ser satisfeita, pois, além do cargo de diretor do ensino não existe carreira. Por outro lado, percebem que têm capacidade para desempenhar ocupação exigindo formação universitária e, por isto, deixam o magistério para serem advogados, médicos ou exercerem altos cargos na função pública.

2) — **O medo de enfrentar a vida** e o desejo de ficar eternamente no ambiente escolar fazem com que muitos jovens passem do banco de aluno à cadeira de professor sem que haja nenhuma transição. Ora, se se considera a escola como uma instituição cujo objetivo é adaptar progressivamente a juventude à realidade da vida de adulto, como um professor que nunca saiu do ambiente escolar poderá educar alguém para a vida? É possível que muitos deste tipo fiquem como professores toda a sua existência, mas infelizmente, o seu ensino só poderá valer o que serviu o ensino que elas receberam.

3) — **O desejo de aprovação** do professor pelos seus alunos é frequente em educadores inseguros e, por isto mesmo, ansiosos em procurar nos melhores gestos de cada aluno um sinal de admiração e de gratidão. Ora, se existe um ambiente onde não se deve esperar ser admirado e receber agradecimento é justamente o da escola. A criança e o adolescente têm direito a receber instrução. Os alunos acham isto tão natural que não lhes ocorre, salvo exceções, na maioria das vezes estimulados pelos pais ou ainda em cerimônias de encerramento, de fazerem gestos de admiração ou de agradecimento.

O professor que é sensível a este tipo de estímulo, não somente tem tendência inconsciente de ter os seus "protegidos", que o admitem, mas ainda se desajustará facilmente pela aparente ingratidão da juventude; se o agradecimento de um aluno pode ser estímulo normal para qualquer educador, não pode e não deve constituir a motivação principal.

4) — **O sadismo**. Certos indivíduos são levados inconscientemente a escolher o professorado, porque esta função permite-lhes descarregar sua agressividade e sua crueldade sobre os mais fracos, tais como crianças sem defesa ou estudantes interessados em evitar casos, pois precisam de diploma. Quantos adultos não se lembram de ter sido perseguidos por determinado professor que fazia "chover os castigos" ou de ter recebido uma bofetada, um "puxão de orelhas" ou um golpe de régua na mão? Infelizmente este tipo de Educador existe e muitas vezes é difícil descobri-lo pelo medo que os alunos têm de ser prejudicados pela denúncia, ou mesmo, pela ignorância da legislação em vigor.

5) — **O gosto e a aptidão por certa matéria escolar**. Muitos estudantes de escolas secundárias, assim como os seus pais, pensam que basta ter muito interesse e pendor por uma disciplina para que isto seja o suficiente para abraçar o magistério. Na realidade, atitudes pedagógicas e personalidade adequadas são consideradas mais importantes que o conhecimento da matéria a ensinar. Nem sempre os melhores matemáticos são os melhores professores.

6) — **A supercompensação de um complexo de inferioridade**. Muitas são as crianças a desenvolver um complexo de inferioridade em relação às outras que têm melhores notas ou em relação ao professor do qual têm impressão que é onisciente; há então uma identificação à figura do mestre. Isto é, uma vontade inconsciente de imitar o professor, decorrendo daí o desejo de ser professor mais tarde. Quando o complexo se desenvolve em relação aos colegas, então a vontade de ser professor terá por base o desejo de mostrar que o portador do complexo é muito mais inteligente que os outros, pois chegou a uma profissão muito difícil.

7) — **O instinto maternal**. Certas moças notam desde cedo que gostam de crianças, o que representa as primeiras manifestações do instinto ma-

Comunicado do Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos do Estado do Rio Grande do Sul

Prezado regente.

Tenho o prazer de remeter-lhe este PROGRAMA para ser aplicado aos CURSOS SUPLETIVOS do Estado, em caráter experimental.

O presente trabalho foi elaborado pela SECCAO DE ORIENTACAO PEDAGOGICA, deste SERVICO DE EDUCACAO DE ADOLESCENTES E ADULTOS, e é a adaptação do Programa de Ensino Primário, no sentido de permitir aos alunos a completação do ciclo da "educação de base".

Realmente, é difícil elaborar um programa a ser vencido em Ensino Primário Supletivo, entretanto, enquanto se aguardam dados das reais necessidades e utilidade da cultura, para o adolescente e o adulto analfabeto ou semi-alfabetizado, que permitem elaborar um programa, cientificamente dosado e adequado, busca-se, perseguiendo o ideal, no menos, sistematizar os conhecimentos fundamentais.

Mais uma vez conto com a colaboração zelosa e eficiente do caríssimo colega, e solicito remeta a este Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos seu parecer e sugestões em torno do trabalho que venho de lhe apresentar, bem como, no decorrer de suas atividades didáticas nos participe suas experiências e mesmo estudos que elucidem e orientem quanto a elaboração final de um programa definitivo.

Sumamente grata, nesta oportunidade, reitero ao colega meu indiscutível aprêço e apresento votos sinceros de um trabalho muito feliz.

MARIA D'ALOIA JAMARDO

Chefe do Serviço

"Não podemos admitir que seja a educação das crianças de hoje que possa salvar o mundo da destruição; o que poderá fazê-lo é a educação de adultos.

E' o adulto quem deve perder sua mentalidade restrita, seus preconceitos egoísticos, seus costumes inadequados, seus hábitos obsoletos. E' ao adulto que deve ser dada a oportunidade mais rápida de refazer o mundo pela ciência, pela tolerância, pela simpatia humana e pela organização racional".

JOSEPH HART

1.º ANO

L I N G U A G E M

O B J E T I V O S :

- 1 — Levar à aquisição das técnicas fundamentais da leitura e da escrita.
- 2 — Despertar e cultivar o gosto e o interesse pela leitura, dela tirando recursos para o desenvolvimento integral da personalidade.

L E I T U R A

MÍNIMO ESSENCIAL:

Ao término do 1.º ano o aluno deverá dominar a mecânica da leitura e ser capaz de compreender e interpretar, intelligentemente, aquilo que lê.

Reconhecer a utilidade da leitura e saber utilizar-se dela para atualizar seus conhecimentos, aperfeiçoar seus conceitos e pôr-se em dia com o progresso das ciências e artes.

E S C R I T A

MÍNIMO ESSENCIAL:

1) Capacidade para traçar todas as letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, quer estejam isoladas ou combinadas em palavras.

2) Emprêgo correto da letra maiúscula no inicio de sentenças e nos nomes próprios. Conhecimento do "ponto final", "ponto de Interrogação", "exclamação", da "vírgula", de "dois pontos" e do "travessão". Acentos: "águdo", "circunflexo", "til" e familiarização acertada com a "cedilha".

C O M P O S I Ç Ã O O R A L

Transmissão de recados. Elaboração de telegramas. Reprodução de fatos ouvidos ou presenciados. Narração de filmse.

Exercícios que levem o aluno a dar informações orais, e que concorram para a formação de hábito de se expressar correta e correntemente. Fórmulas de expressar sentimentos de felicitações, pesames, participações, apresentações e cumprimentos.

C O M P O S I Ç Ã O E S C R I T A

Enumeração de objetos: listas, rôis, tabelas, programas e etc. Organização de sentenças relativas a uma experiência. Descrição de gravuras por meio de frases curtas. Completar de frases já iniciadas.

Reprodução dos fatos ouvidos, em linguagem simples e clara. Elaboração de pequenas histórias. Rudimentos de correspondência. Recibos.

GRAMÁTICA

MINIMO ESSENCIAL:

Conhecimento das vogais e consoantes. Familiarização com o emprego dos grupos consonantais ch, nh, lh, br, bl, mp, mb, etc. Uso correto das formas de tratamento: você, tu, Sr. V. S., V. Excia., V. Revma., etc. Noções de adjetivo qualificativo. Noções de substantivo comum e próprio. Substantivo coletivo. Verbos regulares no presente, no passado e no futuro do Modo Indicativo. Concordância do sujeito com o verbo. Gênero e número (casos mais gerais). Abreviaturas correntes.

MATEMÁTICA

OBJETIVOS:

1 — Desenvolver, no aluno, a capacidade de aplicar processos e operações numéricas, efetivamente, para resolver, de maneira mais fácil e racional, os problemas da vida real.

2 — Contribuir para a boa formação do caráter através atividades que tendam a desenvolver hábitos pessoais e sociais, tais como de economia, de justiça, de empréstimo, de bom julgamento e de cooperação.

MINIMO ESSENCIAL:

Noção de número e coleção. Noção de quantidade e número. Noção de algarismo. Noção de dezena e emprego do zero. Contagem em ordem crescente, decrescente, por unidades, por dezenas, de dois em dois e de cinco em cinco. Noção de centena. Números pares e ímpares. Noção de dôbro, metade, dúzia, meia-dúzia, meia dezena e meia centena. Conhecimento e emprego dos sinais +, -, X, =. Ação e subtração oral e escrita. Casos mais simples de multiplicação e divisão, escrita e oralmente. Rudimentos de frações ordinárias, por meio de exemplos tirados da vida real diária. Numeração romana até 50. Familiarização com os vocábulos próprios às noções adquiridas. Conhecimento das moedas e cédulas nacionais. Familiarização com as medidas mais usadas do sistema métrico. Problemas que refletem situações de realidade e que exigem raciocínio e cálculo mental, oral e escrito. Conhecimento de documentos usados em casos de dívidas, empréstimos, pagamentos e etc., como duplicatas, promissórias, cheques, recibos, etc. Casos práticos de contabilidade sobre salários, orçamentos domésticos e descontos. Selagem. Reconhecimento de figuras geométricas: quadrilateros, triângulos, prismas quadrangulares, prismas triangulares e esfera.

ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS

O B J E T I V O S :

1 — Dar ao aluno informações tais que influiam em sua formação moral, tornando-o um cidadão útil a si, ao próximo e à Pátria.

2 — Tornar o educando capacitado a um julgamento exato das possibilidades de sua localidade, de sua terra e da participação de sua pessoa na construção do futuro das mesmas.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

MINIMO ESSENCIAL:

Localidade: Pequeno histórico da fundação. Administração. Prefeito. Logradouros e ruas. Instituições locais. Possibilidades econômicas da localidade.

Estado: Rio Grande do Sul: Capital, cidades principais. Pôrto de mar. Tipo de clima. Principais fatos históricos do Estado como: origem, colonização, etc. Comércio e indústria. Recursos econômicos do Estado. Forma de Governo Estadual: Poder Executivo, Legislativo e Judiciário. Nome do Governador e do Presidente da Assembléia.

País: Brasil: Capital. Superfície e população. Divisão política. Forma de governo. Nome do Presidente. Principais fontes de riqueza do País. Meios de transporte e comunicações.

Profissões. Descoberta do Brasil. Independência. Proclamação da República.

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

MINIMO ESSENCIAL:

Noção de cidadania. Direitos e deveres do cidadão de uma democracia. Declaração dos Direitos Humanos. Noções sumárias da Constituição e das Leis Sociais: Institutos, Sindicatos, Leis do Trabalho. Impostos. Registro civil. Serviço Militar. Eleições. Responsabilidade do eleitor. Hino Nacional. Símbolos Nacionais. Amor e significação do trabalho. Respeito aos credos políticos e religiosos em geral. Noções de economia individual.

CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE

MINIMO ESSENCIAL:

HOMEM: Conhecimento das partes que compõem o corpo humano: cabeça, tronco e membros. Sumário das três grandes funções: digestiva, circulatória e respiratória. Importância da saúde. Higiene da habitação, da alimentação, do corpo e do vestuário. Males produzidos pelo fumo e pelo álcool. Profilaxia das moléstias contagiosas. Vacinação. Água filtrada ou fervida.

PLANTA: Como ser vivo. Partes que a compõem. Cuidado que requer. Plantas úteis empregadas na Medicina, na alimentação, na Indústria. Condições básicas para o desenvolvimento da planta. Importância do reflorestamento. Conhecimento sumário do preparo e tratamento da terra para plantação. Ação do vento. Importância, para a planta, da água, chuva, ar, oxigenação do ar.

ANIMAL: Características principais. Animais úteis e nocivos, domésticos e selvagens.

2.º A N O

L I N G U A G E M

O B J E T I V O S :

1 — Capacitar o aluno a usar, de maneira eficiente, todos os recursos do idioma pátrio, no sentido de se educar integralmente, avançando no terreno da cultura.

L E I T U R A

M I N I M O E S S E N C I A L :

Leitura silenciosa e oral com perfeita compreensão do trecho lido. Comentário e interpretação. Leitura em prosa e verso. Folclore. Noções práticas, como consultas a dicionários, guias telefônicas, índices, etc.

E S C R I T A

M I N I M O E S S E N C I A L :

Habilidade suficiente para usar, integralmente, a escrita, dar boa disposição ao trabalho e formar senso estético.

C O M P O S I Ç Ã O :

M I N I M O E S S E N C I A L :

Registro de notas e observações de interesses para os trabalhos de classe. Resumos de assuntos estudados e de leituras feitas. Correspondência. Requerimentos. Ofícios. Recibos. Telegramas. Anúncios. Biografias. Transposição de trechos de poesia para a prosa. Narração. Descrição.

G R A M Á T I C A

M I N I M O E S S E N C I A L :

Substantivo. Adjetivo qualificativo. Adjetivo possessivo numeral, demonstrativo, e articular. Pronomes pessoais. Gênero: comum de dois e epícenho. Número. Plural dos nomes em "ão". Plural das lavras terminadas em r, l, s, m. Concordância do adjetivo com o substantivo. Contagem de sílabas. Acentuação tônica. Sinônimos e antônimos. Verbos regulares em tempos simples. Oração: sujeito e predicado. Gráu dos nomes (casos simples).

M A T E M Á T I C A

O B J E T I V O S :

1 — Desenvolver, no aluno, a capacidade de aplicar processos e operações numéricas, efetivamente, para resolver, de maneira mais fácil e racional, os problemas da vida real.

2 — Contribuir para o bom desenvolvimento do caráter, através atividades que irão prosperar os hábitos, pessoais ou sociais, como de economia, de

justiça, de empréstimo, de bom julgamento e de cooperação.

M I N I M O E S S E N C I A L :

Revisão da matéria estudada no ano anterior. Soma, subtração e multiplicação de números inteiros. Prova real dos 9, nas quatro operações. Divisibilidade por 2, 3, 5, 9 e 10. Divisão de números inteiros. Fração decimal. Divisão da unidade em décimos, centésimos e milésimos. Equivaléncia das ordens de unidades estudadas. Movimento da vírgula. Noção de soma, de subtração e de multiplicação. Multiplicação por 10, 100, 1.000. Frações ordinárias. Conceito, representação, leitura e escrita da terminologia própria. Soma, subtração, multiplicação e divisão. Numeração romana até 1.000. Sistema métrico. Medidas de comprimento, peso e capacidade, com múltiplos e sub-múltiplos. Percentagem, em situações reais: abatimentos, comissões, impostos, lucros e perdas. Capital, juros e taxa. Regra de três simples. Escala: convenções: 1x10, 1x100, 1x1.000. Estudo da linha reta e suas posições. Noção de ângulo reto, agudo e obtuso. Posições relativas das linhas retas: perpendiculares, oblíquas, paralelas, convergentes e divergentes. Estudo do prisma quadrangular, triangular e retangular. Faces laterais, bases, arestas e vértices. Pirâmide e cone. Círculo.

E S T U D O S S O C I A I S

O B J E T I V O S :

1 — Dar ao aluno informações tais que influam em sua formação moral, tornando-o um cidadão útil a si, ao próximo e à Pátria.

2 — Tornar o educando capacitado a um julgamento exato das possibilidades de sua localidade, de sua terra e da participação de sua pessoa na construção do futuro das mesmas.

G E O G R A F I A E H I S T Ó R I A

M I N I M O E S S E N C I A L :

Localidade: Planta da localidade. Revisão das noções, já estudadas no ano anterior.

Rio Grande do Sul: Aspecto físico e acidentes principais do Rio Grande do Sul. Principais cidades do Estado e sua localização. Conhecimento do mapa do Rio Grande do Sul. Agricultura. Criações. Indústria e comércio. Transporte. Comunicações: estrada de ferro e de rodagem. Paralelo entre os meios de transporte atuais e os de antigamente. Principais serviços públicos do Estado. Situação do Rio Grande do Sul no Brasil. O País: extensão, limites, estados e territórios com capitais e cidades principais. Principais indústrias do Brasil. Produtos de importação e exportação. Fontes de riqueza do país.

Estudo comparativo da vida em tempos imediatamente anteriores ao nosso, na localidade. Vida mais antiga. Fundação da cidade, vila ou povoação. Vultos locais que mais se destacaram por suas atua-

ções ou qualidades. Primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. As Missões. Influência da colonização alemã e italiana, do ponto de vista econômico e cultural. Guerra dos Farrapos. Nomes e biografias de Rio-Grandenses heróis. Valor que o Estado representa, em face da unidade nacional. As grandes datas nacionais: 21 de abril, 1º de maio, 7 de setembro, 15 de novembro. Significação e noções destas datas como fatos históricos.

CIENCIAS NATURAIS E HIGIENE

MINIMO ESSENCIAL:

HOMEM: Esqueleto. Músculos. Noções sobre a constituição do corpo humano. Aparelho circulatório. Aparelho respiratório. Visão. Cuidados para preservar a visão.

O ANIMAL: Vertebrados e invertebrados.

PLANTA: Germinação. Evolução da planta. Partes de um vegetal completo. Função específica de cada parte.

MINERAIS: Minerais do solo: utilidade; aplicação. Noções sobre metalúrgica e siderurgia. Outras indústrias.

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Toda a série de informações que possibilitem uma sá formação moral. Direitos e deveres do cidadão. Conhecimentos das leis e da organização das Instituições de Assistência Social. Constituição Nacional. Importância e valor do voto. Respeito e solidariedade humanas. Economia individual e doméstica.

3.º — ANO

OBJETIVOS:

1 — Capacitar o aluno a usar, de maneira eficiente, todos os recursos do idioma patrio, no sentido de se educar, integralmente, avançando no terreno da cultura.

LEITURA

MINIMO ESSENCIAL:

Leitura corrente, expressiva e com clareza de articulação, em prosa e verso. Interpretação do trecho lido. Uso de índices, questionários e vocabulários. Leitura de gêneros literários diversos, adaptados à capacidade dos alunos.

ESCRITA

Domínio da mecânica da escrita. Capacidade de registrar os fatos ou idéias com clareza rapidez e precisão.

COMPOSIÇÃO

Escruta de cartas com pontuação correta, uniformidade de tratamento, começadas e terminadas

na forma de estilos. Envelopes. Sobreescritos. Reprodução de trechos lidos. Narrações de excursões, fatos, cenas e histórias. Descrições de comemorações cívicas e festas típicas. Telegramas, recibos e requerimentos. Correspondência social. Diálogos. Breve crítica literária, auxiliada por questionários.

GRAMATICA

MINIMO ESSENCIAL:

Substantivo: simples, compostos, primitivos, derivados, concreto, abstrato. Gênero, número e grau dos substantivos. Formação de palavras: derivação e composição. Prefixos e sufixos. Adjetivos determinativos em geral. Gênero, número e grau dos adjetivos. Pronome pessoal, casos retos e oblíquos. Regras mais importantes da colocação do pronome pessoal e complemento. Pronomes adjetivos. Conjugação completa dos verbos auxiliares e regulares. Acento agudo e acento grave. Empreço correto da pontuação e das notações lexicais. Exercícios de análise lexica e lógica, rudimentar. Concordância do verbo com o sujeito. Noção de adverbio. Exercícios de pontuação. Preposições de uso comum: a, de, com, em.

MATEMÁTICA

OBJETIVOS:

1 — Desenvolver no aluno a capacidade de aplicar processos e operações numéricas, efetivamente, para resolver, de maneira mais fácil e racional, os problemas da vida.

2 — Contribuir para o bom desenvolvimento do caráter, através atividades, que irão desenvolver hábitos pessoais e sociais, tais como de economia, de justiça, de empréstimo, de bom julgamento e cooperação.

MINIMO ESSENCIAL:

Revisão da matéria do ano anterior. Divisibilidade por 6, 4, 25 e 11. Divisibilidade por 100 e 1000. Noção de potência. Multiplicação abreviada por 11 e 12. Casos especiais da multiplicação: multiplicação com zeros intercalados no multiplicador; multiplicação pelas potências de 10; idem de números terminados em zero. Casos especiais da divisão: divisão por 10, 100 e 1000 de números terminados em zero. Divisão exata e inexata. Prova dos 9, das quatro operações. Números primos. Decomposição de um número em seus fatores primos. Noção de divisor de um número. Mínimo múltiplo comum e Máximo divisor comum. Frações ordinárias: números mistos extração de inteiros, comparação e equivalência de frações. Simplificação. Os 3 casos de divisão de frações decimais e os 3 casos de frações ordinárias. Frações decimais. Sistema métrico: medidas de superfície e de volume. Abreviaturas e equivalência das unidades principais, nas medidas já conhecidas, do

(Conclui na pág. 23)

Advenir de Souza Lima

Entrevistado

por

GENERICE A. VIEIRA



Participando do movimento pedagógico renovador que anima o país, um dos objetivos da "Revista do Ensino" é noticiar campanhas ou iniciativas. Sua intenção, ao divulgar debates educacionais dos grandes centros, é não só informar como também levantar problemas, sugerir pesquisas, enfim motivar experiências que possam, espontaneamente, conduzir à revisão de princípios e técnicas.

Tema do momento: orientação educacional. A "enquête" promovida pelo "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro está repercutindo intensamente no país; jornais de diversas Capitais estão transcrevendo entrevistas. Até esta data (Junho de 57), já foram ouvidas cerca de trinta pessoas — administradores, técnicos de educação e professores da Capital Federal, São Paulo e outros Estados.

Para obter uma visão ampla do assunto, procuramos ouvir ADVENIR DE SOUZA LIMA que, como redatora do "Diário Escolar" do "Diário de Notícias", está objetiva e democraticamente auscultando a opinião pública. Grande amiga da "Revista do Ensino", tendo já auxiliado nosso movimento de divulgação, recebeu-nos com a cordialidade que lhe é habitual.

Mineira de nascimento, ADVENIR DE SOUZA LIMA está, porém, tão comprometida com as realizações educacionais no Rio, há tantos anos tra-

balha no Ministério da Educação, que já é considerada carioca. Sua dedicação à juventude levou-a ao magistério, onde sempre serviu. Atualmente desempenha a função de Chefe da Seção de Fiscalização da Vida Escolar da Diretoria do Ensino Secundário. Seus títulos evidenciam sólida formação, idealismo e capacidade profissional: professora normalista, técnico de educação do MEC, licenciada em Pedagogia pela Faculdade Católica de Filosofia, bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo realizado também o primeiro curso de Orientação Educacional promovido pela "Colméia", sob os auspícios do Departamento de Educação de São Paulo. E, dada sua atração "por tudo o que eleva" emocional, intelectual e materialmente, encontra ainda tempo para se dedicar à prática de estudos de aviação, sendo já portadora de brevê de piloto privado, através do Aero Clube do Brasil, e da licença de piloto comercial obtida no Ministério da Aeronáutica, no ano passado — Ano Santos Dumont — e recém-aprovada em concurso para Meteorologista, realizado pelo DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público).

Esta é a nossa educadora de hoje. Reconhecendo o mérito do roteiro sugerido aos seus entrevistados, propuzemos-lhe o mesmo. Assim, depois de ouvir dezenas de depoimentos, a redatora do "Diário Escolar" do "Diário de Notícias" também se pronunciou sobre o assunto.

— Parece-lhe oportuna e necessária a orientação educacional nos estabelecimentos de ensino secundário?

— Sem a menor dúvida. Unâimes foram, aliás, os educadores entrevistados pelo "Diário de Notícias", quanto a esse ponto. Mais que nunca necessitamos da orientação educacional para que sirva de estelo à juventude em meio à complexidade da vida moderna. Os adolescentes, nesse torvelinho, sobretudo das grandes cidades, são trabalhados por forças centrífugas que tendem a afastá-los do cumprimento de seus deveres, com assustadora frequência. O cinema, o rádio, os jornais, as leituras em geral, as companhias, os exemplos, que manancial desconcertante de idéias, de pensamentos novos ou apresentados sob nova forma!

A vida para a criança e para o adolescente de agora como difere da que tiveram nossos antepassados de ontem?

Considerando essa imensa carga emotiva quotidianamente recebida, não é de surpreender que os nossos jovens necessitem de uma orientação bem segura na escola, onde passam grande parte de seu tempo e onde se espera sejam educados os homens de amanhã, sejam alicerçadas as bases das famílias futuras, das comunidades sociais e religiosas.

— A que atribui o fato de até agora ela não haver sido implantada, apesar de prevista na Lei Orgânica do Ensino Secundário, desde 1942?

— Em primeiro lugar ao nosso brasileiríssimo costume de deixar tudo para a última hora. Em segundo lugar, a orientação, sentimo-lo bem, não poderia ser entregue às contingências de ensaio e erro, tão em voga entre nós. Ela demanda um sério planejamento básico e a utilização de todos os princípios de administração de Fayol não seria superflua em tarefa de tão grande importância.

— Que sugestões apresenta para o recrutamento e formação de orientadores educacionais?

— Para não mais protelar a solução de problema tão urgente como a orientação educacional, creio que seria o caso de durante três anos permitir-se que professores licenciados em Pedagogia e Assistentes formados por Escolas de Serviço Social fossem autorizados a matricular-se em cursos de Orientação Educacional, de um ano pelo menos, que funcionassem em Faculdade de Filosofia, não se dispensando um intenso trabalho de estágio.

Concomitantemente as Faculdades que o desejarem, poderiam providenciar a abertura de cursos específicos de Orientação Educacional, com vasto programa prático, pois teoria apenas não faz orientadores.

Esses cursos, nos moldes dos de Pedagogia, seriam, no futuro, os únicos a formar orientadores educacionais.

— Julga de proveito os cursos "breves" que têm sido organizados em várias Faculdades de Filosofia?

— De proveito, sim, desde que bem organizados. Qualquer curso, onde honestamente sejam ministrados ensinamentos, têm inegavelmente seu valor. En-

tretanto um curso breve será como uma pintura, um arabesco, um complemento, uma cúpula talvez mas não o alicerce. Este não pode ser trabalho rápido. Sobre ele repousará o edifício por décadas a fio ou ruirá nos embates de qualquer força estranha.

— Conhece alguma experiência realizada no Brasil e com que resultado?

— Os estabelecimentos estaduais de São Paulo dispõem de orientador educacional há muitos anos. Nesta Capital, o Colégio Pedro II, estabelecimentos da P.D.F. — entre os quais o Instituto de Educação e ainda o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia empenham-se em manter bons serviços de orientação educacional.

Do Paraná e do Rio Grande do Sul temos alguma notícia a propósito. O Colégio Nova Friburgo está se encaminhando para grandes realizações. As Escolas Industriais disseminadas pelo Brasil contam com orientadores selecionados pela CBAI (Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial).

Também alguns estabelecimentos particulares de ensino não se descuidaram do problema, entretanto essas realizações contadas a dedo, não nos permitem afirmar que a orientação educacional foi implantada entre nós. Só de ensino secundário, possuímos mais de 2.000 escolas no país.

Quanto aos resultados, sinceramente, após ouvir orientadores e visitar escolas de variadas localidades, tirei a conclusão de que os entraves à ação do orientador são grandes e algumas vezes, por que não dizê-lo, o próprio orientador é o entrave.

Não existe ainda entre nós aquilo que seria o ideal e que eu chamaria "a família educacional". Quando era pequena, ouvia sempre dizer que a mestra era a segunda mãe. Hoje penso que a escola deveria ser a segunda família. Diretor, orientador, professores e alunos deveriam constituir-la. Que falta para isso? — O espírito de família. Quando ele existir, até não haverá mais greves de alunos... e de professores.

— Que será menos má: uma orientação deficiente ou nenhuma? Por quê?

— Creio que será menos perniciosa a falta de orientação. O orientador, mercê da nobreza de sua função, deve ser alguém em quem se possa depositar absoluta confiança. E se ele orientar mal, estará colocando alicerces sobre areia... O edifício ruirá. Melhor não ter sido construído pois nas quedas há perigo até de vidas.

— Quais as maiores dificuldades previsíveis na tarefa da orientação educacional?

a) Evitar na função os que pensam que devem ser orientadores mas não devem, por lhes faltar aquélle mínimo, que, aliás, não é pequeno, de qualidades absolutamente necessárias a um trabalho de tal envergadura. b) A falta de entrosamento espiritual entre diretor, orientador, professores, e de compreensão exata, por todos que se num relógio cada peça tem o seu papel, uma não atrapalha a outra e todas tendem ao mesmo fim, na tarefa educativa isso também deveria acontecer.

O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

Palestra realizada pela Prof. ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA D. Federal

Uma das maiores dificuldades encontradas pelo professor de curso primário é, sem dúvida, a de conduzir os alunos à resolução rápida e segura dos problemas aritméticos, a partir da 3.^a série escolar. Digo a partir da 3.^a série escolar porque na 1.^a e 2.^a séries, os problemas, pela simplicidade de que se revestem, pela ligação real que apresentam com as atividades e interesses infantis, raramente se tornam fatores de preocupação para o professor ou de desajustamento para a criança. Mas, a partir da 3.^a série, à medida que as exigências da técnica numérica do programa escolar vão crescendo, o problema dos problemas se vai agravando e não é raro ouvir-se a queixa do professor que procura justificar as falhas do raciocínio dos alunos, alegando falta de base decorrente da má orientação anterior, como não é raro ouvir-se a queixa dos alunos, que classificam de charada qualquer problema que fuja aos padrões a que os habilitou a rotina escolar.

Há crianças que declaram com a maior convicção que não sabem raciocinar, negando, dessa forma, a condição precipua a todo o ser humano. Fazer conta todo o mundo faz, mas resolver problemas só quem tem jeito, quem tem vocação para a aritmética. Chegam mesmo a afirmar: que razão haverá para tal atitude? Se quisermos encontrá-la, teremos de analisar a questão, partindo das causas mais remotas. Convém, pois, começarmos por um rápido exame do papel que os números representam na vida de cada um de nós. Vivemos rodeados de números, somos governados pelos números, não nos movemos sem encontrar números. A que horas nos levantamos? A que horas começamos a trabalhar? De que tempo dispomos para nos transportarmos no local de trabalho? Contamos os minutos, às vezes na hora do trânsito mais difícil, contamos os segundos e as despesas que fazemos a cada instante. E os cálculos que os outros fazem para que nos seja proporcionada a cota de bem estar e que nos achamos habituados.

Numa civilização em que a ciência vem atingindo tão alto nível e não há desenvolvimento científico sem número, não é de espantar que os números desempenham tão grande influência sobre a vida humana. E nós, os professores, não poderíamos estar isentos de tal influência. Nossas atividades na classe são governadas por números e apreciadas através dos números. No entanto, se nos detivermos a examinar como usamos os números, isto é, que problemas numéricos a vida nos apresenta, chegamos à conclusão de que eles em pouco se parecem com aqueles problemas que costumamos propor a nossos alunos, dentro das salas de aula.

Na vida real, todos nós temos problemas numéricos ligados diretamente à nossa pessoa, ao nosso lar, à comunidade a que pertencemos, ao mundo, ao universo. Quanto mais alto o nosso nível cultural, tanto mais complexos os problemas numéricos que temos de enfrentar. As vezes não nos compete resolvê-los, mas é a consciência de que tais problemas existem, de que eles afetam ou podem afetar o nosso bem-estar, a nossa segurança pessoal, a tranquilidade do nosso lar, a estabilidade social, a paz do mundo, o destino sobrenatural da nossa alma, e a consciência de que tais problemas existem, que regula as nossas atitudes, que determina as decisões que tomamos.

Será que nossos alunos, por nosso intermédio, são conduzidos gradativamente a participar desses problemas, a senti-los e a desejar resolvê-los? Quando, na sala de aula, apresentamos um problema de aritmética, que objetivo temos em vista? Qualquer professor nos poderia citar dois objetivos fundamen-

tais: 1.^º) Dar ao aluno capacidade e hábito de enfrentar os problemas que a vida oferece; 2.^º) Treinar técnicas e noções.

O primeiro objetivo é indubitablemente de importância capital e, entretanto, é quase sempre obliterado pelo segundo. Na verdade, o ensino de cada noção ou técnica numérica é seguido de sua aplicação em problemas, na maior parte das vezes desituidos de significado para o aluno, que nela não reconhece, como evidentemente não poderia reconhecer, elementos de ligação com o mundo em que vive. Bastaria ligeira consulta as coletâneas de problemas, destinados ao curso primário, para ter-se a prova de que o segundo objetivo — treino de técnicas e noções — domina quase que inteiramente o trabalho escolar nesse setor.

Quantas professoras terão levado para a sala de aula um jornal, uma revista, um livro, onde elementos numéricos aparecem entrosados em situações que merecem ser analisadas, trabalhadas, resolvidas. É certo que não poderíamos esquecer os três valores que o ensino de aritmética no curso primário deve representar. Primeiro, valor instrumental, que permite ao aluno adquirir conhecimento da técnica que o capacita a resolver os pequenos problemas numéricos da vida cotidiana e que, via de regra, são de estrutura muito simples, abrangendo contagem, adição ou subtração, algumas vezes multiplicação, raras vezes divisão ou uso de fração. Segundo, o valor preparatório, que possibilita ao aluno base para enfrentar as questões que terá de estudar no curso secundário, justificando-se, à essa luz, o ensino de típicos, tais como fatoração, mínimo múltiplo comum, máximo divisor comum, etc. Terceiro, valor cultural, que dá ao aluno atitude de interesse pelas situações numéricas que afetam os grupos humanos, desde a família até a pátria e o mundo inteiro, e a capacidade de, entendendo essas situações, colaborar nas medidas de suas possibilidades para julgá-las, tendo em vista o bem comum.

Se o problema de aritmética no curso primário atendesse apenas ao valor instrumental, atingiria somente a 2.^a série primária, e como o valor instrumental se prende diretamente às necessidades e interesses individuais, é bem compreensível razão pela qual, até a 2.^a série, os alunos sentem facilidade e prazer na resolução dos pequenos problemas que lhes são propostos.

Quando o valor preparatório começa a destacar-se do programa, alunos de meios econômicos mais favorecidos, que têm maiores probabilidades de prosseguir nos estudos, mediante ingresso em cursos de nível secundário, recebem no lar estímulos e ajuda cada vez maiores, no sentido de se preparam para os estudos do exame de admissão de aritmética, e os problemas padronizados, típicos das já citadas coletâneas, passam a ter preferência.

A mecanização das soluções assumem então papel preponderante, em detrimento do raciocínio. Os alunos menos favorecidos economicamente, e que não têm meios para continuar os estudos, não recebendo em casa por consequência, auxílio ou encorajamento, começam, à essa altura, a buscar fora da escola pontos de referência sobre a utilidade daquilo que o professor ensinou, em face das exigências de conhecimentos que a profissão ou ofício modernos lhes vai apresentar. É a hora de renegar o que foi aprendido como inútil e de procurar novas formas de ação que a escola não forneceu e que lhes vão ser indispensáveis. Exemplo marcante dessa afirmação é o caixeirinho de loja, que aprendendo na escola a resolver problemas de compra e troco, dis-

pondo a solução e os cálculos por uma forma determinada, usando subtração e perguntando, via de regra, ao professor se a resposta estava certa, na loja, aprende à própria custa, com o auxílio maior ou menor bondoso do patrão ou dos colegas, a dispor os cálculos por outra forma, a conferir os trocos somando, e a enfrentar a responsabilidade do resultado, certo ou errado.

E' evidente que a escola não o preparou para a luta pela vida nem mesmo lhe forneceu elementos para o ajustamento rápido às novas situações.

E o valor cultural? Dedicarão, realmente, os professores parte de seu trabalho, à tentativa de desenvolver nos alunos o interesse que deve existir em todo ser humano pelo problema da coletividade? Todas essas considerações, entretanto, poderão ter sentido se conseguirmos responder à pergunta mais que razoável dos professores:

Como solucionar problemas para os alunos?

Esta tarefa presume análise inicial das situações que os problemas de aritmética podem oferecer. Há problemas de situação real e problemas de situações imaginárias. Se uma criança adquiriu um livro na Cooperativa Escolar, teve que lutar com um problema que para ele surgiu em situação real. Tal problema, proposto em classe pelo professor aos outros alunos, passou a ser um problema imaginário, com probabilidade de concorrer freqüentemente na vida das crianças d'aquele escola. Menos provável porém, em outra escola, onde não houvesse Cooperativa, cedendo aos pais ou professores o encargo da compra dos objetos necessários.

Evidentemente, se o problema de compra versasse sobre a aquisição de um prédio, ao invés de um livro, a probabilidade da ocorrência desvia-se da vida da criança para a vida do adulto, e assim poderíamos, mediante exemplos sucessivos, atingir a uma situação em que houvesse impossibilidade da ocorrência, malerado a locosa afirmativa de que o impossível acontece. Quanto maior for a probabilidade da ocorrência de uma situação numérica na vida do aluno, tanto maior o valor educativo que dele se colherá. Por outro lado, o exame das situações numéricas capazes de surgir na vida de uma criança, revela tal simplicidade nas noções de cálculo por ela abraçados que não bastaria à mesma a obtenção de uma base segura de conhecimentos de aritmética. Daí decorre a necessidade da utilização para fins de ensino, da situação imaginária tão rapidamente possível ao meio em que a criança vive.

O professor não poderá tirar dos livros problemas de antemão preparados. Nêle sómente deverá buscar inspiração para organizar problemas alinhados ao meio em que vivem os alunos. Desse modo, problemas sobre compra, venda, troco, lucro, prejuízo etc., variando quanto à situação proposta, de acordo com a realidade ambiente.

Um princípio fundamental a ser observado na seleção do problema diz respeito aos dados numéricos nêle utilizados. Nas grandes cidades, mais do que no interior do país, a elevação contínua de preços das utilidades, fenômeno tão corriqueiro, que um problema de aritmética versando sobre o preço da carne, do leite ou dos ovos, redigido em 1954, estaria certamente com valores numéricos desajustados em 1955, e os professores, inexperientes, que por força de seus deveres de alunos do curso normal não tiverem, na grande maioria, tempo e oportunidade para conhecer os elementos numéricos do meio em que vivem, ignorando listas de preços das feiras e armazéns, como poderão estar seguras em relação ao meio onde se acha localizada a escola? Tabelas de preços organizadas cada quinzena ou cada mês abrangendo aspectos diversos do comércio ou da indústria das profissões locais, concorrem indubbiamente para dar não só aos alunos como aos professores elementos valiosos para organização do trabalho escolar.

Evitar-se-ia assim que a confiança na capacidade do professor fosse abalada. Como acreditar que o

professor ensine coisas certas se ele nem mesmo sabe o preço do arroz e do feijão? A leitura bem conduzida de trechos de jornais, de revistas, de livros, traria, por outro lado, material numérico variado e interessante. Dupla vantagem seria conseguida: despertar nos alunos gosto pelas questões numéricas referentes aos agrupamentos humanos e desenvolver o senso crítico justo e equilibrado sobre estas questões. Não se beneficiaria apenas o ensino da aritmética. Lutraria e muito com essas leituras qualquer outra das atividades escolares e provavelmente seria encaminhada a tarefa de informar o leitor, sem dúvida mais fácil que a de reformar os livros, revistas e jornais de caráter sensacionalista ou pernicioso.

Cada problema de aritmética deve trazer no bojo uma informação de valor econômico, social ou cívico. Resolvendo o problema, a criança pode e deve encontrar elementos que lhe permitam conhecer melhor a realidade que a cerca. Para exemplificar, bastaria lembrar-se aqui problemas sobre área, sobre viagens, sobre velocidade de veículos. Por que motivo não fornecer dados reais, coligidos de preferência pelos próprios alunos? Que o enunciado do problema deve ser claro, conciso, com vocabulário no alcance da classe, certamente não haverá convergência de opiniões. Mas o grande problema que os problemas de aritmética oferecem pode ser focalizado na seguinte pergunta: "Como ensinar ao aluno a resolver os problemas numéricos?"

Considerando que a psicologia nos fornece indicações seguras sobre a motivação que deve preceder qualquer atividade do aluno, e sobre os recursos didáticos que permitem manter o interesse inicial mediante reforços habilmente entrosados, limitar-nos-emos a usar os tipos de problemas numéricos, lembrando que do uso adequado desses tipos resultam melhores condições para a orientação do raciocínio infantil. Há problemas simples, abrangendo apenas uma operação ou relação numérica. Problemas compostos, que podem ser desdobrados em uma série de problemas simples, permitindo ao professor localizar as falhas do raciocínio ou da apreciação das técnicas numéricas. Problemas agrupados em torno de uma situação, explorando o interesse pelos mesmos despertado. Problemas seriados, nos quais cada resposta funciona como dado de um novo problema.

Problemas sem dados numéricos, reduzidos à representação da situação, em enunciado cuja leitura e análise proporcionem ao aluno a possibilidade de generalizar a solução. Problemas sem enunciado, propostos pelo professor, em que sómente dados numéricos são fornecidos ao aluno, que deles se utiliza, criando a situação. Problemas sem pergunta formulada, levando o aluno a notar entre duas ou três possíveis conclusões. Problemas sobre números abstratos, visando reflexão da pertinência dos números e das operações. Finalmente, problemas nos quais desdenhamos, por falta de melhor termo, pitorescamente como problemas condensados. Nêles as possibilidades de uma situação numérica são utilizadas em todos os sentidos. Para exemplificar: postos em colunas preços de compra, preços de venda, lucros, prejuízos, seriam colocados dois dados numéricos em cada linha, de tal sorte que resultasse da apresentação geral todas as hipóteses possíveis, cálculo de lucros, cálculo de prejuízo, cálculo de preços de compra, cálculo de preços de venda. Variando os tipos de problemas, o professor consegue atingir de maneira mais completa a todos os alunos. Não há, todavia, uma regra, uma receita mágica, para ensinar a raciocinar. Cada classe é uma classe diferente. Cada aluno é um ser diferente. Cumpre ao professor sentir a unidade na variedade e proporcionar a todos os alunos o máximo de oportunidade antes de agir, reflexão, iniciativa, confiança em si mesmo, independência, interesse pelas questões da coletividade, sem os quais terá faltado o ensino da aritmética.

Técnica de Aplicação do "LER"

Ampliação e revisão de DAISY ARAUJO REGO
Orientadora de Ensino. — R. G. S.

COMO UTILIZAR DE MANEIRA MAIS EFICIENTE O GUIA DE LEITURA "LER. CONSIDERAÇÕES GERAIS. A TÉCNICA. LIÇÕES PRINCIPAIS."

Sr. Professor

"Ao assumirdes a regência de uma classe de ensino primário supletivo, para adolescentes e adultos analfabetos, cumpris uma das mais belas e edificantes tarefas de vossa profissão. Nela haverás de EDUCAR, no sentido mais alto e mais completo do termo."

CONSIDERAÇÕES GERAIS

No educar adolescentes e adultos, devemos atentar certos pontos que poderemos chamar gerais e que, levados em consideração, não só facilitarão a tarefa do professor como, também, possibilitarão para o aluno, um índice de aprendizagem muito maior. Tais pontos, a considerar, são:

1 — É MAIS FÁCIL ENSINAR ADOLESCENTES E ADULTOS DO QUE ENSINAR CRIANÇAS.

Isto, porque o adulto ou o adolescente, é mais capaz de esforço continuado; tem maior número de experiências; MENTALIDADE MAIS DESENVOLVIDA; maior capacidade de atenção, de percepção e de compreensão e vocabulário mais desenvolvido.

2 — O ADULTO TEM MAIS ACENTUADO O SENSO DE AUTO-CRÍTICA.

Por isto, com mais facilidade poderá desenvolver-se nêle um sentimento de inferioridade.

3 — DA NECESSIDADE DE ANULAR ESTE SENTIMENTO DE INFERIORIDADE NO ADULTO ANALFABETO.

Cabe ao professor mostrar-se compreensivo e tornar claro ao aluno, que nunca é tarde, e que nunca "se é velho demais para aprender". Dando noções simples sobre higiene, história, civismo e economia, sistematizando e ampliando conhecimentos que os alunos já possuam, o professor fará com que eles possam sentir que não são tão ignorantes quanto se julgam.

4 — APRENDEMOS COM MAIS FACILIDADE E MAIS EFETIVAMENTE ALGUMA COUSA, QUANDO DECIDIMOS FAZER USO DELA.

Convém, por isso o professor encorajar os alunos a levarem a outrem seus conhecimentos, ensinando à alguma pessoa de sua família, ou de suas relações, aquilo que ele já aprendeu na escola.

5 — A ATITUDE DO PROFESSOR, COMO PESSOA, EM FACE DO ALUNO.

é muito mais importante do que o método da aprendizagem. Disto não se pode esquecer nenhum professor de "educação de adolescentes e adultos".

A TÉCNICA DO "LER"

Organizado por um grupo de educadores, o GUIA DE LEITURA "LER", está baseado no sistema de Laubach, e no vocabulário do adulto.

É mais interessante o nome de GUIA DE LEITURA, uma vez que o termo cartilha é tipicamente infantil.

O processo pelo qual o Guia foi elaborado é o de SILABAÇÃO e nêle a silaba se apresenta, para ser dominada, como unidade de língua falada e escrita. De um modo geral, as lições se dispõem em 3 partes de complexidade crescente, que são:

1.ª parte:

Vogais e consoantes que aparecem sempre com o mesmo valor: b; l; t; v; n.

2.ª parte:

Consoantes que alteram de modo diverso a vogal, quando esta aparece antes, ou depois daquela: s, r, l, m, n.

3.ª parte:

Grupos consonantais: ch, lh, nh, br, bl;
Consoantes de duplo valor: c, g, z;
O "h" mudo e o "j"; as combinações "gu" e "qu";
O duplo som do "z", o "c" e os vários sons do "x".

OBSERVAÇÕES:

Desde a primeira lição, o aluno será levado a ler sentenças. Na segunda e terceira partes há recapitulação de matéria anterior. Para evitar a apresentação da silaba isoladamente, adotou-se o processo da "palavra-chave", onde a silaba se destaca de modo natural. A palavra chave apoia-se em desenhos, claros e simples, sempre que aparece pela primeira vez, e é repetida, no alto da página, na lição seguinte. O ensino da escrita é feito conjuntamente e paralelo ao da leitura. Durante as primeiras lições, o ensino será coletivo.

—x—

AS LIÇÕES PRINCIPAIS DO GUIA "LER"

A 1.ª LIÇÃO:

Todos os alunos deverão ter o Guia "LER", aberto na página 2. Após palavras de encorajamento, o professor pedirá aos alunos que olhem, atentamente, os desenhos da primeira página (atende-se aqui ao aspecto da "visualização") e dirá, então:

"Aqui vemos o desenho de uma 'asa'; em baixo, o de um 'elo' isto é, um anel de corrente; logo depois temos o desenho de uma 'ilha'. E depois?... E depois?..."

Obtidas as respostas o professor explicará que aquelas interpretações, pelas quais eles poderiam dizer asa, elo, ilha, ovo, uva, é o que se chama — "ler desenhos".

Pedirá, em seguida, a um aluno que repita a leitura dos desenhos, em voz alta, enquanto os outros o acompanham, só com os olhos, isto é, "silenciosamente". Novamente falará o professor:

"É evidente que todos nos sabemos ler desenhos; vamos então, ler palavras. O desenho é o retrato de cada cousa, e a escrita, é o desenho, ou melhor a representação dos sons de cada palavra. Após o desenho da asa, está escrita a palavra 'asa'.

—x—

O professor fará o mesmo com as demais palavras, até "uva". Em seguida pronunciará a palavra — "asa" — chamando atenção para o fato de que ela tem dois sons, é pronunciada em dois movimentos, e que o primeiro som é — "a" —.

Convidará, então, os alunos para que leiam tudo o que está escrito na primeira linha. Procederá da mesma forma até a palavra "uva". Nesta altura o professor chamará a atenção dos alunos para a forma e particularidades de cada vogal.

A seguir um aluno será convidado a ler, oralmente, as cinco letras vogais, recomendando-se que os demais o façam silenciosamente; o mesmo será feito na linha seguinte e o professor dirá, que estão aprendendo muito bem, e muito depressa. Explorará, também, o professor, a eles, que estes sons que já conhecem estão em todas as palavras e, portanto, eles já dominam metade das dificuldades da leitura.

Com os diversos nomes que os alunos serão convidados a sugerir, o professor fará vários exercícios e mostrará que nêles se encontram os sons aprendidos, separados ou combinados, e acrescentará:

"Isto é o que vamos aprender; saber ler é saber interpretar os sons, quando isolados, ou quando combinados dois a dois, três a três, etc..."

"Nesta lição mesma, temos um exemplo, na última linha: aqui está um "e", de "elo" e um "u", de "uva". Vamos dizer-lhos um após outro: "e-u". E adiante?... Um "i", de Ilha", e um "a", de "asa": juntos formam "i-a". E adiante?... Um "a", e, agora temos a palavra que todos conhecemos: "ilha". Muito bem! Quem, agora, poderá ler a frase toda?"

Após, o professor pedirá a uns e outros que leiam a frase e depois as demais palavras da leitura. Animará a todos para que leiam. Usará o quadro, para escrever as palavras da leitura, usando, apenas, a letra de imprensa minúscula. A esta altura do trabalho o professor introduzirá o **primeiro exercício de escrita**, com o desenho das vogais. Escreve-las no quadro, chamando a atenção para suas particularidades e para o movimento uniforme, seguindo as direções, da direita para a esquerda, e de cima para baixo.

A princípio, tudo parecerá ilegível, mas, o professor precisará ter paciência, pois o **segredo do sucesso está no fixar cuidadosamente, as primeiras lições**.

Após este período inicial de trabalho, o professor poderá e deverá falar nas vantagens da leitura, dizendo que, o nosso, é um mundo de letra impressa, que os segredos da vida se acham escritos nos livros e que não é vergonha aprender tarde, pois muitos homens célebres só aprenderam a ler e escrever, quando já eram adultos: um antigo governador do Estado do Ceará, Luiz Gama, Abrão Lincoln e outros.

Em seguida pedirá aos alunos que abram novamente o Guia, para uma verificação importante: saber se todos os alunos conseguem distinguir as letras pequenas no fim de cada linha. (Há pessoas que não vêm bem.)

A 2.^a LIÇÃO:

O mais importante é recapitular o que foi aprendido na primeira lição e verificar se as vogais estão dominadas. O professor valer-se-á do quadro e do livro para o repasse. Sem que a primeira esteja dominada, não será abordada a 2.^a lição. Aprendido este ponto o professor dirá:

"Aqui em cima estão os desenhos conhecidos de vocês e, embaixo de cada um, o 1º som da palavra que elas representam. Olhem para as linhas de baixo e vejam estes ali, se encontram combinados com outros que não podem soar sózinhos.

Esta figura maior o que representa? Muito

bem! Ao lado está escrita a palavra "bo-la". Quantos sons tem?... Dois: bo-la. O primeiro som se encontra na linha de baixo, procurem-no. Procurem, agora, na linha seguinte, o "pedacinho" — "la" — Muito bem!

Vejam os "pedacinhos" da linha seguinte. Lêem-se assim: ba, be, bi, bo, bu. Como leremos os da linha seguinte, abaixo?...

Com estas perguntas o professor orientará os alunos, no sentido de que eles mesmos **"descubram" tudo o que é possível conhecer sózinhos**, e assim, induzirão a diferença que existe entre sinais, que tem som próprio, e sinais que não o têm.

A GRANDE DIFERENCA ENTRE ENSINAR ADULTOS E CRIANÇAS ESTA EM QUE OS ADULTOS, QUANDO BEM ORIENTADOS, ISTO É, QUANDO BEM CONDUZIDOS, DESCOBREM POR SI O QUE ENTÃO DESCONHECIAM.

Combinadas as silabas, que não serão soletradas, o professor encorajará os alunos a lerem as colunas seguintes, auxiliando-os.

Começará pela 1.^a, à esquerda, "descobrindo" nela "pedacinhos" já conhecidos. O professor dirá que estes pedaços separados chamam-se silabas; lida a primeira, passará à segunda, terceira e, após, às palavras finais.

Diversos exercícios serão feitos no quadro, com cartazes, palavras soltas, silabas para combinar e outros, atendendo sempre para que o aluno não se fatigue e nem se enfade.

Na segunda lição os alunos copiarão as palavras do modelo e as demais, em manuscrito, atendendo o professor para a posição, material e condições necessárias à uma aprendizagem correta da escrita.

Realizará a esta altura e como decorrência de palestras entre professor e alunos, uma revisão das noções que eles possuem de história e geografia Pátrias. Não serão feitas exposição e dissertação, apenas uma conversa natural, entremeada por perguntas e respostas.

Em a última meia hora de aula o professor recapitulará a lição a fim de melhor fixá-la.

—X—

A 3.^a LIÇÃO:

Recapitulação das duas lições anteriores que, se não dominadas perfeitamente, serão novamente estudadas em exercícios diversos.

Ao passar para a 3.^a lição o professor procederá de maneira idêntica à que usou na 2.^a lição, chamando a atenção do aluno para o alto da página, onde há palavras e silabas que já conhecem.

Observar o desenho maior e a palavra que o nomeia, chamando atenção para a silaba conhecida e ensinando a nova.

Ao proceder a leitura das linhas e colunas abaixo, o professor conduzirá os alunos a descobrirem, por si mesmos, comparando os diferentes sons. Após meia hora de leitura os alunos serão convidados a escrever, copiando a última linha do livro e as palavras que o professor escreverá no quadro.

O período seguinte será de palestra, onde o professor contará como nasceu a escrita, e as primitivas maneiras de executá-la. Fará, também, a história da evolução que ela sofreu no tempo, ate o presente.

Como exercício de composição oral, poderá convidar os alunos a contarem fatos que lhes tenham ocorrido. Sondará seus conhecimentos matemáticos e as noções que já possuem sobre o número. Tudo será feito oralmente, pois a escrita e a leitura do número só terá inicio, mais tarde.

—X—

A 4.^a E 5.^a LIÇÕES:

Em cada uma destas lições serão observados os meios passos da 2.^a e 3.^a lições. Recapitula-

Fundamentos e Técnica da Recreação Para Adultos

GEORGINA CREIDY

Do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura — R. G. S.

O trabalhador, este operário anônimo que trabalha sem horas, nem glórias para o engrandecimento do país, este homem que sacrifica anos de vida na luta insana, sem esmorecer nem titubear, jamais teve tempo para se distrair, pois não tinha por assim dizer, direito a horas de lazer.

Desde que foi instituído para o trabalhador o horário semanal de trabalho, mais tempo lhe sobrou para o descanso e consequentemente mais horas de lazer para sua recreação. Charles Dickens, o grande escritor da época Vitoriana na literatura inglesa, muito se debateu pela classe do operariado, procurando melhorar as suas condições de trabalho. Além deste, outros grandes reformadores sociais trabalharam com esta mesma finalidade na Inglaterra, França, Alemanha, etc. Graças a essas idéias de solidariedade humana, o trabalhador deixou de ser um mero objeto do trabalho, passando a ser considerado um membro integrante da sociedade.

Depois de estar várias horas na fábrica, em atenção constante no trabalho que executa, ouvindo o barulho ensurdecedor das máquinas, o operário está exausto e sente a necessidade de descansar. No entanto, o descanso físico só não basta; é preciso algo mais. Mas, não é só o operário o que trabalha. Há também os comerciantes, vendedores, industrialistas, professores, médicos, e todas as demais profissões liberais que necessitam de algumas horas de recreação.

Uma pequena minoria sabe procurar por si só como passar as horas de lazer de uma maneira que lhes traga o descanso necessário e o prazer. A grande maioria necessita que sejam estas recreações organizadas por outrem. Surge então a necessidade dos poderes competentes interessarem-se pela organização de uma recreação só ao mesmo tempo educativa.

Temos aqui, em P. Alegre, a fábrica Renner, que com muito carinho cuida do bem estar de seus empregados. Possue clubes como o de tênis, futebol, natação, etc., orquestra formada sómente por funcionários, e todos os demais meios de uma recreação sadias. Durante as horas de refeição, no restaurante exclusivo de seus operários, ouve-se música selecionada.

Outra empresa que tem um cuidado muito especial pcia recreação de seus funcionários é a companhia de aviação VARIG.

O seu clube de recreação está situado numa das praias próximas de Porto Alegre. Este clube foi construído pelos próprios funcionários, que nos dias de descanso semanal para lá se dirigiam com suas famílias, ajudando com o seu trabalho manual, a erguer a construção que se tornaria o seu ponto de reunião e recreação nos dias de descanso.

Infelizmente, não são todas as direções que têm este cuidado em elaborar um programa recreativo para aqueles que trabalham sob sua direção. Cum-

pre então ao Estado procurar desenvolver um programa de recreação para adultos, de modo que o maior número possível de pessoas possa ser beneficiado por ele.

O trabalhador, operário ou intelectual, que tiver suas horas de lazer bem preenchidas, isto é, que senta prazer neste descanso, irá beneficiar não somente a sua saúde, mas também aumentará sua capacidade de produção.

O cinema, entre as recreações modernas, atingiu uma grande importância em todas as nações do mundo. Milhares de pessoas assistem diariamente as sessões cinematográficas. É um dos mais populares meios de recreação, pois agrada a todos, sem distinção de cultura ou classe social. É um meio poderoso para exercer influência sobre as massas, pela facilidade de compreensão e por não exigir muito esforço das pessoas que assistem a um filme. Disse Afrânio Peixoto: "O cinema é a maior das invenções da civilização humana". Bernard Shaw: "O livro pode agradar a um por cento dos leitores, o teatro a dez por cento dos espectadores, e cinema a noventa por cento". Sob o ponto de vista educativo, o cinema muito pode fazer e tem feito para demonstrar técnicas de educação. Nos Estados Unidos da América do Norte são muito aproveitados para a educação de crianças, adolescentes e adultos, os filmes educativos. A maioria das escolas tem programas cinematográficos com esse tipo de filmes versando sobre os mais variados problemas de filmes versando sobre os mais variados problemas de crianças desajustadas, lições de trânsito, história natural, ciências sociais, etc.

Nas reuniões de Pais e Mestres, conforme tivemos oportunidade de observar, são passados filmes sobre problemas educacionais, dando assim aos pais a ocasião de melhor compreender os problemas que lhes tocam tão de perto.

A importância das bibliotecas públicas já havia sido compreendida por Júlio Cesar que, não fosse o ter sido assassinado, teria concretizado o seu projeto de fundar bibliotecas públicas em Roma.

Com o correr dos tempos, a biblioteca popular foi adquirindo grande importância como valor educativo do povo. Modernamente, ela é considerada como um dos melhores instrumentos de educação. Vários são os tipos de bibliotecas: as especializadas em diversos ramos do conhecimento humano e as de cultura geral.

A biblioteca circulante trouxe um grande benefício à população dos bairros onde não existe uma biblioteca instalada, pois da oportunidade a que o povo possa desenvolver seus conhecimentos, sem a necessidade de adquirir os livros que deseja ler.

A leitura é uma das melhores distrações para as horas de lazer. Entretanto, não é suficiente o saber ler, mas também saber o que deve ler. A bi-

(Conclui na pág. 54)

O I Seminário Sul-Rio-Grandense de Sociologia

Por iniciativa da Comissão de Ciências Sociais do I.B.E.C.C. (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) e patrocinado pela Secretaria de Educação e Cultura, teve lugar em Porto Alegre, de 13 a 16 de outubro próximo passado, o I Seminário Sul-Rio-Grandense de Sociologia que congregou professores de Sociologia e Antropologia do Rio Grande do Sul e especialistas no campo das Ciências Sociais especialmente convidados.

Ao término das Sessões de estudo foram apresentadas as seguintes recomendações:

RECOMENDAÇÕES

1. — que, nas atividades de ensino, bem se distinga entre a sociologia como ciência pura e os os efeitos que, para a formação da personalidade, de seu estudo possam decorrer;
2. — que, antes de se introduzirem em determinadas comunidades inovações capazes de provocar mudanças culturais, se estudem os possíveis efeitos sociais dos mesmos a fim de serem evitados os inconvenientes e sejam conseguidos os melhores resultados positivos;
3. — que, tendo em vista as rápidas e profundas mudanças culturais, que se processam em nosso Estado, sejam feitas pesquisas, verdadeiramente objetivas e científicas, daqueles aspectos mais significativos em cada comunidade ou região;
4. — que sejam criadas por instituições privadas ou públicas fontes de coleta e informações sobre oportunidades para professores e pesquisadores sociais, levando-se em consideração o papel estimulante que a utilização de seus serviços tem sobre quantos se inclinam para este campo das ciências sociais;
5. — que aquelas instituições, públicas ou privadas, que intervêm nas planificações regionais,

NOTÍCIA

CIDADE DO VATICANO — O Papa compôs uma "peça do Professor", cujo texto autografado o "Osservatore Romano" reproduziu:

"Verbo incarnado, Mestre dos mestres, Jesus amabilíssimo, que Vós dignastes vir ao mundo para indicar, por Vossa sabedoria infinita e Vossa bondade inesgotável, os caminhos dos céus aos homens, escutai, com benevolência, as humildes preces dos que, seguindo Vosso exemplo, desejam ser mestres católicos dignos deste nome, mostrando às almas os caminhos seguros que a Vós conduzem e, por Vós, a felicidade eterna".

nais ou locais e nos processos de reorganização social, procurem integrar seus grupos de trabalho com pessoas tecnicamente habilitadas em ciências sociais;

6. — que na organização e execução dos programas de ensino da Sociologia também se leve em consideração a proveniência escolar e os futuros interesses profissionais dos alunos a quem se destinam os diversos cursos, bem como, seja prevista a integração desse conteúdo programático com os das demais disciplinas do currículum;
7. — que os professores de Sociologia em escolas normais procurem dar ênfase ao estudo das relações da escola com a comunidade, visando mesmo capacitar os futuros professores a transformarem sua escola em centro ativo da comunidade;
8. — que, para o melhoramento do ensino e desenvolvimento do estudo da Sociologia se considere o professor como elemento fundamental, propiciando-se-lhe tempo e recursos para o exercício proveitoso de sua missão;
9. — que os estabelecimentos de ensino procurem enriquecer suas bibliotecas no setor das ciências sociais, inclusive pela assinatura da revista "Sociologia", criando oportunidades efetivas da utilização dessas fontes pelos alunos, na forma de pesquisas pessoais, estudo dirigido e seminários de análise bibliográfica;
10. — que os membros da Sociedade Brasileira de Sociologia, no Rio Grande do Sul, considerando a necessidade de intercâmbio regular e periódico entre quantos se dedicam à pesquisa e ao ensino da Sociologia, promovam a criação da Seção Regional da referida Sociedade;
11. — que, enquanto não se formar a Seção Regional da Sociedade Brasileira de Sociologia, se promova o intercâmbio cultural, troca de experiências e desenvolvimento dos estudos da Sociologia, através da realização de seminários, cada dois anos, e de outros encontros, gerais ou regionais, comuns ou especializados, quando a oportunidade o sugerir;
12. — que sejam tomadas pelos senhores professores na devida consideração as relações entre o folclore e a Sociologia e que se dê àquele tratamento particular nas pesquisas de campo, ao mesmo tempo que se procure estabelecer normas de investigação, técnicas especiais de inquérito e limites de áreas folclóricas.



OBSERVAÇÕES EXPERIÊNCIAS



RESPIRAÇÃO

Prof. LUIZ MACEDO — Professor
Catedrático de Curso Normal de
Metodologia das Ciências Naturais.
Rio de Janeiro — D. F.

Observe que após uma corrida ou um trabalho muscular exagerado, respiramos mais rapidamente. A respiração se torna mais rápida, mais ofegante.

Normalmente o ar está entrando e saindo de nosso corpo sem que o percebamos.

A entrada do ar é a **inspiração**; a saída do ar, de nosso corpo é a **expiração**.

A primeira observação deve ser relativa ao número médio de movimentos respiratórios por minuto (16 a 18 por minuto).

A segunda observação deve ser relativa ao caminho percorrido pelo ar ao entrar em nosso corpo; feche a boca e observe como pode (e deve) respirar; o ar pode e deve entrar pelas fossas nasais. Feche a boca e comprima, por um momento, as narinas; verifique então que não consegue respirar.

Observe que durante a entrada de ar (inspiração) a caixa torácica parece aumentar de tamanho (dilatar-se); observe que após a saída do ar, a caixa torácica diminui de tamanho.

1 — Ao fazer movimentos respiratórios forçados, em uma aula de educação física, é comum para facilitar a saída de excesso de ar, abrir a boca, saindo o ar por ela. Ao fazer este movimento de ex-

piração forçada, coloque a mão diante da boca e compare a temperatura deste ar expirado com a do ar ambiente.

Conclusão — O ar expirado é mais quente que o ar ambiente; logo a temperatura de nosso corpo, de onde veio o ar expirado, é mais elevada que a do ar ambiente.

2 — Faça outra expiração forçada e ao expirar o ar excessivo pela boca, coloque diante destes um espelho limpo; observe que no contacto com o ar expirado há uma alteração no espelho: ele fica embaciado. Passe o dedo sobre o espelho e observe o resultado.

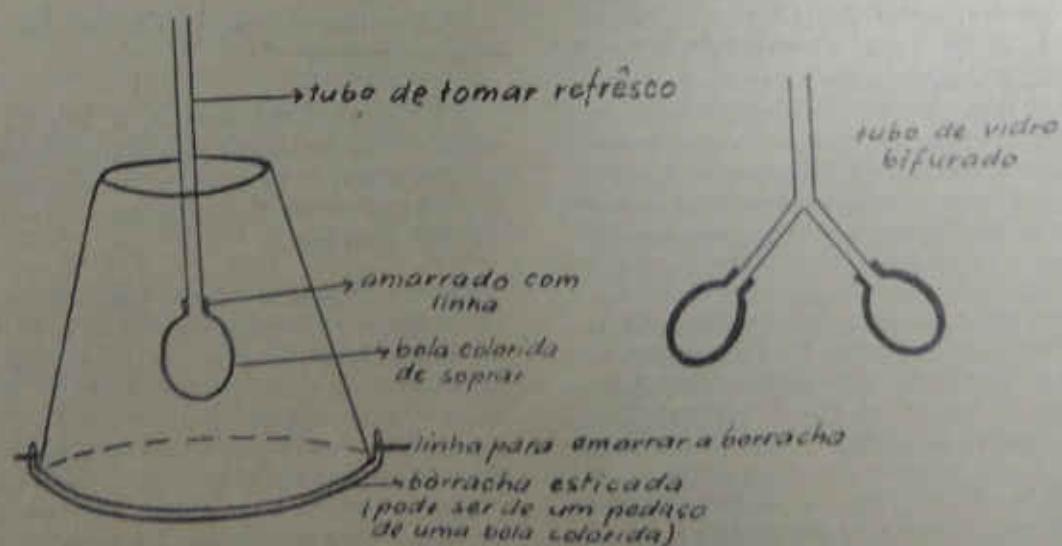
Conclusão — Pela expiração se desprende vapor d'água.

3 — Experiência do Pulmão de Copo

Repare bem no ato respiratório; no entrar o ar nos pulmões estes se dilatam; após a saída de ar, elas diminuem.

Este aumento e diminuição de volume dos pulmões serão o resultado da entrada e saída do ar? Ou será que a entrada e saída do ar são consequências do trabalho de alguns músculos? (deve recordar-se que há músculos que influem na respi-

(Conclui na pág. 39)



METODOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO

(INICIAÇÃO NA CATEQUESE)

NOTA DA REDAÇÃO:

MADRE TERESA DE CRISTO LEZIER, O. S. U., é uma religiosa francesa que há 3 anos se encontra no Brasil. Licenciada pela Faculdade Católica de Lille (França), realizou o curso de pedagogia superior no Instituto Católico de Paris. Dedicada aos problemas educacionais, está lançando as bases de uma psicopedagogia catóqueta verdadeiramente funcional que possa se ajustar às exigências sociais do estudante católico da atualidade. Com esse objetivo visitou diversos países europeus, observando e pesquisando para melhor sentir, na prática, os problemas fundamentais da mocidade de hoje. Agora encontra-se no Distrito Federal. Veio frutificar para nós toda sua amadurecida experiência de vida e trabalho.

REVISTA DO ENSINO congratula-se com seus leitores pela oportunidade que Madre Teresa nos dá de divulgar uma iniciativa original, pioneira, no setor da formação religiosa. Iniciamos hoje a publicação do 1.º de uma série de trabalhos práticos que estão se realizando nos cursos primário, secundário e universitário da Faculdade Santa Úrsula, Rio de Janeiro.

O FIM DO ENSINO RELIGIOSO

D. Ana é muito dedicada e piedosa; ela ensina Catecismo em sua paróquia, e as crianças sempre têm as melhores notas.

Numa conversa com amigas, ela explica sua maneira de proceder.

"Começo sempre com a oração, um Pai Nossa, uma Ave Maria, uma ou duas invocações.

Depois disso tomo o catecismo e começo a explicar a lição. Primeiro,uento histórias, as crianças são loucas por isso; ou então, mostro figuras, gravuras; enquanto explico, desenho no quadro ou faço gráficos. Acabado isso, mando ler a fórmula por uma aluna, por outra, depois por todas. (Assim aprendem muito mais facilmente) e indico-lhes a lição que devem aprender. Enquanto a aprendem faço recitar a lição da última vez, e dou santinhos àqueles que sabem melhor.

Dez minutos antes de terminar, levo-as à Igreja para rezarem, mas depois de lhes ter dado bons conselhos — irem à Missa aos domingos, evitarem pecado mortal, etc... Uma vez na Igreja, recitamos em voz alta uma dezena do Rosário e cantamos uma estrofe de "Dá-nos a bênção" ou outra coisa.

Para que elas saibam bem, se as imagens não bastam, prometo um passeio ou um vestido mas, de

qualquer modo, não passo para outro capítulo se o último não estiver bem sabido. Assim, minhas alunas são sempre as primeiras e o Sr. Vigário está muito contente.

Que pensam do plano de lição de D. Ana? Ela ensina Catecismo e educa? Qual é a parte de ensino? e a parte de educação?

Para catequizar é bastante dar hábitos de piedade?

E' isso catequese verdadeira?

Por quê?

Por que acontece a muitos cristãos que conhecem religião, a praticam, têm mesmo hábitos de piedade — não viverem como cristãos em sua profissão, na própria família, na vida privada?

Que lhes faltou na formação?

Conhecem a frase de Gandhi, grande "leader" dos Hindús: "se tivesse visto os cristãos viverem seu Cristianismo 24 horas das 24 horas do dia ter-me-ia feito batizar".

Aí não está uma grave acusação aos cristãos?

E você mesmo, nunca ouviu dizer:

"Oh! os cristãos não valem mais do que os outros".

Os catequistas podem ter uma responsabilidade por esse estado de coisas? Qual?

Que faltava ao Catecismo de D. Ana?

Não será o Catecismo verdadeiro, — "instruir educando" e não "instruir e educar"?

Que fazer? O seguimento destes capítulos vai ajudá-las a ver como, no catecismo, se trata não somente de transmitir verdades religiosas, mas sobretudo, de fazer viver como Cristão.

O Ensino Religioso quer fazer Cristãos

O ensino religioso visa à formação religiosa do homem inteiro.

O CATECISMO disse S. S. Pio XI em 1933, é "uma forma particular de ensino visando os elementos essenciais e principais da religião", quer dizer que é a apresentação da doutrina cristã à inteligência das crianças.

A CATEQUESE é a transmissão da mensagem cristã que deve dirigir a conduta, quer dizer que é a apresentação da doutrina cristã à todas as faculdades humanas: inteligência, vontade, sensibilidade, graça e vida sobrenatural;

— ao homem em todas as situações para que ajude nelas como cristão;

— ao homem de qualquer idade, enquanto o catecismo é para as crianças sómente.

O ensino religioso ou catecismo é uma parte da formação religiosa ou catequese.

O que queremos fazer, em nosso ensino religioso, é a catequese das crianças pelo catecismo.

Cada vez, então que falarmos em Catecismo, entenderemos CATEQUESE, pois queremos apelar para todas as potências da criança, potências naturais e sobrenaturais para suscitar nela uma resposta pessoal de fé, para que aja como cristão em toda sua vida, em todas as situações.

O fim do ensino religioso é: formar a fé viva que faz nascer a esperança e se manifesta pela caridade.

A doutrina cristã não é um fim em si mesma; ela deve conduzir a Deus. Não se aprende a religião só para sabê-la, mas sabe-se para melhor viver.

O CATECISMO É ENSINO

1 — Trata-se então primeiramente de ensinar, de transmitir uma mensagem. Aquela que não a conhece, como poderá amar? Como poderá antes crer? "E a fé que nos faz entrar na Igreja e abre a alma

a esperança e à caridade, diz o Papa Pio X na encíclica "Acerbo nimis", mas a fé é antes conhecimento da doutrina cristã. O catecismo deve ensinar.

Serão necessários como para qualquer ensino: sala, horário, manual, método, "contrôle".

2 — Este ensino é todo especial e consiste em transmitir a Palavra de DEUS. Quem fala no Catecismo é Deus; o papel do catequista é de pôr a criança em contato com Deus para que ela o escute.

E' muito diferente de um ensino profano, mesmo se é dado na mesma sala, nas mesmas carteiras e pelos mesmos professores.

"Na sala em que se ensina cálculo ou história é a palavra do homem que é transmitida.

O aluno é convidado a conhecer as descobertas humanas, a compreendê-las e procurar por si mesmo a doutrina ensinada; é o espírito humano, a palavra humana que está presente.

No catecismo, é a Palavra de Deus que é transmitida ao aluno, é uma revelação feita; o que a criança escuta não vem do esforço da razão humana, mas do Alto e deve pô-la num estado de admiração, de respeito e de confiança que acompanha sempre a presença de Deus.

A geografia como ciência física e social

Olga Bragança Maciel

Do C.P.O.E. da Secretaria de Educação e Cultura — R. G. S.

As modernas idéias acerca do conteúdo e objetivo da Geografia apresentam-se como uma ciência extremamente complexa, em franca conexão e inter-dependência com outros ramos do conhecimento e com outras formas de pesquisa científica, de onde deflue a evidência de ser ela uma ciência a um só tempo física e social.

Abandonou-se a primitiva preocupação de caracterizar essa ciência como uma explanação sistemática de acidentes geográficos e localização dos mesmos, para perquirir-se, com maior interesse, a relação de inter-dependência entre o homem e o meio físico, para verificar-se a interação de forças dinâmicas (humanas) e estáticas (o meio físico), colhendo de tais observações a essência da disciplina.

Um dos pontos básicos em que assenta essa nova conceituação é do domínio público, e, certamente, não escaparia sua constatação à perspicácia mais escassa das pessoas menos dotadas: a conexão, dependência plena, que existe entre a Geografia e a História. Efetivamente, se não poderia examinar fatos históricos sem a referência física, sem a alusão ao local, sem a citação do país, da cidade, dos rios ou das montanhas, em cujo seio ou convívio o fato

histórico se desenvolveu. Seria, realmente, inconcebível a história de Aníbal, sem os Alpes; a fala de Napoleão, sem as Pirâmides; Cesar, sem o Rubicão, o cavalo mítico, sem Tróia; Alexandre, sem a imensidão física do mundo que conquistou; a Armada Invencível sem a referência objetiva aos mares que devassou e que a abrigaram como túmulo.

Todo o ensino histórico, portanto, arrima-se ao estudo da Geografia, estabelecendo-se a relação entre o fato descrito e o local onde ocorreu. Como essa conduta é antiga, surpreende que apenas há pouco tempo haja sido evidenciada a circunstância de que a Geografia vive em grande relação com as ciências chamadas sociais. A conexão sempre existiu, sendo recente, apenas, a consciência dessas ligações. É curial, por exemplo, a evidência de que todos nós, e os nossos antepassados também, relacionamos sempre os locais que estudamos nas cartas geográficas com certos fatos históricos e, principalmente, com os grandes vultos da História: Santa Helena sugere Napoleão; Pôrto Seguro lembra a descoberta; o riacho Ipiranga está ligado à Independência; Atenas impõe Péricles; e assim por diante.

Essas relações, entretanto, são amplissimas, mui-

to mais vastas do que se poderia supor, convindo que relacionemos algumas das ciências que se utilizam da Geografia ou, em verdade, vivem à sua sombra, sem poder prescindir do material que tal ciência fornece, como ciência física: a Antropologia, a Arqueologia, a Sociologia, a Ecologia, a Política, a História, a Geologia, a Linguística, e tantas outras. Em todos êsses ramos do conhecimento o estudioso precisa lançar mão da geografia física, para estabelecer localizações e confrontos.

Reciprocamente, todas essas ciências influenciam a Geografia, tornando-a uma ciência social. E surgem, assim, os diversos ramos da ciência geográfica: geografia humana, geografia política, fitogeografia, zoológica, cosmografia, etc.

Como ciência física, a geografia se preocupa com a seleção, descrição, caracterização e localização dos chamados acidentes geográficos: rios, montanhas, cabos, ilhas, mares, oceanos, continentes, etc. Como ciência híbrida, físico-política, cuida da localização de países, capitais, cidades, limites, etc. E, como ciência propriamente social, preocupa-se com os agrupamentos humanos, em suas múltiplas relações com o meio ambiente: raças, populações, densidade demográfica, distribuição de culturas, ação do meio físico sobre o homem (estatura, temperamento, etc.) e do homem sobre o meio (a modelação do meio físico pela ação consciente dos homens), climas, e tantos outros aspectos desse binômio fundamental.

Está ocorrendo, assim, desde os estudos de HUMBOLDT, RATZEL, RITTER, BRUNES e outros, uma verdadeira revolução no conceito dessa disciplina, guindada, preferentemente, à posição de ciência social, cujo estudo se destina não mais à citação árida dos acidentes geográficos, mas à evidencião dos fatores físicos que influem sobre a vegetação, forma do solo, curso das águas e, sobre o próprio homem, determinando certas consequências e, reciprocamente, pondo em relevo a ação consciente do homem, alterando as condições do meio físico e lutando pela adaptação do mesmo aos seus particulares interesses. Essa luta toma feições peculiares, em cada região da terra, justamente em razão das nuances típicas que o meio resistente (meio físico) opõe, em cada lugar, à ação do homem. Partindo, assim, dessas peculiaridades, servimo-nos, hoje, da ciência geográfica, para, de certa forma, equacionar problemas de relevante interesse social e, muitas vezes, técnico, quais sejam, por exemplo, os econômicos, debatidos em setor particular dessa disciplina. Problemas como o dos transportes, tão vitais para as populações modernas, são, a um só tempo, objeto da Economia e da Geografia Económica.

A inter-penetracão é tão íntima, em certos casos, que certos objetos de estudo chegam a passar de uma ciência para outra, ou, mesmo, gerar a cria-

ção de ciências autônomas. Até a miséria, que é problema de economia, sociologia e política, serviu a JOSUÉ DE CASTRO como tema estreitamente ligado a essa disciplina ("A geografia da fome").

Toda a atividade cultural do homem é apreciada em função de dois marcos fundamentais: o tempo e o espaço, — o que equivale a dizer que todas as ciências devem servir-se, obrigatoriamente, da História e da Geografia. Não há como fugir a essa regra, mesmo em ciências da mais alta abstração, como a moral, o direito e a própria filosofia.

Por essas razões é que, atualmente, consideramos a geografia uma ciência a um só tempo física e social, preponderando, sob o prisma educativo, seu aspecto social, mais diretamente interessante à formação cultural dos educandos, mesmo quando se deva salientar que essa preponderância não implica nem pode implicar no abandono dos estudos específicos da disciplina (meio físico), porquanto são eles que fornecem pontos sólidos de referência para o desenvolvimento dos aspectos sociais dessa matéria.

Principais referências bibliográficas:

1. — LOMBARDO-RADICE, Giuseppe — *Lecciones de Didáctica*, Editorial Labor, S. A., 1950, págs. 359 e segs.
2. — CALZETTI, Hugo — *Elementos de Pedagogia*, 3er. volumen, Angel Estrada & Cia. S.A. — Editores, Buenos Aires, págs. 184 segs.
3. — SCHNASS-RUDE — *Enseñanza de la geografía*, in "El Tesoro del maestro", vol. III, págs. 17-102. — Labor, B. Aires.
4. — AGUAYO, A. M. — *Didática da Escola Nova*, págs. 214 e segs., Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 7.^a edição.
5. — SAUDER, Carl — *Cultural Geography*, in "Encyclopaedia of the social sciences", vol. VI, págs. 621-624.
6. — VALLAUX, Camile — *Human Geography*, in ob. cit., vol. VI, págs. 624-626.
7. — SAPPERT, Karl — *Economic Geography*, in ob. cit., vol. VI, págs. 626-628.
8. — MCKENZIE, R. D. — *Human Ecology*, in ob. cit., vol. V, págs. 314-315.
9. — HELLER, Hermann — *Political science*, in ob. cit., vol. XII, págs. 207-223.

COMUNICADO DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO...

(Conclusão da pág. 9)

sistema métrico. Conversões. Resoluções de problemas que visem objetivar todos os conhecimentos adquiridos.

Triângulo quanto aos lados. Área do quadrado. Área dos triângulos e do losango. Diagonais. Noção de perímetro e determinação prática do perímetro de superfícies regulares e irregulares. Cálculo do perímetro do triângulo e quadriláteros. Cálculo do lado, sendo dado o perímetro.

ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS

OBJETIVOS:

1 — Desenvolver no aluno a importância de sua atuação como responsável, na construção do presente e na defesa do futuro em relação à sua localidade, à sua Pátria, ao seu grupo de equivalentes e à sua felicidade própria.

2 — Provar ao aluno o quanto é necessária uma base de conhecimentos científicos com o mínimo de esforço, no menor tempo possível, e com o máximo de rendimento, ele possa realizar a tarefa que lhe compete na sociedade.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

MÍNIMO ESSENCIAL:

Divisão do Brasil em regiões. Estudo detalhado de cada região. Estados Territórios, capitais, cidades que a compõem; rios, serras, portos, clima e produções principais; riquezas minerais da região; tipo característico de seus habitantes.

Situação do Brasil na América do Sul. Estudo detalhado das Américas do Norte, do Sul e do Centro Continentes. Terras conhecidas no Século XV, Descoberta da América. Breve notícia da situação do mundo político quando se deu o descobrimento do Brasil. Descobrimento do Brasil. Os primitivos habitantes do País. Brasil, colônia de Portugal. Relato cronológico dos acontecimentos que tiveram lugar desde a descoberta até a vinda de D. João VI, para o Brasil. A vinda da Família Real para o Brasil e sua importância para o desenvolvimento do Brasil. Guerras nativistas e primeiras idéias de Independência: vultos, fatos e datas. Independência, D. Pedro I, José Bonifácio, A campanha e as leis da Abolição da Escravatura. Evolução econômica, política e social do País. Transformação do País na grande Nação que é hoje.

ESTUDOS NATURAIS E HIGIENE

MÍNIMO ESSENCIAL:

O HOMEM: Saúde e vida higiênica do homem; vida de relação e higiene mental. Hábitos mentais saudáveis. Profilaxia de doenças contagiosas. Importância da eugenia. Preparação do homem e da mulher para o casamento.

VEGETAIS — Características principais das espécies mais comuns nas hortas, pomares, jardins e hortos florestais. Plantas empregadas na medicina e na indústria. A horticultura no Estado e no País.

Funções do vegetal: nutrição e reprodução. Sementeira e cuidado com as plantas.

PROPRIEDADE DOS CORPOS: Vasos comunicantes. Abastecimento d'água. Fórmula hidráulica. Pressão atmosférica. Barômetro. Sifão. Estado dos corpos. Mudança de estado. Calor. Efeitos do calor. Fontes de luz e calor. Termômetro. Equilíbrio dos corpos mergulhados e flutuantes. Densidade. Peso. Gravidade. Alavancas. Balanças. Principais rochas do Brasil.

ANIMAIS: Mamíferos. Aves. Répteis. Batrâquios. Peixes. Insetos.

MORAL E CIVISMO

Direitos e deveres do cidadão em relação à si próprio, à família, à sociedade, à religião e à Pátria. Noções de dever, de responsabilidade e de justiça. Importância e dignidade do trabalho.

ORAÇÃO DO ALUNO

Ó Maria Santíssima, querida Madalena de Tódas as Graças, no meio dos livros e estudos, aqui do banquinho de minha Escola, procuro o Teu olhar, implorando a Tua proteção. Sei que foste criança como eu e que também estiveste no colégio, por isso venho nesta oracãozinha pedir-te a graça de ser um aluno estudioso, bem parecido contigo.

Desejo que sejas a minha boa mãe e a minha primeira mestra, dando-me as luzes do Divino Espírito Santo, para que eu inteligentemente salba compreender tudo o que minha professora me ensinar. E... quando me sentir cansado!... Ajuda-me!

Não Te esquecas de minha Escola! Fita-a sempre com desvelado amor! Conserva-lhe uma DIREÇÃO de reta consciência e fecundo trabalho. Dá-lhe MESTRAS com almas gêmeas das mães, ensinando antes da beleza da terra a luminescência do CÉU. Olha particularmente para aquela a quem eu chamo de "MINHA PROFESSORA" e dá-lhe inteligência, gosto e abnegação para ser mestra brasileira, mas primeiro heróicamente cristã, capaz de ensinar-me antes dos feitos dos brasileiros ilustres, a Verdadeira História do teu Menino Deus, nascido nas palhinhas de Belém, morto na cruz ensanguentado do Calvário e amorosamente escondido na Hostiazinha Branca do Altar.

Faze-me, na minha Escola, obediência para com minha professora e bondade para com meus colegas, no meu querido Lar, Círculo de Amor, constantemente aceso, junto de meus pais e Rosa Vermelha de fraterno perfume, perto de meus irmãosinhos.

E quando eu crescer e ficar grande! Não deixes que eu me esqueça de Ti, pois quero sempre ser, por toda a parte onde for, a melodia suave de um violino, cantando a glória do Teu nome e a ternura de Teu coração. Amém.

AS CÓRES

CENTRO DE INTERESSE A SER DESENVOLVIDO EM ESCOLA PARA SURDOS

Do Boletim "APSPS" Distrito Federal

Prof. Alpia Ferreira Couto

A. Assunto — Côres (6)

B. Série — 1.^º

C. Motivação: jogo com bolas coloridas (uma de cada cor a ser ensinada).

D. Material:

1. bolas e brinquedos coloridos;
2. caixa com armação para pendurar as bolas;
3. círculo em madeira, formado de seis triângulos destacáveis e coloridos;
4. tabuleiro com várias figuras geométricas coloridas e também de encaixe;
5. sólidos geométricos em cores;
6. mapa do Brasil recortado em madeira, tendo os Estados pintados e também destacáveis;
7. mapa do Brasil em papel;
8. mapas mimeografados para que as crianças pintem os Estados;
9. Bandeira Nacional em tamanho grande;
10. Bandeiras mimeografadas;
11. material para confeccionar um índio e vesti-lo devidamente;
12. gravuras de índios, seus instrumentos e armas;
13. gravuras representando o arco-íris;
14. frutos e flores coloridos;
15. massa plástica para modelar as frutas;
16. gravura de uma igreja;
17. gravura de um sino;
18. figura representando Deus.

E. DESENVOLVIMENTO:

Apresentação das bolas coloridas e organização do jogo.

F. MATERIA:

1. Linguagem:

- 1.1 nomenclatura das cores por leitura labial sintética e leitura ideo-visual;
- 1.2 escrita das palavras;
- 1.3 pronunciação:
 - tic tac do relógio;
 - som do sino;
 - das palavras usadas nas aulas.

2. Aritmética:

- 2.1 contagem das bolas e outros objetos coloridos;
- 2.2 operações, objetivadas com as bolas e demais brinquedos;
- 2.3 comparação do movimento das bolas com o do pêndulo do relógio. Dar a noção de horas;
- 2.4 quantidade de bolas-par, ímpar, dezena, dúzia, meia dezena, meia dúzia.

3. Geometria:

- 3.1 estudo de formas geométricas (triângulo, quadrado, etc.)
- 3.2 estudo de sólidos geométricos (esfera, cilindros, cubos);
- 3.3 nomenclatura das figuras e sólidos geométricos;
- 3.4 desenho dos sólidos;
- 3.5 o estudo será motivado pelo jogo de encaixe.

4. Geografia:

- a) motivação: o estudo partirá da observação das cores dos Estados no mapa do Brasil.
- 4.1 a professora aproveitará para a execução do jogo de encaixe, "Estados brasileiros".
- 4.2 partindo daí, as crianças estudarão o Brasil — idéia de Pátria. A professora dirá que o menino nasce no Brasil — é a sua pátria. Mostrará os Estados em que cada aluno nasceu dizendo que todos nasceram no Brasil.
- 4.3 Pronunciar Brasil (como puderem);
- 4.4 observação do arco-íris.

5. História do Brasil:

- 5.1 Bandeira — as cores da bandeira — amor e respeito;
- 5.2 Cores com que se vestiam os índios brasileiros;
- 5.3 observação de um índio confeccionado pelas próprias crianças;
- 5.4 falar da bondade e trabalho dos índios;
- 5.5 a época em que o Brasil foi habitado por índios.

6. Trabalhos manuais:

- 6.1 modelagem de frutos;
- 6.2 modelagem de sólidos;
- 6.3 confecção de um índio e suas roupas.

7. Ciências:

- 7.1 estudo de frutas e flores;
- 7.2 nomenclatura.

8. Religião:

- 8.1 apresentação da estampa de uma igreja;
- 8.2 chamar a atenção para o sino da igreja;
- 8.3 mostrar um sino e fazer com que as crianças o imitem; o sino faz: tam... tam...
- 8.4 o sino chama para a igreja;
- 8.5 estampa representando Deus;
- 8.6 o sino nos chama para pensar em Deus. Ele está no céu e vê tudo o que fazemos. Deus chora quando não somos bons. Devemos pedir a Deus para sermos bons.

F. Fixação: jogos com nomenclatura de todos as noções ensinadas.

G. Verificação: Os exercícios, a leitura labial e os jogos.

Pedia Tanto a Deus Que o Fizesse Bispo!

Dr. GONÇALVES FERNANDES

Prof. da Fac. de Ciências, Chefe da Secção de Ortodontia e Higiene Mental do Dep. de Saúde Pública de Pernambuco.

NOTA: Para ser lido e comentado em Reunião do "Círculo de Pais e Mestres"

Ex-Doutor Dantas

Seu erro foi justamente este, minha senhora. O rapaz mal entrara no Seminário e já v. o desejava bispo. Porque não pediu a Deus que o fizesse um bom padre? O resto da carreira, bem, os seus sucessos... por que não deixá-los — eis o caso — entregues à Divina Providência?

A teologia não é, decididamente, o meu forte e, ali, de mim, não passo dum pobre cristão que apenas sabe o seu catecismo. Mas, aqui para nós, creio que o bom Deus não poderia ter sido mais generoso do que foi para com a senhora, fazendo com que o seu filho seguisse uma outra carreira para a qual tinha real vocação e não o fugaz entusiasmo que o ia levando a um possível erro.

Em minha conversa da semana passada tomei como exemplo o pai que sabota o futuro do filho

dizendo que ele não dá para nada. Mas é necessário dizer que é igualmente errada uma atitude extrema oposta: "este aqui será um ótimo bispo" ou "aquele ali é um talento" ou "aquele outro é um gênio, vai ser um advogado formidável". Acontece que de tanto ouvirem o pregão os pobres meninos acabam por se convencer mesmo de que são os tais. Na escola, não encontrando o aplauso desabrido nem o "clima" de admiração exagerada com que se acostumaram no lar, essas crianças se tornam desajustadas, se sentem injustiçadas pela professora ("que não enxerga que o menino é in-te-li-gen-tis-si-mo") e o germe duma personalidade paranoide é devidamente inoculado, cultivado e, bem, os "frutos" dessa nociva conduta constituirão outra história, uma história muito escutada nos corredores dos sanatórios, dos manicômios, das penitenciárias e, hoje em dia, até nos corredores dos parlamentos.

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA



Leitura de AFONSO VIEIRA

ALLEGRETTO LEVE E LIGEIRO

Repiu - piu - piu

(1º Período)

Música de Tomás Borba

1, Re - piu - piu - piu Can-tao pos-sa- ri - nho Can-tao pos-sa-
 2- " " " " Lo' vem a ro- ar E pôs-sea can-
 3- " " " " Con-tao pos-sa-ri - nho Mas de rã - ga-
 - ri - nho Mal o Sol su - biu. Repiu = piu - piu Repiu - piu -
 - tar Quan-doum ou-tro-riu.
 - ri - nho Que o Sol su - miu.
 - piu Re - piu - piu - piu - piu - piu - piu. o.c.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR S.E.M.A.

ANDANTE

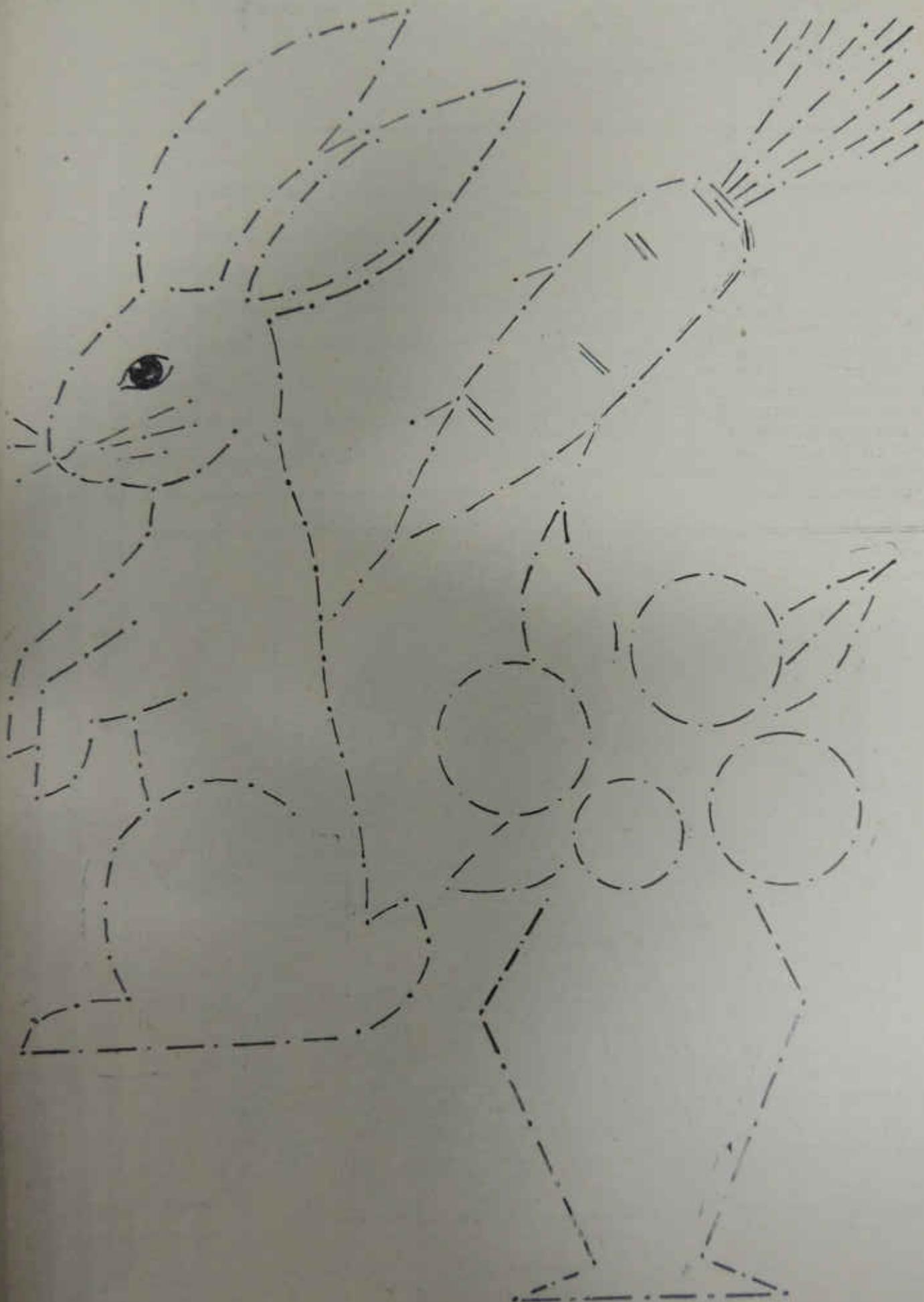
Perguntas

MÚSICA E LETRA DE OLGA BEHRING POHLHANN

o.c.

- 1- Quem fez as flores tão lindas? Não sei! Quem fez as flores tão lindas? Não sei!
 2- Pôs peixinhos no mar? Quem pôs peixinhos no mar? 2. Quem
 3- é que a cor-de-rosa trê-las? Quem é que a cor-de-rosa trê-las? 3. Quem
 4- -mô que o mar não entra na? Co-mô que o mar não entra na? 4. Co Deus
 5- sei quem é que fez tudo eu sei! Eu sei! Eu sei! quem é que fez tudo foi Deus: só 5. Eu

Perfuração e Alinhavo



BICHARADA

O pintinho faz **piu, piu**...
Faz o "louro": **curupaco!**
O gallo: **corococó!**
O capote faz **tou fraco!**
O patinho faz **quem, quem**...

Faz o carneirinho: **mé!**
O peruzinho, **glu, glu...**
E eu só sei fazer **ué!**

Martins D'Alvarez

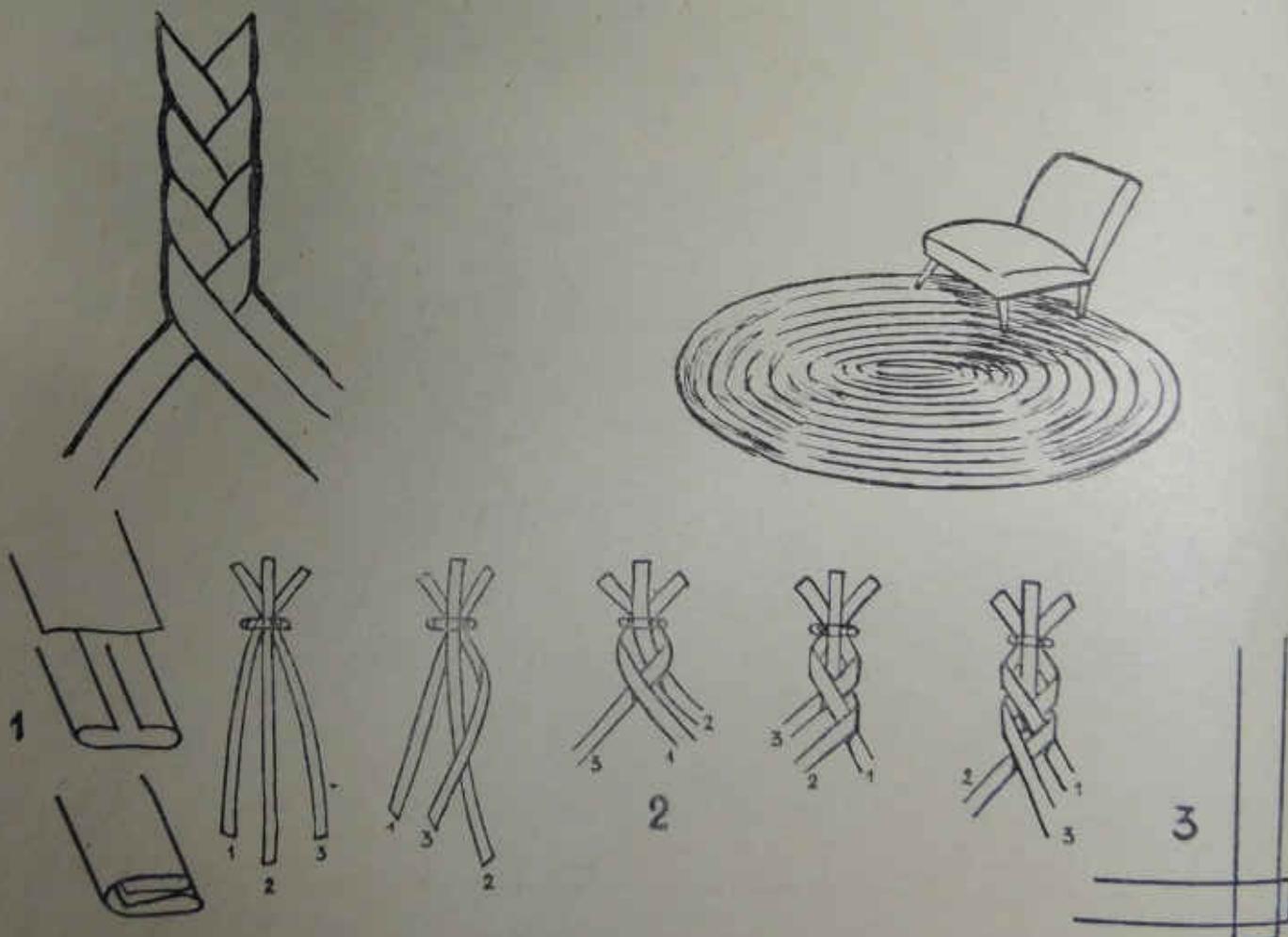
ENFIADAS DE CONTAS DE FEIJÃO

Para substituir as contas de madeira tão apreciadas pelas crianças, sugerimos o seguinte:

Escolha feijão de côn, mulatinho, preto, vermelho ou branco. Quanto mais misturado, melhor. Deixe um dia de mérlio e verá que os grãos ficarão inchados e moles. Arranje agora agulhas com fios bem compridos e fortes, tendo nó numa ponta. Ponha as crianças sentadas, cada uma com sua agulha, a enfiar feijão. Num instante elas pegarão o jeito e sentirão prazer em enfiar 4 ou 5 iguais e um de côn diferente. Depois farão colares e pulseiras de feijão para usarem nas dramatizações.

TRANÇADO

Uma ocupação de que as crianças gostam muito é o trançado. Este pode ser executado em tiras de diversas cores de papel crepom, iniciando-se o trançado pela trança de três tiras, a trança comum. Só depois de ter adquirido o mecanismo, do trançado em 3 tiras e com diversas cores, é que poder-se-á usar tiras da mesma côn, podendo-se também para dificultar o trabalho utilizar 4 ou 5 tiras de papel.



Vamos Recortar Palhacinhos



MEU QUERIDO AUGUSTIN
CANÇÃO POPULAR

Tr.

Maracaí

Clav.

Cast.

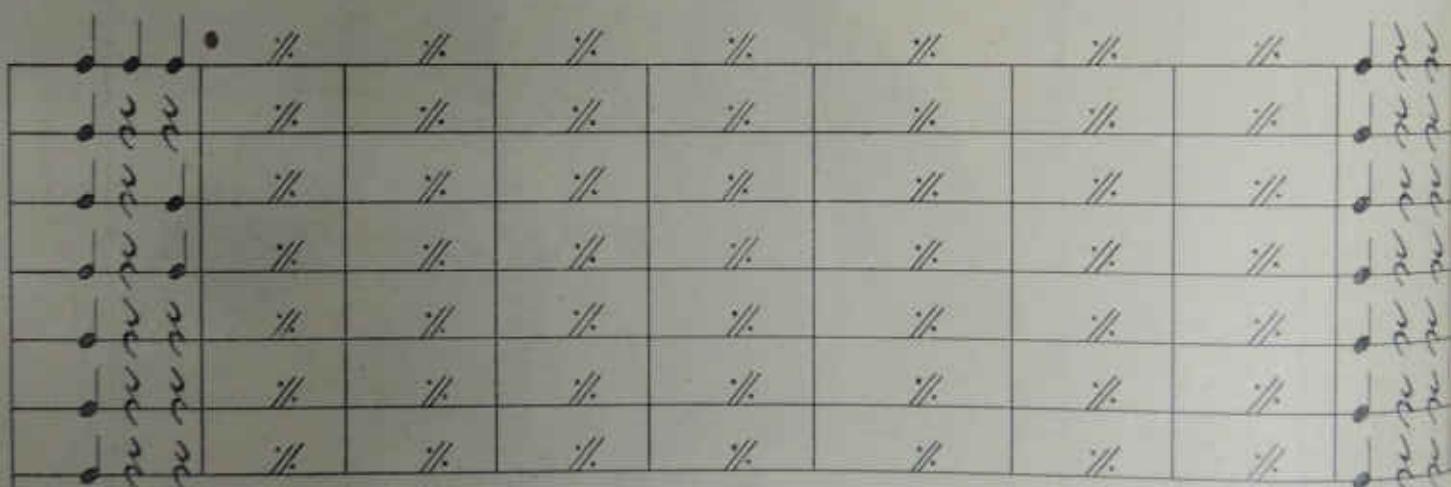
Prato

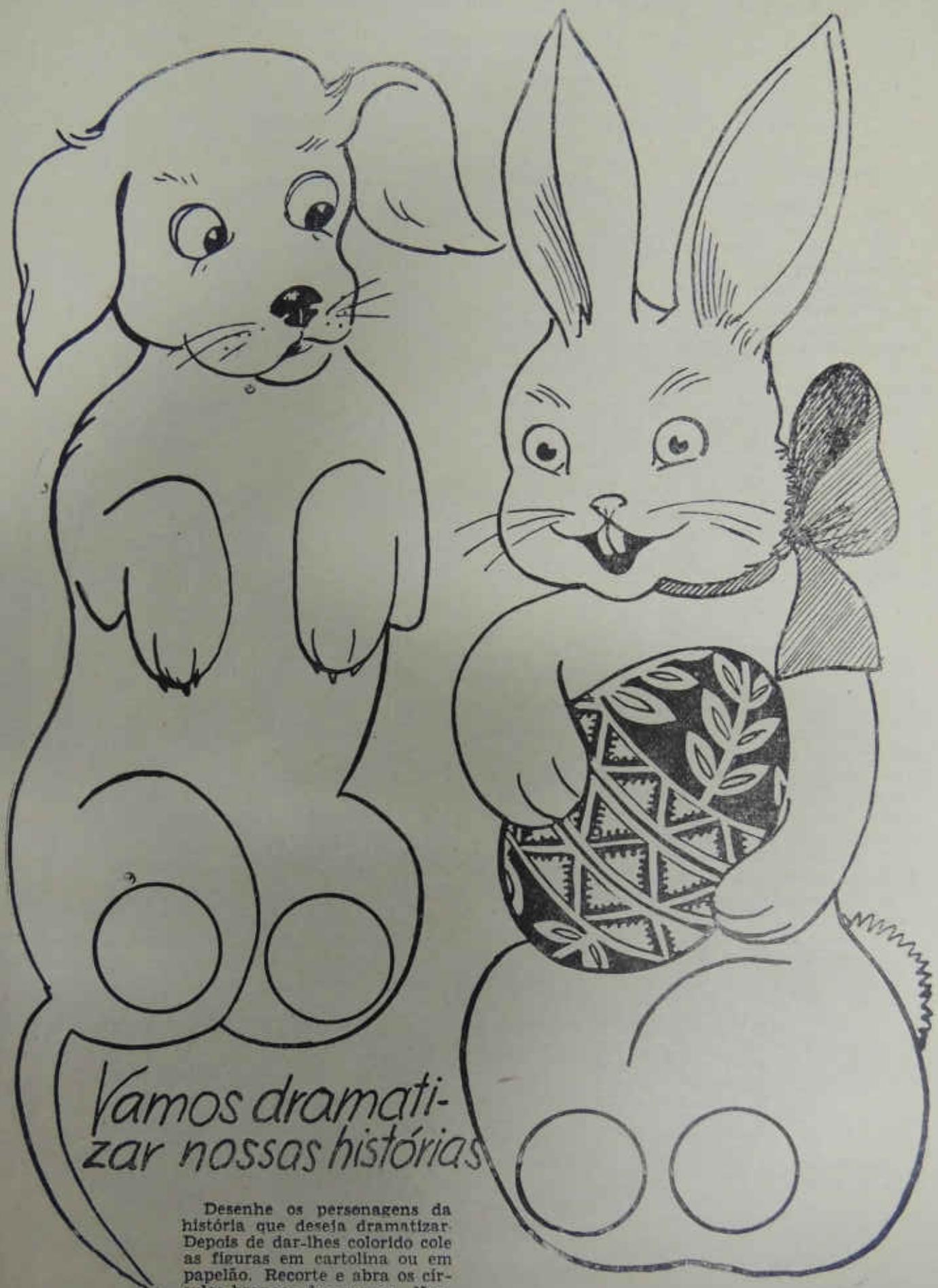
Pand.

Tamb.

PIANO

TEMPO DE VALSA





Vamos dramatizar nossas histórias

Desenhe os personagens da história que deseja dramatizar. Depois de dar-lhes colorido cole as figuras em cartolina ou em papelão. Recorte e abra os círculos brancos das pernas. Nesses orifícios se introduzem os dedos indicador e médio e os bonecos poderão andar.

Trabalhos a serem executados com sementes de Cinamomo

MARIA ALBA TORRES
RUTH IVOTY TORRES DA SILVA
Porto Alegre — R.G.S.

I — NOTÍCIA BOTÂNICA

Nome científico — *Melia azedarach*

Família — Meliáceas

"O Cinamomo é conhecido na fronteira do Rio Grande do Sul e países do Prata, como Paraíso. Árvore de origem australiana, até 12 metros de altura, tronco ereto e casca lisa ou pouco fendas, de cor castanho-escura. Folhas compostas, verde claro com folíolos herbáceos, todos caducos. Flores pequenas, roxo violáceas, em paniculas bonitas e perfumadas. Os frutos são drupas oleosas. Dá madeira ótima para móveis, com desenhos muito caprichosos".

II — APLICAÇÕES DECORATIVAS

Todas as aplicações das contas de madeira — bordado em tecidos, franjas, colares, cintos, bolsas, descansos para pratos, cestos, frutinhos.

III — PARTE DA PLANTA APROVEITADA

Fruto (caroços)

IV — TÉCNICA DE TRABALHO

Preparo das contas

1. Ferver as frutinhas em água com sabão ou com um pouco de soda cáustica, para retirar a polpa dos caroços. Quando se usar soda, após a fervura deve-se neutralizá-la com um ácido qualquer, como vinagre (uma colher para um litro de água), antes de manusear as sementes, para despolpá-las.

2. Lavar em diversas águas, a fim de que os carocinhos fiquem completamente limpos.

3. Tingir, pondo de mólho em anilina (qualquer tinta solúvel na água).

4. Enfiar os carocinhos em arame, enquanto úmidos, para facilitar a introdução da agulha com a linha, quando forem ser aplicados em qualquer trabalho.

5. Envernizar, ainda enfiados no arame, depois de bem secos.

Frutinhas (pitangas)

A — Material:

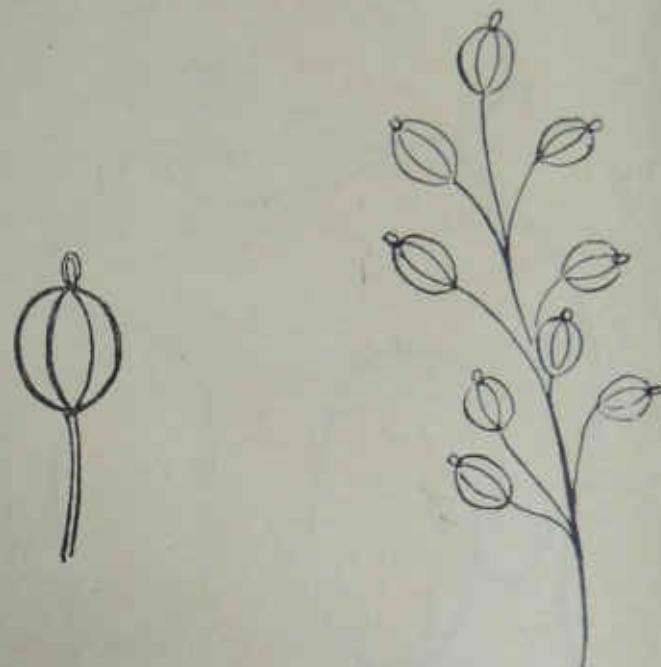
Arame fino, de preferência já recoberto; fios de lã ou de seda.

B — Execução:

1. Enfiar um arame fino no orifício de cada conta ou carocinho.

2. Redobrar o arame numa das extremidades e esconder a ponta no mesmo orifício, para arrematar. Neste arremate pode-se fixar um pedacinho de fio de lã ou de seda.

3. Armar os raminhos ao gosto, isto é, agrupar os frutinhos ou deixá-los isolados.



Cintos e bolsas

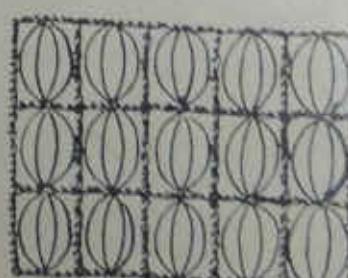
A — Material:

Linha e agulha de crochê.

B — Execução:

1. Enfiar muitos carocinhos no fio de linha de crochê, bem comprido.

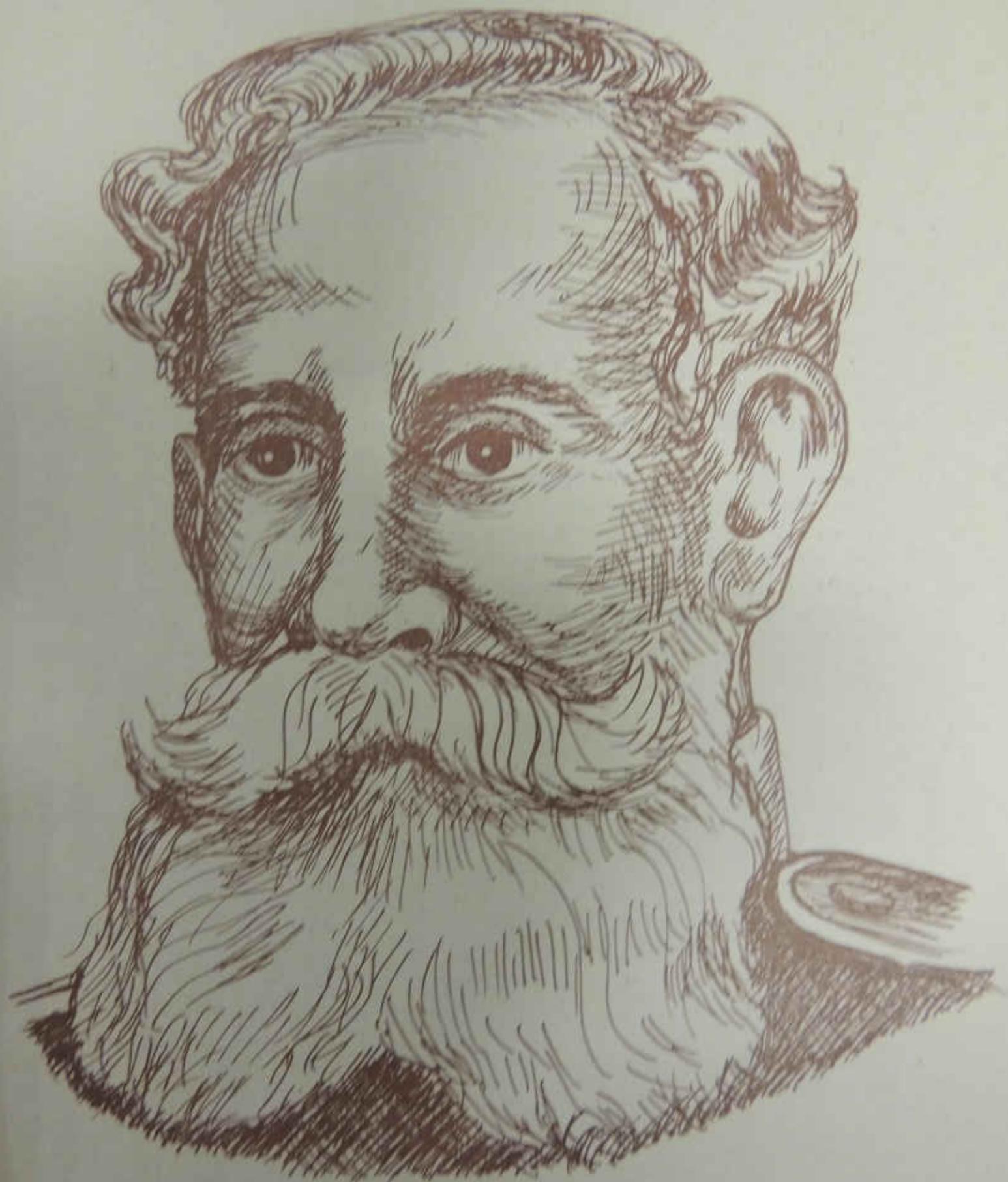
2. Fazer meio ponto ou ponto de laçada (de crochê), de modo a deixar passar uma conta, cada vez que se der o ponto.



Combina-se, ao gosto, as cores da linha com as das contas, que podem ser de uma só cor ou não.

Continua na pág. 63

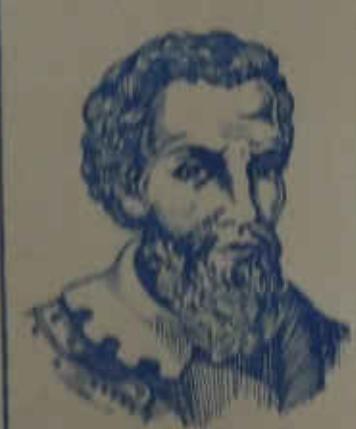
Março de 1958



MARECHAL DEODORO DA FONSECA

MARECHAL DEODORO DA FONSECA

MANOEL DEODORO DA FONSECA nasceu em Alagoas em 1827. Em 1848, depois de ter cursado a Escola Militar, partiu para Pernambuco, que se havia revoltado. Em 1858 serviu no Mato Grosso e, em 1864, tomou parte nas campanhas do Uruguai e, depois, na Guerra do Paraguai, onde se salientou por atos de bravura. Marechal de campo em 1884, tomou parte eficiente no movimento republicano. Em 1889, proclamou a República e, em 1890, chefiou o governo provisório, sendo eleito 1.º Presidente do Brasil, cargo do qual se demitiu em 1891. Faleceu em 1897.



PEDRO ALVARES CABRAL.

Familias de animais



III Congresso Nacional de Professores Primários



No Teatro São Pedro, a solenidade de instalação do III Congresso Nacional de Professores Primários, quando falava a Presidente D. Anfilóquia de Assis.

Como foi amplamente divulgado, realizou-se de 11 a 18 de janeiro, em Porto Alegre, o III Congresso Nacional de Professores Primários, reunindo, aproximadamente, 1.500 congressistas de dezoito Estados do Brasil.

Desde o dia 6 de janeiro começaram a chegar os congressistas dos mais longínquos recantos do País, estabelecendo-se, de imediato, a mais entusiástica cordialidade entre eles.

As sessões preparatória, de instalação e plenárias ocorreram sempre mais de 600 professores que superlotaram os recintos do Teatro São Pedro e Instituto de Educação onde as mesmas foram realizadas.

Tanto as reuniões de conjunto, como nos pequenos plenários onde foram estudados as teses, reinou vivo entusiasmo e perfeita compreensão entre os congressistas.

Foram apresentadas, estudadas e apreciadas em plenário 41 teses, assim distribuídas:

37 sobre assuntos de educação;

4 sobre reivindicações da classe.

Interessante é ressaltar que a maioria das teses versou sobre assuntos de educação o que

Realizou-se com pleno êxito, de 11 a 18 de janeiro, a importante reunião que congregou professores de dezoito Estados do Brasil. As teses apresentadas. O Programa Social.

Fotos — gentileza da "Casa do Amador" Andradina, 1503

vem comprovar que o professor primário se reúne em Congressos mais para debater os assuntos de interesse da criança e da escola que os seus próprios.

Foi desenvolvido extenso programa social e de excursões a escolas, educandários e Colônias de Férias.

Em todos os momentos os congressistas sentiram-se assistidos por autoridades estaduais e municipais, nas pessoas dos Srs. Dr. Ilde Meneghetti, Governador do Estado, Dr. Aristóteles Jaeger, Secretário de Educação e Cultura, Dr. Leonel de Moura Brizola, Prefeito Municipal e seus auxiliares mais diretos, além dos colegas rio-grandenses que procuraram, acompanhá-los e atendê-los de modo a que levassem da terra gaúcha uma boa impressão.

Para que nossos assinantes tivessem uma idéia do que sentiram os congressistas visitantes, transcrevemos algumas opiniões manifestadas através do "Boletim Diário do Congresso", pequeno grande órgão que circulou durante o mesmo, graças ao esforço, entusiasmo e dedicação de colegas que trabalharam dezenas de horas por dia, privando-se de excursões e visitas, para, como verdadeiros jornalistas, cumprirem a missão que lhes foi confiada.



Democraticamente o Sr. Dr. Ariosto Jaeger, Secretário de Educação e Cultura, participou do passeio fluvial que ofereceu aos congressistas, propiciando-lhes a visita ao Grupo Escolar "Almirante Barroso", na Ilha da Pintada. Na foto S. Exa. auxiliando os congressistas a subir ao barco.

EXCURSÕES

- Churrasco oferecido pelo Sr. Prefeito Municipal, Dr. Leonel de Moura Brizola.
- Excursão proporcionada pelo Sr. Secretário de Educação e Cultura, pelo rio Guaíba, visitando nessa ocasião o Grupo Escolar "Almirante Barroso" na Ilha da Pintada e a grande ponte, em construção, sobre o estuário do Guaíba.
- Excursão à cidade de Caxias.
- Excursão à cidade balneária de Torres.



O churrasco que o Exmo. Sr. Engenheiro Leonel de Moura Brizola, digno Prefeito Municipal, ofereceu aos congressistas, oportunizou maior confraternização entre o professorado brasileiro.

N.º DE CONGRESSISTAS

Territ. do Amapá	9
Território do Acre	3
Ceará	3
Rio G. do Norte	1
Pernambuco	7
Paraíba	1
Bahia	35
Espírito Santo	29
Rio de Janeiro	10
Distrito Federal	5
São Paulo	40
Minas Gerais	139
Goiás	9
Paraná	10
Santa Catarina	10
Rio G. do Sul	1.170

FALAM OS CONGRESSISTAS

Prof. LUIZ HORTA LISBOA — São Paulo — "O III CNPP é na minha opinião uma vitória do magistério brasileiro, não só pelo número de educadores que aqui acorreram como, também, pelo sentido idealístico que deram aos principais itens do te-mário. As Comissões mais concorridas são justamente aquelas em que os assuntos poderão melhorar a atividade pedagógica.

Prof. MARIETA NASCIMENTO — Minas Gerais — "A tama de cavalheiresco, de fino trato que desfruta o povo gaúcho confirma-se, mais uma vez ante-nos, mineiros, pela cordialidade com que fomos recebidos e pelos momentos agradabilíssimos como os deste maravilhoso passeio com que somos presentados.

Prof. ANA BRAGA QUEIROZ — Goiás — "Fomos visitar o Exmo. Sr. Governador, Engenheiro Ildo Meneghetti. E que surpresa! Longe do homem fechado, arredio, "posudo", como costumamos dizer, encontramos naquela ampla e magestosa sala de recepções, do belíssimo Palácio Piratini, o homem talhado para governar um povo, democrata, simples, alegre, inteligente, preciso nos seus conceitos e perfeitamente à par da situação não só de seu Estado, sob o aspecto político, social e econômico, como, também, conhecedor de problemas de outros Estados! Palestrando com o Dr. Ildo Meneghetti, sentimo-nos sinceramente, como se estivessemos em casa.

Prof. CELINA CARDOSO — Espírito Santo — "O II CNPP ainda foi esquecido desde a gênese da recepção ao bem estar de todo os congressistas.

Prof. IRMÃO PEDRO CHANEL — Minas Gerais — "Espero que o Congresso Nacional de Professores Primários tenha pleno êxito, devido à ótima organização que a Comissão gaúcha deu ao conclave máximo da classe primária. Sobretudo, quero deixar aqui, a minha admiração pelo trabalho profícuo das mestras gaúchas que trabalharam na preparação do Congresso e o meu agradecimento pela acolhedora hospitalidade que recebemos da gente desta Terra.

DE UMA PERNAMBUCANA — "Fomos generosamente acolhidas. A cordialidade da gente sul-rio-grandense conquistou-nos de raíz. Porto Alegre tem todas as características das maiores capitais do Brasil. A impressão da cidade e da gente gaúcha excedeu a expectativa".

Prof. DAMASCO PENNA — São Paulo — "A visita que fizemos aos GG, EE, "Presidente Roosevelt", "Padre José de Anchieta", "Venezuela", "Rio Branco", e "Almirante Barroso" da Ilha da Pintada, foi suficiente para aquilatarmos o grau de progresso que caracterizam a instrução neste Estado.

E a acolhida do Governo e do Magistério Gaúcho só encontra qualificativo adequado se dissermos que foi simplesmente fidalga.

Quanto ao Congresso, considero altamente auspiciosa a circunstância de que as duas comissões de estudo para as quais afluíram os professores em massa foram as que se dedicaram aos problemas didáticos e à questão da repetência.

SOBRE A REVISTA DO ENSINO:

Prof. ICLEYA G. ALMEIDA — Estado do Rio: "A Revista do Ensino é conhecida e lida em todos os municípios fluminenses. Nós mesmas, somos as maiores divulgadoras das suas qualidades, aconselhando sempre a sua leitura utilíssima e atualizada".

UMA PERNAMBUCANA — "A Revista do Ensino já é, por adoção, uma revista pernambucana".

Prof. LEONIDAS CARDOSO, Diretor do Instituto de Educação do Estado do Rio: "... queria tomar assinatura da Revista do Ensino, ela é apreciadíssima no meu Estado".

Prof. OLGA CAMPOS DE MEDEZES — Bahia — "... o professorado baiano admira e adota a Revista do Ensino".

Prof. SUELY ALBUQUERQUE — Paraíba — "Sou 'fan' da Revista do Ensino e na Paraíba esse periódico é muito apreciado".



Aspecto do auditório do Instituto de Educação, superlotado pelos congressistas, durante as sessões plenárias.

VISITAS

- Visita às praias de Porto Alegre, à Colônia de Férias, em Viamão, e ao "Lar de Menores".
- Visita a Grupos Escolares do Estado.
- Visita ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Ildo Meneghetti, ao Sr. Secretário de Educação e Cultura, Dr. Ariosto Jaeger, ao Sr. Prefeito Dr. Leonel de Moura Brizola e à Assembleia Legislativa.
- Visita a Grupos Escolares do Município.
- Visita às instalações da Varig.



Aspecto colhido na redação da "Revista do Ensino", por ocasião da recepção que esta ofereceu aos seus colaboradores presentes ao Congresso. Vêem-se o Sr. Secretário de Educação, Dr. Ariosto Jaeger, Prof. Juracy Silveira, Prof. Newton Dias dos Santos e a Diretora desta Revista.



Homenageando o professor, S. Excia., o Exmo. Sr. Dr. Ildo Meneghetti, DD. Governador do Estado, ao receber os congressistas, no Palácio Piratini, assinou Decreto criando 220 novas unidades escolares no Estado. Na foto, S. Excia, o Sr. Governador, Prof. Anfilóquia M. de Assis, presidente do Congresso, Prof. Juracy Silveira, convidada especial e Dr. Ariosto Jaeger, Secretário de Educação e Cultura.

MESA DIRETORA DO CONGRESSO, ACLAMADA NA SESSÃO PREPARATÓRIA E COMPOSTA DOS SEGUINTES PROFESSORES:

Presidente	— Anfilóquia M. Assis — R. G. Sul
1.º Vice	— Ana Maria dos Santos Amantino Rio Grande do Sul
2.º Vice	— Luiz Damasco Pena — São Paulo
3.º Vice	— Luiz Sobral Pinto — D. Federal
1.º Secretário	— Corálio Ribeiro Porto — R. G. Sul
2.º Secretário	— Olga Campos Menezes — Bahia
3.º Secretário	— Maria J. M. Miranda — M. Gerais
4.º Secretário	— Vanda Jucá — Territ. do Amapá



A mesa que dirigiu os trabalhos.

CONFERENCIAS REALIZADAS

Prof. Newton Dias dos Santos

Prof. de Metodologia das Ciências da E. N. "Carmela Dutra", D. F. Chefe da Divisão de Educação do Museu Nacional.

Tema: "Como aplicar o método experimental no ensino elementar das Ciências". (com ilustração demonstrativa)

Prof. Paschoal Leme

Técnico em Educação da M. E. C. — Prof. da Escola Normal do E. do Rio — Prof. da Prefeitura do D. F. Membro da Associação Brasileira de Educação.

Tema: "O Cinema na Educação".

Prof. Juraci Silveira

Técnico em Educação do D. Federal — Prof. do Instituto de Educação do D. Federal — Ex-Coordenadora dos Cursos do CRINEP.

Prof. Alda Cardozo Kremer

Diretora do C. P. O. E. — Técnica em Educação do R. G. do Sul. Assistente da Cadeira de História e Filosofia da Educação, da Faculdade de Filosofia da URGS.

PROFISSÕES



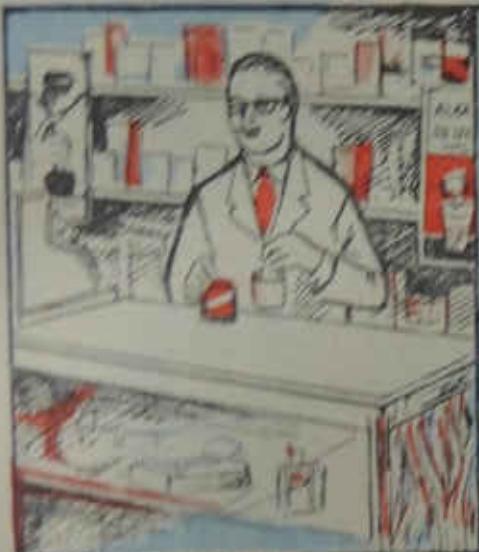
AÇOUGUEIRO



FERREIRO



MÉDICO



FARMACÊUTICO



COSTUREIRA



ENGENHEIRO



JARDINEIRO



BOMBEIRO



VIDRACEIRO



PEDRO ALVARES CABRAL

MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

MARECHAL FLORIANO PEIXOTO nasceu em Alagoas em 1842. Salientou-se na Guerra do Paraguai e foi senador. Após a Proclamação da República, assumiu o cargo de Vice-Presidente e, logo depois, com a renúncia de Deodoro, o de Presidente dos Estados Unidos do Brasil. Abafou uma insurreição em 1893, ocasião em que parte da Armada, revoltada, iniciou o bombardeio da cidade do Rio de Janeiro. Seu governo, o 2.º período governamental republicano, foi cheio de lutas internas e eivado de grandes dificuldades. Por sua inquebrantável energia recebeu os títulos de "Marechal de Ferro" e "Consolidador da República". Faleceu em 1895.



MARECHAL FLORIANO PEIXOTO
Consolidador da República — Marechal de Ferro

Dramatização do X

Escrita, em colaboração, pelas professoras
ARLETE SOUZA e ARACY GUARANYS MELO
D. F.

Observação:

Focalizando o objetivo do presente trabalho e traçando, a título de sugestão, normas para o seu desenvolvimento, esta nota visa facilitar a ação do professor. Para que o aluno possa tirar o maior aproveitamento dessa dramatização, necessário se torna que o professor lhe dê aspecto movimentado e alegre.

Objetivos:

Sua preparação deverá oferecer, dentro da classe, oportunidades reais de aprendizagem, porquanto ela não possui apenas finalidade recreativa: visa facilitar o domínio do emprego da letra X que, por suas múltiplas inflexões, apresenta para a criança sérias dificuldades.

Orientação:

Como em qualquer outro tipo de trabalho similar, deve esta dramatização concentrar o maior número possível de crianças, para atender ao princípio pedagógico que determina se dê oportunidade a todos os alunos. Este trabalho presta-se muito para exercícios seriados, visando a fixação dos diferentes sons do X.

A apresentação completa dessa atividade após o estudo e interpretação de cada sextilha, poderá ser feita no Auditório ou mesmo na sala de aula.

1.º Sextilha:

A primeira sextilha poderá ser apresentada por uma criança (o próprio X) que trará essa letra, confeccionada em cartolina, de acordo com o desenho que acompanha este trabalho e não usará máscara. Será esse aluno uma espécie de narrador que permanecerá em cena no decorrer de toda a dramatização, conduzindo-a pela palavra e pelo gesto.

2.º Sextilha:

Entrará em cena outra criança que, aparentando mascarada, representará um dos sons da letra X; dirá os versos correspondentes à segunda sextilha, seguindo-se, à terminação da mesma, a apresentação, por um grupo de crianças, de cartazes com palavras em que o X tenha o

som de C (por exemplo: o primeiro cartaz poderá apresentar a palavra **auxílio**).

3.º Sextilha:

Para variar o aspecto da apresentação sómente uma criança conduzirá um cartaz, onde estarão escritas várias palavras em que o X apareça com o som de S (por exemplo: iniciar a relação com a palavra **explicação**).

4.º Sextilha:

Ainda o título de sugestão, lembramos que, destacando a palavra **exame**, outro aluno, para dar um aspecto diferente à apresentação do trabalho repetirá os três últimos versos dessa sextilha, concorrendo assim para maior fixação da noção dada. Esse mesmo aluno poderá ainda, para maior aproveitamento dessa atividade, fazer, no auditório infantil, perguntas relativas à noção transmitida. Será, então, apresentado um cartaz com uma relação de palavras que representem o som de X focalizado nessa sextilha.

5.º Sextilha:

Movimentação idêntica à terceira sextilha (iniciar com a palavra **crucifixo** a relação do cartaz).

6.º Sextilha:

Quando o Narrador, nesse sextilha, pronunciar a palavra **Caxias**, outro aluno apresentará ao Auditório um cartaz com esse vocabulário. Novos exemplos poderão ser apresentados, por outras crianças, no final da sextilha.

7.º Sextilha:

Para terminar, declamará o Narrador a última sextilha e à medida que fôr recitando, irão entrando todas as crianças que tiveram parte na dramatização, ficando à disposição final dos alunos a critério do professor.

Os cartazes poderão ser de diferentes cores, para maior interesse das crianças. Essas cores, por sua vez, deverão atender a cada grupo de palavras, segundo o som focalizado do X. As crianças que conduzirem cartazes não precisarão trazer a letra X, para identificá-las.

Vocabulários que se escrevem com X, em seus diferentes sons

X COM SOM DE X:

xícara, caixa, xarope, xadrez, feixe, roxo, elixir, enxada, enxame, Caxias, baixo, xará, luxo, lixo, faixa, coxa, enxuto, puxão, maxixe, coxa, caixear, mexer, deixar, lixar, engraxar, puxar, encaixar, abaixar, luxar, enxugar.

X COM SOM DE S:

exclamação, excêntrico, excursão, exterior, explicação, excelente, exceção, exclusivo, exposição, expresso, extensão, extensivo, externo, extraordinário, extremo, excessivo, extenso, expedição, êxtase, texto, bissexto, exclamar, exilar, sextilha, experimentar, expor, explodir, exportar, exprimir, exterminar, exceder, extraviar, expandir.

X COM SOM DE Z:

exemplo, exame, exército, exagero, exato, execução, exercício, êxito, exuberante, exausto, exigente, exiguo, existência, exorbitante, exótico, exímio, exigir, exultar, exibir, exaltar, exercer, exilar, examinar, exercitar, exagerar, executar, exorbitar.

X COM SOM DE CS:

fixo, nexo, maxilar, boxe, convexo, ônix, index, crucifixo, inflexível, prefixo, complexo, oxigênio, tóxico, flexão, táxi, oxitono, taxímetro, tórax, fixar, anexar, flexionar, intoxicar, oxigenar.

X COM SOM DE C:

próximo, máximo, auxílio, trouxe, máxima.

Sou letra bem complicada!
Faço tanta trapalhada.

Máscara do X

Por C às vezes me passo,
Sómente p'ra atrapalhar.
Porém na palavra auxílio
Só venho para ajudar.

De S me fantasia,
Sou levado e brincalhão!
Pinto o sete, pulo e rio,
Mas não dou explicação.

Caxias, grande soldado,
Venceu batalhas sem fim,
E para escrever Caxias
Ninguém se esqueceu de mim.

Não sei como nem por quê
Tenho um segredo é verdade
E, com todo a lealdade,
Quero contá-lo a você.

Sempre que me fantasia,
As escondidas me rio
De causar complicação.
Sendo eu X o que acontece?
Tenho som igual a S,
Na palavra explicação.

Em crucifixo eu quis
Melhorar tudo o que fiz
E um som bonito escolhi.
Esse som aprimorado,
Diferente, complicado,
Vou dizer de novo aqui.

Eu sou um X mascarado,
Portanto, muita cuidado
Comigo você vai ter!
As vezes por C me passo,
Pois muita questão eu faço
De em auxílio aparecer.

E bom você ir sabendo,
Assim irá aprendendo
P'ra não se prejudicar.
Com X exame se escreve,
Mas lendo, é Z que se deve
Bem claro pronunciar.

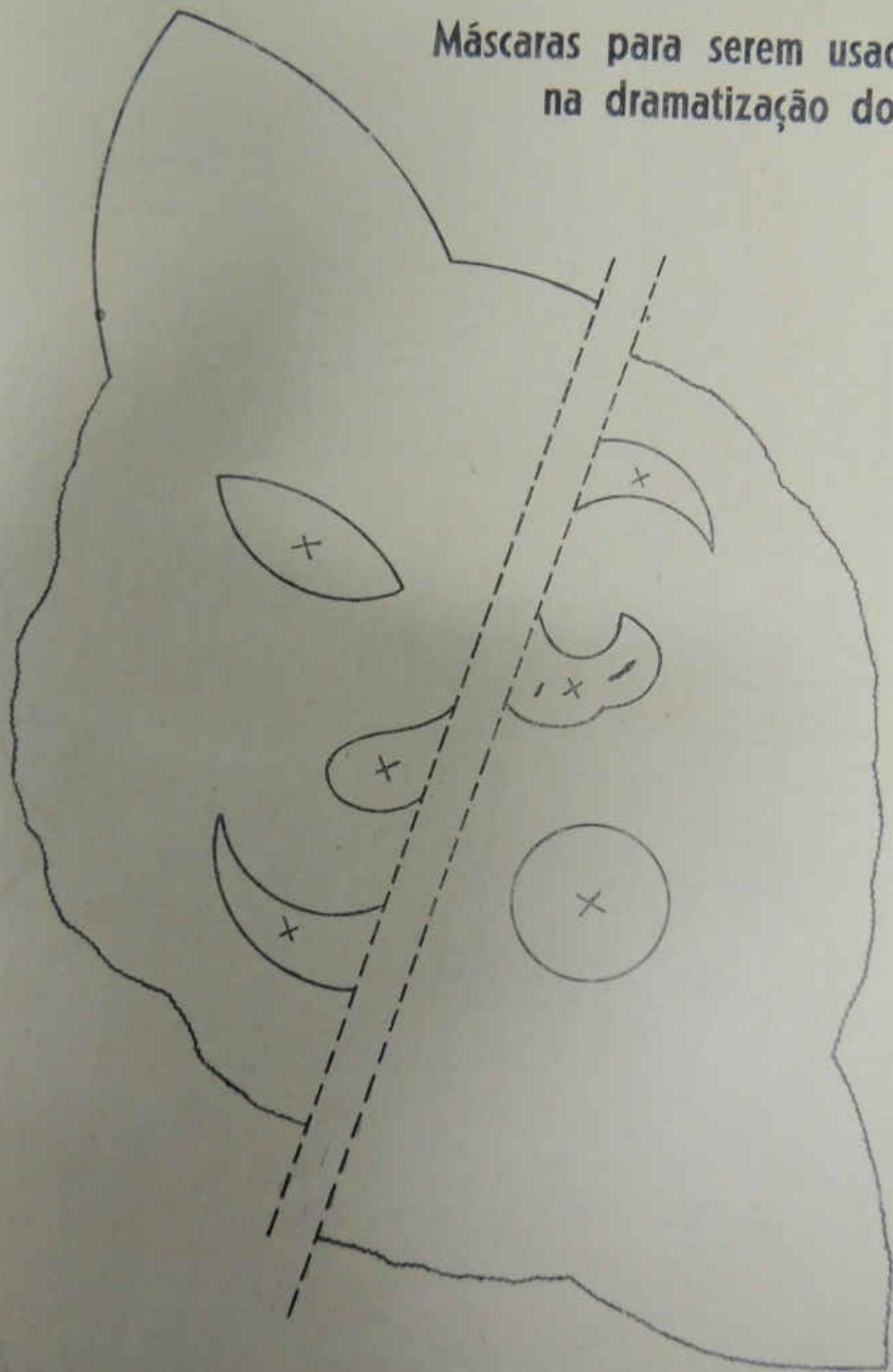
Mas na palavra Caxias
Eu não uso fantasias,
Sou mesmo um X verdadeiro,
Que a todos sabe dizer!
— Estude bem se quer ser
Um grande e bom brasileiro.

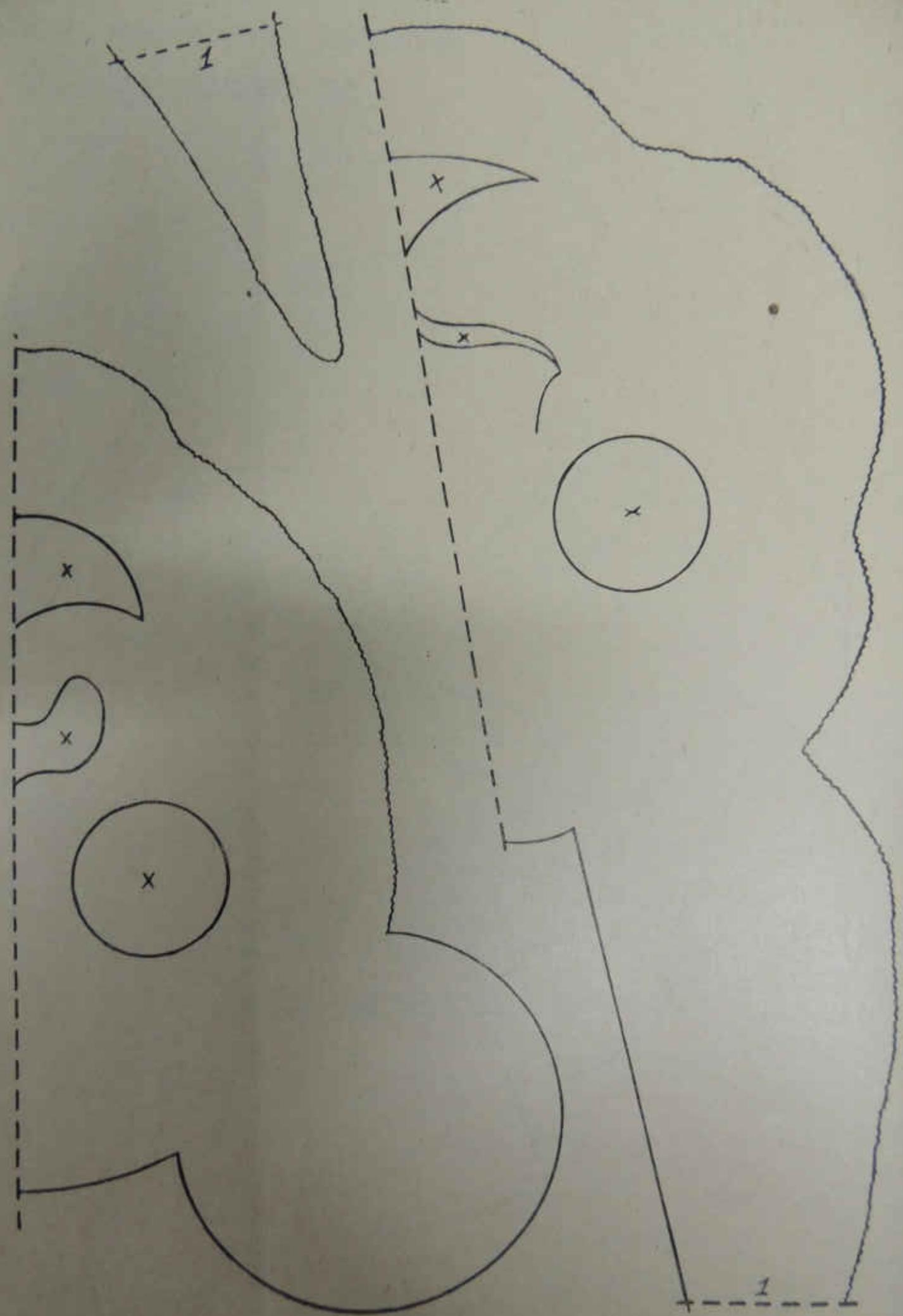
Embora valendo um C,
Um S ou talvez um Z,
Ou mesmo um som diferente,
Serei sempre um X amigo
Que dirá: — Venha comigo,
Venha estudar, minha gente!

"Preço fixo" está escrito
No armazém de "Seu João"
Se eu não andasse na escola
Não saberia ler não.
Um bom estudante sabe
Exame certo escrever.
Não é com Z! E' com X:
Este informa com prazer.

Como letra mascarada
Ajuda muito a escrever.
Não esqueçam meus valores,
Para na escrita vencer!

Máscaras para serem usadas
na dramatização do X





A B C D E F

G H I J L M

N O P Q R

S T U V X Z

Quarta parte de um X

O Teatro de Fantoches

HELENA DA SILVA PINTO VIEIRA,

Prof. do Jardim de Infância do Inst. de Ed. do Rio de Janeiro — D. F.

O teatro de fantoches — Como realizá-lo, preparação do material necessário, escolha e adaptação de peças, etc.

O mais simples teatrinho de fantoches ajudará o professor, não só a melhorar suas habilidades e auxiliar a aprendizagem de seus alunos, como também, e principalmente, a proporcionar às crianças oportunidades de expansão de sentimentos como um escape de seus recalques ou de seus problemas íntimos e familiares.

O uso dos fantoches não se limita apenas à representação de peças pré ensaiadas, mas também ao manejo livre dos bonecos para que a criança possa criar algo com sua imaginação, concretizando assim suas experiências infantis e desenvolvendo sua capacidade de expressão.

Como confeccionar um teatro de fantoches?

Poderemos, se o espaço de que dispomos na sala for grande, fazer um teatro em madeira, com tamanho suficiente para nele se trabalhar com maior conforto, entretanto, se não for este o caso, um teatrinho portátil resolverá o problema. O importante é que façamos o teatrinho, pois ele é essencial, principalmente nas classes de Jardim de infância.

Não vou sugerir aqui entretanto a confecção de uma obra monumental, de um teatro cheio de pequenos detalhes, que exija material muito caro e que por isso mesmo seja impraticável para a maioria de nossas escolas. Não. Uma boa e grande caixa de papelão, alguns pedaços de fazenda, jornais velhos, cola, tintas guache ou tintas dágua, tábous finas de madeira são o bastante para fazermos um teatrinho para nossos alunos trabalharem e se sentirem felizes.

Armadação do teatrinho:

Três tábous de madeira compensada nas seguintes medidas:

2 de 60 cm. \times 30 cm. (lados)
1 de 60 cm. \times 55 cm. (frente)

(uma caixa de papelão, dessas de embalagem de produtos farmacêuticos, pode ser perfeitamente transformada num teatrinho portátil).

Cortina da boca de cena: 0,50 cm. de qualquer fazenda opaca;

Material para confeccionar os bonecos;

Retalhos de pano, lias ou estampados;

Jornais velhos;

Tintas guache ou tintas dágua;

Cola de polvilho grossa;

Receita para modelar a cabeça do fantoche:

1 — Rala-se num ralo de côco um pouco de papel jornal com o qual se faz um rolinho bem apertado (isso facilita ralar o papel).

2 — Junta-se a esse pó obtido um pouco de cola de polvilho bem grossa.

3 — Acrescenta-se em seguida um pouco de alumínio em pó e amassa-se tudo bem com as mãos, até obter massa bem uniforme, não muito mole.

Prepara-se agora a seguinte forma:

Faz-se um saquinho de pano com a forma aproximada de uma cabeça (mas menor do que a que se vai modelar) deixando-se a parte do pescoço aberta, por onde se encherá de areia ou serragem. (Fig. 1).

Por este orifício introduz-se um bastão de madeira, para obter firmeza e por onde vamos seguir o molde durante a modelagem da cabeça.

(Fig. 2).

Em torno de tal molde, assim obtido, grudamos a massa de jornal e vamos modelando a cabeça do fantoche. (Fig. 3).



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Pronta a cabeça deixamo-la secar alguns dias.
Pintura da cabeça:

Depois dela bem seca, passamos uma lixa fina e pintamos a cara com os detalhes de nariz, boca etc.

Como vestir o boneco?

Fazemos com um retalho de pano um vestido tipo saco, bastante comprido, a fim de que, ao introduzir à mão fique o nosso ante-braço coberto até o meio.

As mangas de tal roupinha (fig. 4) terminarão com as mãos (fig. 5) do boneco confeccionadas em feltro ou qualquer pano grosso.

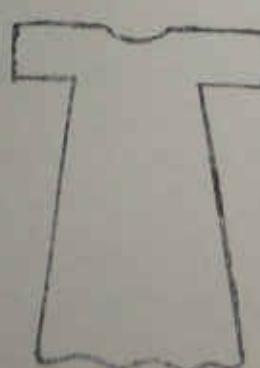


Fig. 4



Fig. 5

O feltro para as mãos é cortado duplo e cozido com linha da mesma cor. Presa a mãozinha na pon-

da manga (fig. 6) podemos colocar por dentro dela e abrangendo o braçinho, um rolinho de cartolina que fará o braço mais duro. Isso facilitará bastante o manejo do fantoche. (fig. 7).

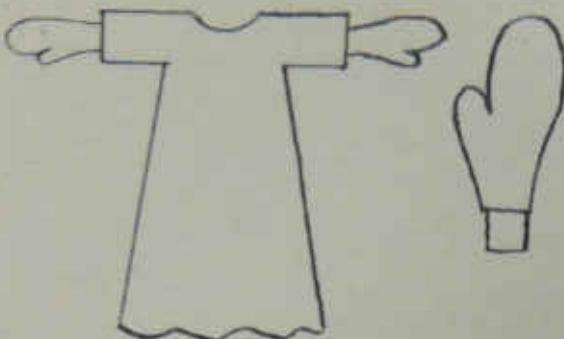


Fig. 6

Fig. 7

Prontos os bonecos, preparamos as peças a serem representadas.

Muitos assuntos, desde histórias adaptadas, até palestras entre bonecos, ou simples monólogos, podem servir para uma função no teatrinho.

Alguns bonecos, vestidos como as crianças, com seus uniformes colegiais, uma mamãe, um papai, uma vovózinha, um preto velho, um palhaço, um bebêzinho, uma cozinheira, são figuras indispensáveis para o manejo livre dos fantoches pelas crianças, porque encarnam tipos familiares, com os quais a criança poderá obter uma identificação completa. Com eles ela dramatizará a própria vida, e que lhe trará emocionalmente grandes benefícios.

Na boa escolha, das peças para levar à cena, está um dos fatores de maior êxito para o teatrinho.

Procuremos pois histórias fáceis, bem compreensíveis e não muito longas. As histórias já bem

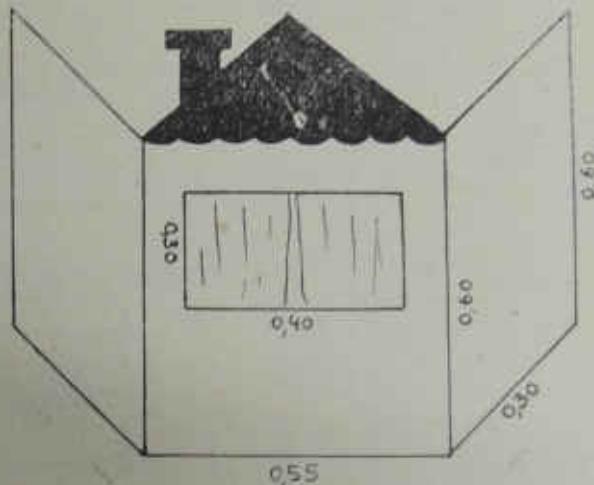
conhecidas das crianças, quasi sempre são as melhores. Preparemo-las pois, adaptando-lhes diálogos entre os personagens e narrativas para melhor compreensão do enredo.

Os bonecos podem fazer perguntas à platéia, isso fará com que o entusiasmo seja imediato e crescente. Depois de levada à cena uma peça, é de grande efeito educativo fazer vir à platéia as crianças que representaram. Isto estimulará outros mais timidos a aderirem ao brinquedo de representar e aumentará a satisfação dos que trabalharam.

Sendo o teatro de fantoches uma atividade estimulante, devemos ter bastante cuidado na preparação das peças.

Escolhamos pois, histórias calmas, sem serem monótonas, para intercalar com outras mais animadas, a fim de que, a excitação que naturalmente haverá não seja excessiva e portanto prejudicial.

Pensemos sempre que o teatrinho poderá ser, principalmente, um elemento de valor educativo ao alcance de nossas mãos para o melhor desenvolvimento da criança.



RESPIRAÇÃO...

(Conclusão da pág. 19)

ração, entre elas os intercostais e o diafragma — este entre tórax e abdome). Para responder a esta pergunta, faça a experiência seguinte:

Tome um copo de matéria plástica; perfure o fundo com o auxílio de um prego grosso aquecido ao rubro (o prego será seguro pela extremidade não aquecida com o auxílio de um alicate). Atravesse este orifício com um destes canudinhos de tomar refrigerante, amarrando na extremidade que vai ficar dentro do copo uma pequena bola colorida, destas de soprar. Tape a seguir a parte inferior do copo com uma borracha bem esticada, que será amarrada ao copo. Está pronto o aparelho.

Empurre a borracha esticada para cima e após duxa-a para baixo; observe o que se verifica (ao empurrar a borracha para cima a bola presa ao

tubo esvazia; ao puxar a borracha para baixo, a bola presa ao tubo se enche de ar).

O copo pode ser comparado à caixa torácica; a bola de borracha seria o pulmão; o canudo corresponderia à traquéia; a borracha esticada, na base do copo, seria o diafragma.

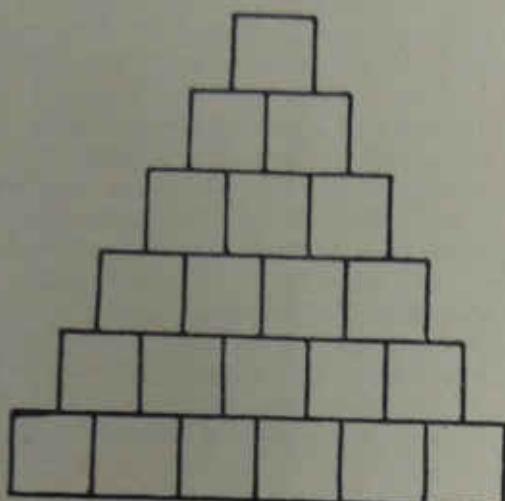
Conclusão — A entrada e saída do ar da bola são devidas aos movimentos que se verificam na borracha esticada, logo a entrada do ar nos pulmões é consequência do trabalho dos músculos respiratórios; a dilatação e diminuição de volume dos pulmões e da caixa torácica, no ato respiratório, são resultados do trabalho dos músculos respiratórios.

Observação — Se puder dispor de um tubo de vidro que se bifurque será mais interessante para fazer a experiência, pois assim poderia colocar duas bolinhas coloridas, uma em cada extremidade da parte bifurcada, o que mais aproximaria a experiência do normal, visto serem dois os pulmões.

Exercícios e Divertimentos

JOGO DE PALAVRAS

As palavras, neste quebra-cabeça, começam sempre pela mesma letra; tendo, cada uma delas, o mesmo número de letras da anterior mais uma.



1.000

Mulo

Perverso

Irineu Evangelista de Souza

Cidade do Rio Grande do Norte

Nódoa

PARA COMPLETAR

4 SILABAS

la	ma
ca	pa

Combina as sílabas acima, de modo a formar um sinônimo das seguintes palavras:

Lôdo
Lacre
Gruta
Saco
Carta
Silencia
Leito
Manto
Poncho
Fruto silvestre do Brasil
Tolo

Solução	
Lama	calá
Iaca	cama
Lapa	capa
Malá	pala
Mapa	pamá
	paca

Aqui estão palavras que você deverá completá-las com nome de notas musicais, nos lugares ocupados pelos pontos.

...moso
...fugio
...logio
...guel

...moso
...neral
...atô...co
...gresso

...gonto
...go
...dador
...ligião

merca...
...morsó
...dar
...seria

A GATA BORRALHEIRA

Adaptação para o Teatro de Fantoches por EUNICE
DAMASCENO PEREIRA DA COSTA — Professora
da "CIDADE DA CRIANÇA" — Fortaleza — Ceará.

PERSONAGENS

MADRASTA
ANASTÁCIA
DRIZELA
CINDERELA
FADA
PRÍNCIPE

Longe, muito longe daqui ficava o país do Faz.
de-Contia. — ABRE O PANO.

GATA BORRALHEIRA — (Trabalhando) Quando eu era criança me chamavam Cinderela. Era muito feliz, minha mãe me adorava, mas um dia minha mãe partiu fôr pro céu; meu pai casou-se, e hoje minha madrasta e suas filhas só me chamam Gata Borralheira.

VOZES — Gata Borralheira, Gata Borralheira, Gata Borralheira.

GATA BORRALHEIRA — Já vou madrasta.

MADRASTA — Gata Borralheira onde anda você? Que está fazendo? Continua preguiçando sua vadia?

GATA BORRALHEIRA — Oh! Madrasta eu estava ocupada, mas... como a senhora está chic, a senhora vai sair madrasta?

MADRASTA — Curiosa, vou sim, vou a um lindo passeio.

GATA BORRALHEIRA — Aonde Madrasta, diga aonde?

MADRASTA — (Gargalha) Sabes aonde vou? Ao palácio de S. Majestade o príncipe Formoso, vou assistir ao baile que sua majestade vai oferecer para escolher a sua noiva.

GATA BORRALHEIRA — Madrasta deixe eu ir.

MADRASTA — O que você quer ir ao palácio?
Está louca?

DRIZELA — (Entrando mostra o convite) Ma-
mãe, vamos mamãe, já está na hora, a carruagem
está nos esperando.

ANASTÁCIA — Vamos mamãe, que custo!

MADRASTA — Minhas filhas vocês estão lindas
Lindas muito lindas. Ah! o Príncipe vai se apaixonar por vocês.

DRIZELA — Por mim.

ANASTÁCIA — Por mim.

DRIZELA — Eu sou mais bonita sua sirigaita.

ANASTÁCIA — Mais bonita sou eu, seu camon-
dongo.

MADRASTA — Não briguem meus anjos.

GATA BORRALHEIRA — (Que estava em um canto chorando). Madrasta, Madrasta eu também quero ir.

MADRASTA — Atrevida, também quero ir, vejam vocês.

ANASTÁCIA — Quer esta mendiga ir ao pa-
cô real? (Gargalha).

DRIZELA — Vai pro berralho Gata Borralhei-
ra (Ouve o tambor).

TÓDAS — Vamos, vamos, é o cortejo real que vai passando. Até amanhã Gata Borralheira, toma conta das galinhas e dos porcos, e pensa no príncipe. (Sóem rindo).

GATA BORRALHEIRA — (Chorando) Ah! mi-
nha madrinha, minha boa fada querida, não esqueça a sua afilhada... Oh!... Mas que lindo é minha
madrinha, madrinha Fada.

FADA — Sou eu sim Cinderela, aqui estou para consolá-la.

GATA BORRALHEIRA — Minha madrinha, eu
gostaria tanto de ir ao baile, que sua majestade o
príncipe formoso, vai oferecer para escolher a sua
noiva.

FADA — Você irá Cinderela, eu vou recompensá-la por tudo que você tem sofrido. (Bate com a varinha). Dorme Cinderela, dorme.

GATA BORRALHEIRA — Madrinha, madrinha... (dorme).

FADA — Cinderela, lá no jardim está uma carrogem toda de ouro puxada por uma parelha de cavalos brancos, com criados de librê de seda que te levarão ao palácio real. Mas... escuta, quando o relógio da torre bater 12 badaladas vem embora, vem depressa! E só despertarás deste sonho quando estiveres nos braços do príncipe. (CAI O PANO).

2.º ATO

MADRASTA — Vocês viram meninos como o balle foi lindo?

AS DUAS — Foi muito lindo.

DRIZELA — Nós não podemos trocar os nossos vestidos de festa porque o príncipe está apaixonado por uma linda moça que perdeu no balle o seu sapatinho de cristal, e anda por todas as casas à procura da jovem. Ele deve estar chegando por aqui.

ANASTÁCIA — Linda moça?! Quem chama aquilo linda? Eu sou muito mais bonita do que ela.

DRIZELA — Bonita sou eu, não sei como é que ele não me escolheu.

MADRASTA — Bobas não falemos nisto, pensem que o príncipe pode chegar a todo momento vamos Drizela, vamos Anastácia, encolham os dedos dos pés. Pensando bem, eu bem poderia casar com o príncipe, pois sou viúva.

ANASTÁCIA — Era o que faltava?

MADRASTA — Onde estará a Gata Borralheira?

DRIZELA — Ora mamãe, não se preocupe ela deve estar no rio lavando roupa.

ANASTÁCIA — É melhor que fique por lá. (Ouvem-se o tambor).

TODAS — É o príncipe, é o príncipe que chega.

PRÍNCIPE — Eu vos saúdo dignas damas do meu reino.

TODAS — Salve Vossa Majestade que velo encher de luz a pobreza deste castelo e tornar feliz as vossas humildes servas.

PRÍNCIPE — Obrigado por vossas palavras — O que me traz aqui é encontrar uma jovem linda que ontem deslumbrou os meus convidados e encheu

de amor o coração do vosso príncipe. Dizei-me quem é ela e onde está.

DRIZELA — Sou eu príncipe.

ANASTÁCIA — Sou eu.

PRÍNCIPE — Um momento vamos experimentar o sapatinho de cristal. No vestíbulo está o meu camareiro encarregado de calçar o sapatinho. Aquela que o calçar o sapato será a eleita do meu coração.

DRIZELA e ANASTÁCIA — Vamos, vamos depressa. (SAEM). (VOLTAM EM SEGUIDA).

ANASTÁCIA — No meu pé não cabe.

DRIZELA — Nem no meu.

MADRASTA — Suas bobas, deviam terem cortado os dedos dos pés.

PRÍNCIPE — Oh! Minha senhora, (virando-se) aqui não há mais ninguém.

TODAS — Não, somos só nós.

FADA — (Entrando) Um momento senhor príncipe (chamando) Cinderela! Cinderela!

GATA BORRALHEIRA — (Entra e faz uma saudação).

TODAS — A Gata Borralheira??

PRÍNCIPE — Você minha querida??

GATA BORRALHEIRA — Sim sou eu príncipe.

PRÍNCIPE — Ergue-te minha querida, minha querida Cinderela, pois eu o teu príncipe, deponho a teus pés o meu coração e o meu reino.

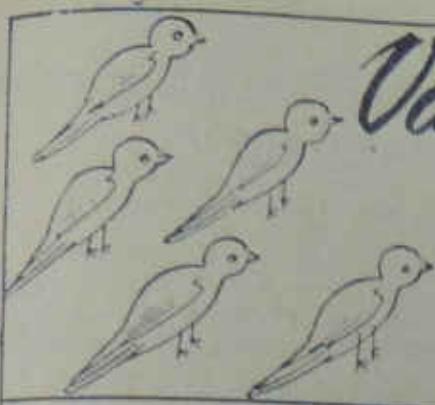
FADA — Muito justo senhor Príncipe, veja que sois nobre e honrado.

TODAS — E nós?

PRÍNCIPE — Vós deveis partir imediatamente deste reino. (Para a Fada) Vós minha fada amiga peço-vos que nos acompanhais ao palácio real.

(SAEM TODOS AO SOM DA MARCHA NUPCIAL).

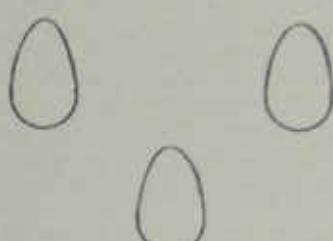
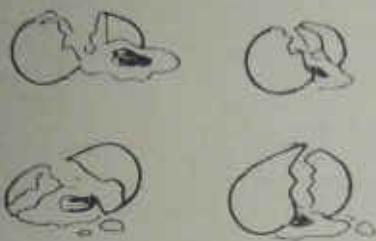
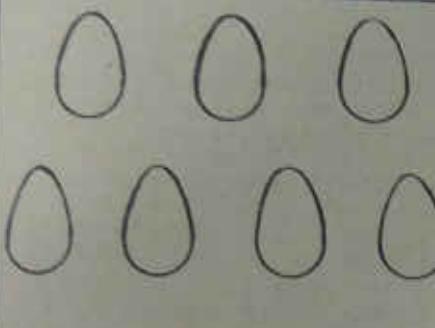
F I M



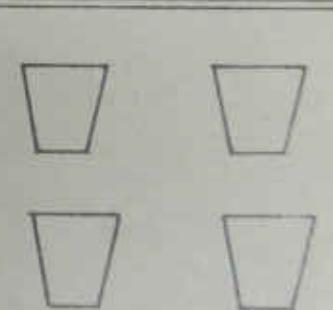
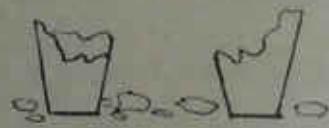
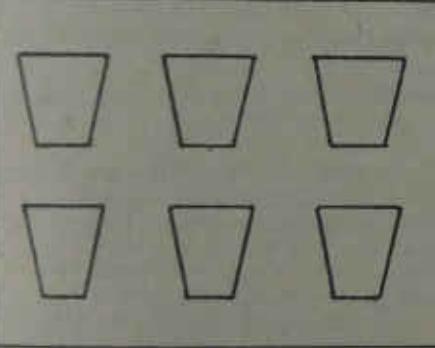
Vamos subtrair



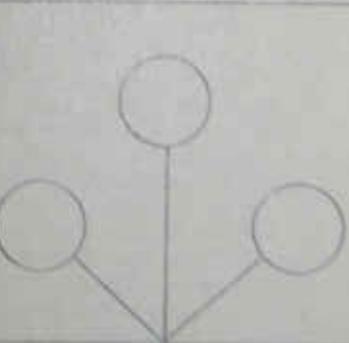
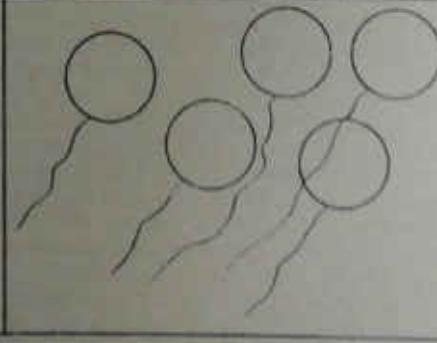
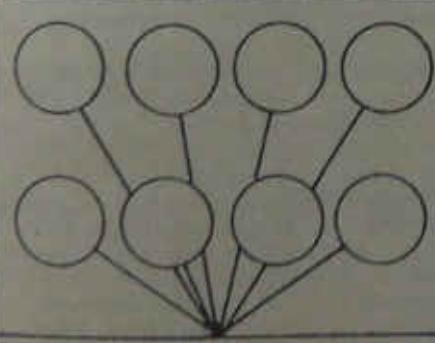
$$5 - 3 = 2$$



$$7 - 4 = 3$$



$$6 - 2 = 4$$



$$8 - 5 = 3$$

DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PRIMÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL

I — INTRODUÇÃO

A Educação Física nas Escolas Primárias do Rio Grande do Sul, que inicialmente se resumia em exercícios físicos baseados no método francês e em alguns esportes de competição, segue hoje um campo de atividades mais amplo e mais completo. O professor terá liberdade de incluir no seu programa geral de trabalho, como exercícios físicos baseados em diferentes métodos ou sistemas contestes, danças, acrobacias, excursões, escotismo, iniciação nos desportos como natação, atletismo, basquete e muitas outras atividades similares que tratam de criar interesse para ocupar as horas de lazer e contribuir para a educação integral da criança. Para acompanhar essa evolução, deverá o professor especializado em Educação Física manter-se perfeitamente atualizado a fim de enfrentar as obrigações didáticas que se lhe deparem. Não se exige do professor que siga tal ou qual método ou sistema, mas sim que tenha método em seu trabalho.

A Educação Física nas Escolas Primárias deve estar em perfeito entrosamento com as demais disciplinas a fim de contribuir para a Educação Integral. Por EDUCAÇÃO FÍSICA deve-se entender EDUCAR por meios físicos.

O professor de Educação Física deverá estar consciente da finalidade a atingir e, seja qual for a atividade física por ele empregada, terá sempre em mente o fim educativo.

II — FINALIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

São as seguintes as finalidades da Educação Física na Escola Primária:

- 1 — Contribuir para assegurar e melhorar as condições de saúde, buscando a harmonia das funções;
- 2 — Auxiliar e estimular o crescimento normal e o desenvolvimento harmônico do organismo, buscando a harmonia das formas;
- 3 — Procurar fazer do corpo um instrumento perfeito de adaptação do indivíduo ao meio físico e social, graças à aquisição da destreza, força, resistência e outras qualidades físicas superiores;
- 4 — Procurar criar hábitos de boa postura, a fim de evitar que se esbozem vícios de atitude;
- 5 — Contribuir para a criação de hábitos sociais de cooperativismo e outros proporcionados pela co-educação;
- 6 — Despertar o interesse pelo jogo e pelo esporte, a fim de que a criança se habitue a praticá-los, mesmo fora da influência da escola, de modo a fornecer a criança atividades para a sua recreação nas horas de lazer;
- 7 — Despertar na criança o gosto pelo esforço;
- 8 — Habituar a criança à vida ao ar livre, procurando temperar-lhe o organismo para resistir às variações da temperatura do meio físico em que vive, de modo a desenvolver a resistência ao frio e ao calor;
- 9 — Predispor a criança para melhor rendimento no trabalho intelectual;
- 10 — Contribuir para a educação sensorial, principalmente para a aquisição do ritmo;

- 11 — Contribuir para o desenvolvimento de hábitos higiênicos que devem acompanhar a prática dos exercícios como o banho, as abluções, etc..
- 12 — Contribuir para a formação do caráter e da personalidade da criança, procurando desenvolver-lhe o senso "moral e social", aproveitando as oportunidades que os jogos motores e outras atividades oferecem. Assim, poder-se-á com elas, oferecer a criança, oportunidade para desenvolver a iniciativa, o espírito de observação, de solidariedade, o raciocínio, a atenção, a necessidade de trabalho, noção de responsabilidade, obediência, modéstia, lealdade, amor ao trabalho bem feito, respeito pelas regras etc.

III — PRESCRIÇÕES DIVERSAS:

- 1 — A Educação Física nas Escolas Primárias do Rio Grande do Sul será ministrada pelos Professores especializados em Educação Física e pelos Professores de Letras, conforme o Regimento Interno para os Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado, a que se refere o Decreto 7229 de 20 de agosto de 1939 e que reza o seguinte:

Dos professores privativos:

Art. 98. Os professores privativos de Música, Desenho, Educação Física e Trabalhos Manuais, estão sujeitos às mesmas determinações que os demais professores, com exclusão das atribuições referidas nos incisos 8 e 9 do art. 97.

Art. 99. Os professores de matérias especializadas exercerão as suas atividades do 3º ano em diante podendo, no entanto, auxiliar, a critério da direção, as professoras dos primeiros anos, quando necessário.

Art. 100. Aos professores privativos cabe organizar o trabalho em conexão com as atividades das classes.

- 2 — Nos estabelecimentos em que houver mais de um professor especializado em Educação Física, o mais antigo será o coordenador dos trabalhos de Educação Física;
- 3 — Cada professor de Educação Física atenderá, no mínimo, 300 alunos no estabelecimento de ensino;
- 4 — Cada turma deverá receber obrigatoriamente, três (3) sessões semanais de Educação Física, em dias alternados;
- 5 — As sessões de Educação Física não excederão de quatro, sendo recomendável três (3), diariamente para cada professor e por turno;
- 6 — Os professores especializados deverão orientar, obrigatoriamente, na unidade escolar, o Grêmio Esportivo, Grupos Escoteiros e Bandeirantes e o Centro de Tradições Gaúchas;
- 7 — O professor de Educ. Física poderá substituir, eventualmente, algum professor de Letras, não devendo porém, essa substituição exceder de dois dias consecutivos, devendo ocupar o tempo, preferentemente com sessões de educação física e outras atividades correlatas.

- 31 — No final de cada ano letivo, o Professor de Educação Física encaminhará à SEFAE um Relatório das atividades do ano, pormenorizando o trabalho realizado com cada classe, apresentando, também, sugestões que visem melhorar a orientação da Educação Física. O Relatório de cada Professor de Educação Física, deverá conter, no mínimo, os seguintes elementos:
- Horário das sessões para todas as turmas, com discriminação do Ciclo e grau.
 - Frequência média, masculina e feminina, por classe.
 - Quadros das sessões de Educação Física (para cada turma) previstas e realizadas.
 - Métodos empregados nas sessões de exercícios físicos, registro e documentação utilizados.
 - Indicações dos dias em que foram realizados os exames médico-biométricos.
 - Atividades do Grêmio Esportivo.
 - Funções desempenhadas pelo professor de Educação Física durante o ano, na unidade escolar.
 - Indicação das instalações e aparelhamento móvel e fixo apropriado à prática da Educação Física, existentes da unidade escolar.
- 32 — A documentação exigida por ocasião das visitas será a seguinte:
- Livro ou caderno para anotação da frequência dos alunos.
 - Livro ou caderno para registro diário das sessões realizadas.
 - Livro ou caderno para planos de trabalho (Sessões de Exercícios Físicos).
 - Pasta para arquivar os Boletins Técnico-Informativos, ofícios, circulares, Diretrizes e outros documentos referentes à Educação Física.
 - Caderno para anotação das atividades co-curriculares.
 - Horário de Educação Física afixado no Pavilhão de Educação Física, sala de Educação Física ou Secretaria da Escola (especificando o horário de cada professor).
 - Programa de cada professor para cada grupo, com o quadro contendo o número de sessões previstas para o ano escolar, por mês.
 - Cópia do Relatório de Educação Física, feito em Dezembro, visado pela Direção, enviado à SEFAE, por intermédio da Delegacia Regional de Ensino.
 - Relação do material de Educação Física a cargo do Departamento de Educação Física.
- 33 — Ao professor de Educação Física, caberá:
- Permanecer no estabelecimento de ensino durante todo o horário normal, exceto nos dias em que for solicitado para outras atividades, fora desse horário.
 - Dirigir, ou prestar sua colaboração ao Departamento de Educação Física, em funcionamento na unidade escolar.
 - Seguir as prescrições contidas nas instruções da SEFAE e outras que venham a ser baixadas.
 - Elaborar o programa para cada grupo a seu cargo baseado no que está estabelecido nas presentes Diretrizes, contendo: os objetivos a atingir; os meios empregados de acordo com as instalações e material que dispuser; as verificações empregadas para avaliar o aproveitamento dos alunos; o quadro de sessões previstas durante o ano e em cada mês; atividades co-curriculares programadas (calendário dos torneios), etc. Além disso caber-lhe-á elaborar seu plano de trabalho e registrá-lo, diariamente, em caderno especial.
 - Constituir as turmas de alunos para a Educação

- g) Física, grupando-os o mais homogeneamente possível, preenchendo fichas e outros registros necessários.
- Colaborar com o médico escolar na preservação da saúde dos alunos. A professora de Educação Física responsabilizar-se-á pelo rendimento de seu trabalho, cooperando na Educação integral dos alunos.
 - Prestar às autoridades competentes todas as informações relativas ao seu trabalho.
 - Comunicar à direção as faltas dos alunos.
 - Zelar pelo material de Educação Física da unidade escolar, sugerindo a direção da mesma, as medidas que julgar necessárias.
 - Participar das atividades co-curriculares toda vez que seja solicitada a sua cooperação ou organizando e dirigindo tais atividades (excursões, visitas de confraternização, passeios, convescotes, acampamentos).
 - Comparecer às solenidades em que à Escola se apresenta, cabendo-lhe a direção nas demonstrações de Educação Física, nas formaturas e desfiles.
 - Comparecer às "Horas Pedagógicas" e colaborar com palestras sobre sua especialidade.
 - Nos dias de mau tempo, não possuindo a escola pavilhão de Educação Física, os professores especializados ocuparão as turmas a seu cargo com histórias, palestras, intercaladas com jogos de salão, se houver espaço, sessões de calistenia em pequenos grupos, dentro da própria sala de aula, passos de dança etc.
 - Remeter à SEFAE, por intermédio da Delegacia Regional de Ensino, depois de visado pela direção do estabelecimento, o Relatório de Educação Física, em dezembro de cada ano.
 - Apresentar-se, sempre, devidamente uniformizado para as sessões de trabalho.
 - Comparecer, devidamente uniformizado, às reuniões de orientação programadas pela SEFAE.

IV — EXIGÊNCIAS MÍNIMAS A QUE DEVEM SATISFAZER OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PRIMÁRIO QUANTO À EDUCAÇÃO FÍSICA

- Local apropriado à prática da Educação Física com uma área livre mínima de 200 metros quadrados para cada turma de 30 alunos em trabalho físico na mesma hora.
- Instalações para as sessões de exercícios físicos, caixas de saltos, alvo, quadra de voleibol, etc. Instalações para vestiário e para chuveiros.
- Material para a prática da Educação Física:
 - Bolas de espuma revestidas de couro, com 200 grs, tamanho de bolas de tênis.
 - Medicine-balls de 1 e 2 Kg.
 - Cordas para trepar (5m).
 - Bastões para ginásticas.
 - Cordas para saltar de 2 metros.
 - Bolas de vôlei, basquete, futebol, newcomb.
 - Trena.
 - Bastões para revezamento.
 - Gabinete médico-biométrico:
 - Sala própria (indevassável).
 - Toesa para medir altura.
 - Balança.
 - Cronômetro.
 - Fichas médico-biométricas.

V — DISTRIBUIÇÃO EM GRUPOS (GRUPOAMENTO HOMOGENEO)

O grupamento dos alunos deveria ser homogêneo, mas na impossibilidade de sua realização, far-

soá o grupamento conforme as classes. Neste caso, o professor deverá dividir a turma em equipes, constituídas de elementos mais ou menos homogêneos. Poderá, por exemplo, subdividir a turma em três equipes, de acordo com o número de alunos:

- Grupo A — dos alunos mais fortes
- " B — dos alunos médios
- " C — dos alunos mais fracos.

Obs.: Nunca se deverá dizer aos alunos que pertencem ao grupo dos fortes, médios ou fracos, para que não se criem situações constrangedoras, porém chamar-se-á grupo A, B ou C.

Quando a turma for mista, deve-se constituir as equipes dentro do mesmo sexo. Para iniciação esportiva pode-se fazer agrupamentos diferentes para cada modalidade de atletismo, por ex: um menino pode pertencer ao grupo A para os arrremessos, ao grupo B para as corridas e ao grupo C para os saltos. Quando houver no estabelecimento dois ou mais professores especializados em Educação Física poderão separar as turmas masculinas e femininas, dando sessões mais adequadas ao sexo, ex:

Na mesma hora, as duas professoras A e B, retiram classes do mesmo grau, ficando uma com a turma masculina e a outra com a turma feminina. Para facilitar o grupamento homogêneo recomenda-se às direções que estabeleçam os horários para Educação Física em turmas diferentes das de letras, podendo assim dispor de mais horas para as demais atividades na escola.

VI — EXAMES MÉDICO-BIOMÉTRICOS

Os estabelecimentos de ensino primário deverão realizar dois exames médico-biométricos durante o ano letivo.

O primeiro exame médico, no inicio dos trabalhos escolares, em março, terá a finalidade de separar os alunos normais dos que não o sejam.

O segundo, em época a ser marcada, com o objetivo de verificar o aproveitamento geral dos educandos submetidos ao trabalho físico durante o ano.

Os deficientes deverão ser examinados mensalmente, no mínimo. Os dados colhidos nos exames médico-biométricos, serão registrados nas fichas de Educação Física.

O exame biométrico constará no mínimo, das medidas de peso e altura do aluno, devendo o peso ser controlado mensalmente. Essa pesagem será supervisionada pelo professor de letras, na própria sala de aula. Um quadro com o peso dos alunos, afixado à parede da sala de aula, despertará interesse especial nas crianças que procurarão acompanhar e melhorar seu índice de robustez. Servirá também de controle para o professor, pois o mesmo deverá encaminhar ao médico as crianças que apresentem diminuição constante de peso ou uma estabilização demorada. Aos sub-nutridos recomendar-se-á uma merenda escolar mais substancial.

O gráfico do peso e altura deverá ser coletivo, para efeito de comparação dos dados. Tanto as medidas biométricas como as observações do médico, serão registradas nas fichas de Educação Física. Para melhor controle da pesagem recomenda-se que a criança a faça sempre nas mesmas condições de roupa, a mesma hora etc. A pesagem terá maior valor educativo quando realizada pela **própria criança**, sob as vistas do professor da classe. A balança será colocada na classe em dia determinado do mês para pesagem dos alunos. Assim, nesse dia, o 1º e 2º turnos que funcionam nessa farão as pesagens dos respectivos alunos. Estes não sairão das classes para a pesagem, mas a balança é que será transportada às aulas.

OBSERVAÇÃO:

Nas unidades escolares em que não houver médico deverá ser exigido do aluno atestado de saúde fornecido pelo médico da família em que fique declarado que o aluno está em condições de praticar exercícios físicos ou que deve ser poupado em algumas atividades ou que deve ser isento de todo e qualquer exercício físico, por tempo determinado.

VII — MODALIDADES DE TRABALHO FÍSICO

As finalidades da Educação Física só poderão ser alcançadas por meio da combinação da ginástica, dos jogos, dos esportes, das danças, do campismo etc., ministrados de uma forma metódicamente douada e equilibrada, de acordo com as possibilidades, os interesses e as necessidades da criança. Nenhum desses "meios" pode pretender por si só alcançar todos os objetivos a que a Educação Física se propõe. O professor que tiver método saberá estabelecer o justo "equilíbrio" dessas atividades, aproveitando-lhes as suas características, de modo a poder atingir as finalidades visadas. As presentes Diretrizes estabelecem uma proporção, apenas a título de indicação, podendo o professor adaptar as diferentes modalidades de trabalho, de acordo com as instalações e meios disponíveis em sua unidade escolar. Assim, por exemplo, a sessão de ginástica poderá ser substituída muitas vezes por uma Sessão de Aplicações em percurso em plena natureza, quando nas proximidades do estabelecimento se dispuser de um terreno com obstáculos naturais ou artificiais. Quando o estabelecimento tiver a aparelhagem de um parque infantil é interessante que o recreio seja feito nesse parque, por um sistema de rodízio entre os diferentes anos da escola primária.

As sessões de Ginástica prescritas nestas Diretrizes poderão ser realizadas sob as suas diferentes formas, abrangendo a Ginástica segundo os diferentes sistemas ou métodos, recomendando-se porém as Sessões de Educação Físico-Esportiva Generalizada, a ginástica moderna, a sueca, a dinamarquesa e callistenia. As sessões de ginástica corretiva só terão cabimento para os grupos de crianças que dela necessitarem, devendo ser executadas à parte, em horas diferentes das dos alunos que não apresentam vícios de atitude. Estes freqüentarão as sessões de trabalho comum a todos, além das sessões especiais corretivas, salvo os casos contra-indicados pelo médico. A ginástica na escola primária deverá ter um caráter formativo-educativo e recreativo.

Os jogos, por sua vez, deverão ocupar um lugar importante nas atividades físicas da escola primária, dado o seu grande valor educativo, não só físico, como também psíquico, social e moral, desde que o professor saiba aproveitar todas as oportunidades que o mesmo oferece. Segundo a orientação da Educação Físico-Esportiva Generalizada eles poderão constituir também uma forma de transição para as práticas esportivas. Os esportes ocuparão também um lugar importante como meio educativo, sob a forma de iniciação esportiva, de forma a despertar no educando o interesse para uma atividade que lhe irá ser útil para a sua recreação futura, nas horas de lazer. Desta forma todos os alunos deverão ter oportunidade de iniciar-se na prática dos esportes e não somente um pequeno grupo que apresente qualidades constitucionais para um determinado esporte. É preciso que o esporte atinja a massa escolar e não somente as suas elites. Estas surgirão por si e irão constituir as equipes representativas do estabelecimento, que deverão ser treinadas à parte, nas atividades co-curriculares do Grêmio Esportivo. Os torneios estabelecidos nas Diretrizes constituirão o coroamento do trabalho do Grêmio Esportivo. Nelas haverá oportunidade da apresen-

tação das torcidas organizadas, com seus brados característicos, saudações, etc., que vão revelar o grau de educação dos participantes. Nas provas individuais ter-se-á o cuidado de que as classificações sejam feitas por equipes.

Como raros são os estabelecimentos de ensino que têm possibilidades de praticar a natação, recomenda-se que as excursões, nas épocas adequadas, sejam feitas próximas aos rios ou em clubes que disponham de piscina. Por isso incluimos a natação entre as atividades co-curriculares. Deverá a mesma ter um caráter utilitário e recreativo para a massa escolar e esportivo para os melhores dotados de qualidades para a mesma.

Nas Sessões de Atividades Rítmicas Infantis tanto poderão ser incluídos os exercícios da Rítmica, as danças-jogos infantis, a dança natural, como as danças do folclore internacional e regional e outros exercícios executados com acompanhamento de instrumentos musicais, tocados por um acompanhador ou pelos próprios alunos como chocálios, tamborins, flautins, castanholas, pratos, agés, etc.

Com relação aos exercícios acrobáticos, usados nas sessões de ginástica ou em sessões especiais, recomenda-se ao professor um cuidado especial na sua progressão, a fim de evitar acidentes. São recomendáveis não só pelo valor físico solicitando globalmente o organismo, principalmente os músculos que movimentam a coluna vertebral, como também pelas qualidades de coragem, sangue-frio, confiança em si, etc., que podem desenvolver.

1.º — GRUPO — incluindo alunos de 1.º Ano Primário. (7 — 8 anos):

1) — A Educação Física para os alunos normais, neste grupo, tem por fim auxiliar o desenvolvimento da função respiratória, circulatória e articular, sem desenvolver, sistematicamente, os músculos; estimular a boa atitude, fomentar a atividade em grupo. Todo o trabalho deverá ter uma orientação recreativa.

2.) — Serão ministradas 3 sessões por semana, com a duração mínima de 30 minutos, comportando as seguintes modalidades:

- a) — 1 sessão de Ginástica;
- b) — 1 sessão de Pequenos Jogos;
- c) — 1 sessão de Atividades Rítmicas Infantis.

3.º — Atividades co-curriculares:

- a — Excursão cada dois meses, mínimo;
- b — Atividades do Centro de Tradições Gaúchas;
- c — Natação;
- d — Campanha da Boa Atitude;
- e — Confecção de cartazes e recortes de figuras;
- g — Demonstrações;
- h — Competições de jogos infantis.

2.º — GRUPO — incluindo crianças do 2.º Ano Primário. (8 — 9 anos):

1) — A Educação Física, neste grupo, tem por finalidade desenvolver a capacidade física, forjando hábitos de boa postura, proporcionando, ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento das funções mentais, oferecendo oportunidade para a aquisição de virtudes morais.

2.) — Serão ministradas 3 sessões por semana, com a duração mínima de 30 minutos, obedecendo ao seguinte regime:

- a) — 1 sessão de Ginástica;
- b) — 1 sessão de Pequenos Jogos;
- c) — 1 sessão de Atividades Rítmicas Infantis.

3.º — Atividades co-curriculares:

- a — Excursão cada 2 meses, no mínimo;

- b — Atividades dos Centros de Tradições Gaúchas;
- c — Natação;
- d — Demonstrações;
- e — Campanha da Boa Atitude;
- f — Confecção de cartazes e recorte de figuras;
- g — Competições de jogos infantis;
- h — Lobismo (escotismo) e bandeirantismo.

3.º GRUPO — INCLUINDO CRIANÇAS DO 3.º ANO PRIMÁRIO (9-10 anos):

1) — A Educação Física, neste grupo, tem finalidade dar à criança oportunidade de satisfazer sua ânsia de movimento e expansão, procurando, ao mesmo tempo, a aquisição de uma boa atitude e o desenvolvimento das funções neuro-musculares.

2) — Serão ministradas 3 sessões por semana, com a duração mínima de 35 minutos, obedecendo ao seguinte regime:

- a) — 1 sessão do Ginástica;
- b) — 1 sessão de Pequenos ou Grandes Jogos;
- c) — 1 sessão de Atividades Rítmicas Infantis.

3) — Atividades co-curriculares:

- a) — 1 excursão cada mês, no mínimo;
- b) — Natação;
- c) — Atividades do Grêmio Esportivo;
- d) — Atividades do Centro de Tradições Gaúchas;
- e) — Iniciação ao Escotismo e Bandeirantismo;
- f) — Campanha da Boa Atitude;
- g) — Confecção de cartazes e recorte de figuras;
- h) — Demonstrações.

4.º GRUPO — INCLUINDO CRIANÇAS DO 4.º ANO PRIMÁRIO (10-11 anos)

1) — A finalidade da Educação Física, neste grupo, deverá ser a de desenvolvimento nos alunos, uma atitude favorável em relação aos jogos e exercícios;

- a) — exigir maior esforço mental das crianças;
- b) — desenvolver sadias convivências entre as crianças de ambos os sexos;
- c) — incentivar o desejo de associação revelado pelas crianças.

2) — Serão ministrados 3 sessões por semana, com a duração mínima de 35 minutos, obedecendo o seguinte regime:

- a) — 1 sessão de Ginástica;
- b) — 1 sessão de Iniciação esportiva;
- c) — 1 sessão de Atividades Rítmicas Infantis.

3) — Atividades co-curriculares:

- a) — 1 excursão mensal, no mínimo;
- b) — Natação;
- c) — Atividades do Grêmio Esportivo;
- d) — Atividades do Centro de Tradições Gaúchas;
- e) — Atividades do Escotismo e Bandeirantes;
- f) — Acampamento 1 vez por ano;
- g) — Campanha da Boa Atitude;
- h) — Demonstrações;
- i) — Confecção de cartazes.

5.º GRUPO — INCLUINDO CRIANÇAS DO 5.º ANO PRIMÁRIO (11-12 anos):

1) — A finalidade da Educação Física, neste grupo, é prosseguir o trabalho com maior intensidade e maiores exigências, atendendo às possibilidades

físicas e psíquicas das crianças e à aprendizagem já realizada.

2) — Serão ministradas 3 sessões por semana, com a duração mínima de 40 minutos, obedecendo o seguinte critério:

- a) — sessão de Ginástica;
- b) — sessão de Iniciação Esportiva;
- c) — 1 sessão de Atividades Rítmicas Infantis;
- 3) — Atividades co-curriculares:
 - a) — Natação;
 - b) — Atividades do Grêmio Esportivo (inclusive o treinamento das equipes que representarão o estabelecimento de ensino nos torneios);
 - c) — Atividades do Centro de Tradições Gálicas;
 - d) — Acampamento 1 vez por ano;
 - e) — Campanha de Boa Atitude;
 - g) — Demonstrações;

VIII — PROVAS PRÁTICAS

As Provas Práticas serão realizadas durante o mês de novembro delas participando sómente os alunos pertencentes ao 3.^º e 4.^º Anos Primários, que estiverem em condições. Os do 5.^º farão as provas estabelecidas nas Diretrizes do Ensino Secundário. Estas provas têm por objetivo controlar os progressos obtidos com a prática das atividades físicas.

Tem em vista o caráter utilitário da Educação Física, as provas serão feitas de acordo com as qualidades cujo desenvolvimento se deseja verificar, que, de um modo geral são: resistência, força, destreza, rítmica e equilíbrio.

São recomendadas, a título de experiência, as provas práticas abaixo especificadas:

Formas de aplicar: O professor deve explicar cada exercício e mostrá-lo, indicando os erros e a forma de anotar os pontos. Cada exercício se demonstrará sómente uma vez. O executante deve experimentar uma vez antes do exame definitivo.

1) **Parar como a cegonha:** — Parar sobre o pé esquerdo, colocando a planta do pé direito sobre a parte interna do joelho esquerdo. Mãos nos quadris. Olhos fechados e manter a posição durante 10 segundos sem mover o pé esquerdo.

Faltas: a) perder o equilíbrio;
b) baixar a perna direita;
c) abrir os olhos ou tirar as mãos dos quadris.

2) **Sentar com as pernas cruzadas:** Cruzar os braços sobre o peito. Cruzar os pés e sentar-se no solo com as pernas cruzadas. Levantar-se mantendo os braços cruzados e sem mover os pés para manter o equilíbrio.

Faltas: a) não manter os braços cruzados;
b) perder o equilíbrio;
c) não ser capaz de levantar-se.

3) **O VAI E VEM** — Traçam-se três (3) círculos no solo a uma distância de três metros um do outro. Sobre o 1.^º, colocam-se 3 bolinhas de 0,05 de diâmetro. A um sinal dado, o executante deve pegar uma das bolas e colocá-la no círculo seguinte. Procede da mesma forma para passá-las ao 2.^º e 3.^º círculos. Trazê-las da mesma maneira ao círculo inicial em um (1) minuto. **Faltas:** a) não soltar a bola dentro do círculo. **Pontos:** 1 minuto — 3 pontos 1,1/3 — 1 ponto — além desse tempo — 0.

4) **Apoio de frente em uma parede:** Executante de pé, braços estendidos horizontalmente à frente, distantes 20 cm. da parede. Cair à frente, apoiando as mãos na parede e flexionando os braços — Voltar por uma extensão à posição inicial.

Faltas: a) não flexionar os braços na horizontal;
b) colocar as mãos com distância superior ou inferior à largura dos ombros;
c) tirar os pés do lugar;
d) não ficar com o corpo rígido.

Pontos: 9 execuções em tempo não superior a 1/2 minuto 3 pontos;
7 execuções — 2 pontos;
4 execuções — 1 ponto.

Para os meninos: apoio de frente sobre o solo, flexão dos braços. Na posição de apoio de frente sobre o solo, flexionar os braços até que o peito toque o solo e estender os braços até a posição inicial. Executar 3 vezes o movimento. Não tocar o solo com as pernas ou com o abdômen.

Faltas: a) Não estender os braços 3 vezes;
b) Não tocar o solo com o peito;
c) Apoiar os joelhos ou o abdômen no solo.

5) **Elevação alternada dos joelhos:** Elevar os joelhos alternadamente no mesmo lugar, os pés em extensão, o tronco ligeiramente inclinado para a frente, os ante-braços flexionados e oscilando naturalmente.

Faltas: a) Tomar o apoio no solo com todo o pé, ao invés de com a ponta;
b) Flexionar exageradamente a perna de trás;
c) Não mover os braços combinadamente com a perna oposta.

Pontos: 45" — ponto; 1" — pontos. 1—3 pontos.

IX — CERTIFICADOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

Será conferido um Certificado de Educação Física ao aluno que satisfizer a todas as exigências das Provas Práticas, dentro dos limites estabelecidos.

O Certificado de conclusão do Curso Primário, deverá ser acompanhado do Certificado de Educação Física, ou de uma declaração que justifique a dispensa do Certificado.

X — BIBLIOGRAFIA:

1) — Educação Física no Curso Primário: Sugestões para Organização e Desenvolvimento de Programas. Publicação n.º 49 do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Manual de Ginástica Infantil de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

O Conto-Licão de Ginástica Infantil — de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

Danças-Jogos Infantis de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

Brinquedos Cantados Portugueses de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

A Licão de Ginástica na Própria Aula de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

Valor Moral da Educação Física de ALBERTO F. MARQUES PEREIRA.

Manual de Recreação de INEZIL PENA MARENHO.

Sistemas e Métodos de INEZIL PENA MARENHO.

200 Jogos Infantis de NICANOR MIRANDA
Jogos Dirigidos (Guia, Técnica e Colofônico) de CELINA HENRIQUE FIGUEIRA, ELZA CAMPOS FERNANDES e MANOEL MONTEIRO SOARES.

Educação Física Infantil de GUIOMAR MEIRELLES BECKER.

Danças Regionais e Brinquedos Cantados — Publicações n.º 1 do Departamento de Divulgação da Associação dos Professores de Educação Física do D.F.

Baileados do Folclore Internacional de F. G. GAEZER.

Jogos Infantis — Publicação do Departamento

OS GULOSOS

Aproveitando as instruções publicadas no número 45 desta Revista, "Vamos construir um teatrinho?", apresentaremos o cenário, os personagens e a história "Os gulosos", da autoria da professora Madre Maria José, do Instituto N. Sra. Medianteira, Porto Alegre.

Lica e Tico ainda discutiam, quando passou pela estrada o Tio Macaco.

"Tito, venha me ajudar", gritou-lhe a macaquinha gulosa, "Apanhei esse cacho de bananas e Tico o quer para si."

"Tio Macaco, fui eu que o descobri, emprestei meu canivete, para cortar o cacho e aparei a queda das frutas, quando caíram das alturas. Quero o cacho inteirinho para mim..." reclamava o macaquinho, ante-gozando um banquete de bananas.

"Não, senhor, o cacho é meu!" e a macaquinha batia pé.

"Nada de brigas. Vamos repartir, fraternalmente, as frutas", disse tio Macaco. "Venham comigo."

E lá se foram os três, pela estrada poeirenta. Tito Macaco não ignorava como eram gulosos seus

dois sobrinhos. Muitas vezes ele dizia: Meus queridos sobrinhos, lembrem-se que devemos comer para viver e não viver para comer. Lica, abraçando o cacho, suava, mas... não o entregava ao Mano. Tico não desprendia os olhos das bananas. Que cacho "big". Tio Macaco ia em silêncio. Quando passou por quatro Miquinhos garotos, disse-lhes:

"Meninos, ajudem aqui. A rapariguinha não pode mais com tamanho peso..."

E os Micos garotos, abandonando o Jogo das "5 marcas" correram a carregar o lindo cacho de bananas. Que cacho! formidável! Era de se ficar com água na boca!...

x x x

Chegaram a casa. Aboletaram-se no avarandado.

Tocaram a campainha. Vele gente. Tio Macaco falou:

"Sia Maruca, traga um facão, por favor...

E chegou o facão para dividir o cacho.

"Sia Maruca, mande o Sagüizinho buscar água no poco. Estamos a morrer de sede."

E veio a água gelada do poço trazida pelo Sagüizinho...

(Continua na pág. 53)

de Educação Física de S. Paulo. RECREAÇÃO E JOGOS de HUGO MUXFELDT.

Pequenos Esportes de HOLANDA LOYOLA.
Jogos, Habilidades e Passatempos de MINA CARO.

Os Trabalhos Manuais Pedagógicos de MARIO GONÇALVES VIANA.

Teoria e Metodologia das Excursões de MARIO GONÇALVES VIANA.

Pedagogia Geral de MARIO GONÇALVES VIANA.

L'education Physique et Sportive (Cahiers de Pédagogie Moderne).

Les Activités Dirigées (Cahiers de Pédagogie Moderne).

Jeux et Mouvements Avec Accessoires pour l'Education Physique de HELENEZ BOUVART VERDIE.

L'Education Physique Fonctionnelle à l'Ecole Primaire de JEAN LE BOULCK.

L'Education Physique des Enfants de F. V. VERGNES.

L'Education Physique à l'Ecole Primaire de GABRIEL MAUCURIER.

Gymnastique Educative de LOVIS CHARRIERE.
Gymnasia Infantil de MAJA CARLQUIST Y TORA AMYLONG, tradução de GILDA L. DE ROMERO BREST.

Manual de Gymnásia Educativa de CURT JOHANSSON e RUBEM GARCIA CACERES.

Gymnastique Atlas de THULIN.

Gymnastik Hand-Book de THULIN.

Larbeck Gymnastik de J. G. THULIN.

Gymnásia y Recreación de A. WOOD.

Calistenia de A. WOOD.

Calistenia de JOÃO LOBFO.

Education Sportive de MAURICE BAQUET.

Précis d'Initiation Sportive de MAURICE BAQUET.

Pédagogie Sportive et Atletisme de A. LEROY ET J. VIVES.

L'Education Physique par la Méthode Naturelle de GEORGES HÉBERT.

Plein Air de IVONNE SURREL.

EDUCATION RYTHMIQUE DE ANDRÉ JOLY.

Ginástica Rítmica de LYA BASTIAN MAYER SCHMITZ.

Le Rhythme, la Musique et l'Education E. JACQUES — DALCRIONE.

Boletim da AEEFD n°s. 1 e 2 de 1945. Orientação Atual da Educação Física na França de J. F. TARGA.

Revista de Educação Física da EEF do Exército n.º 72 de 1953 — Princípios de Educação Física e Esportiva Generalizada de AUGUSTE LISTELLO.

Revista de Educação Física da EEF do Exército n.º 73 de 1953 — A Educação Física Esportiva Generalizada por J. F. TARGA.

Revistas da APEF de S. Paulo n.ºs 3 e 4 de 1954 — A Educação Física Esportiva Generalizada por AUGUSTE LISTELLO e ANTONIO BOAVENTURA DA SILVA.

Revistas INS do Instituto Nacional de Esportes da França.

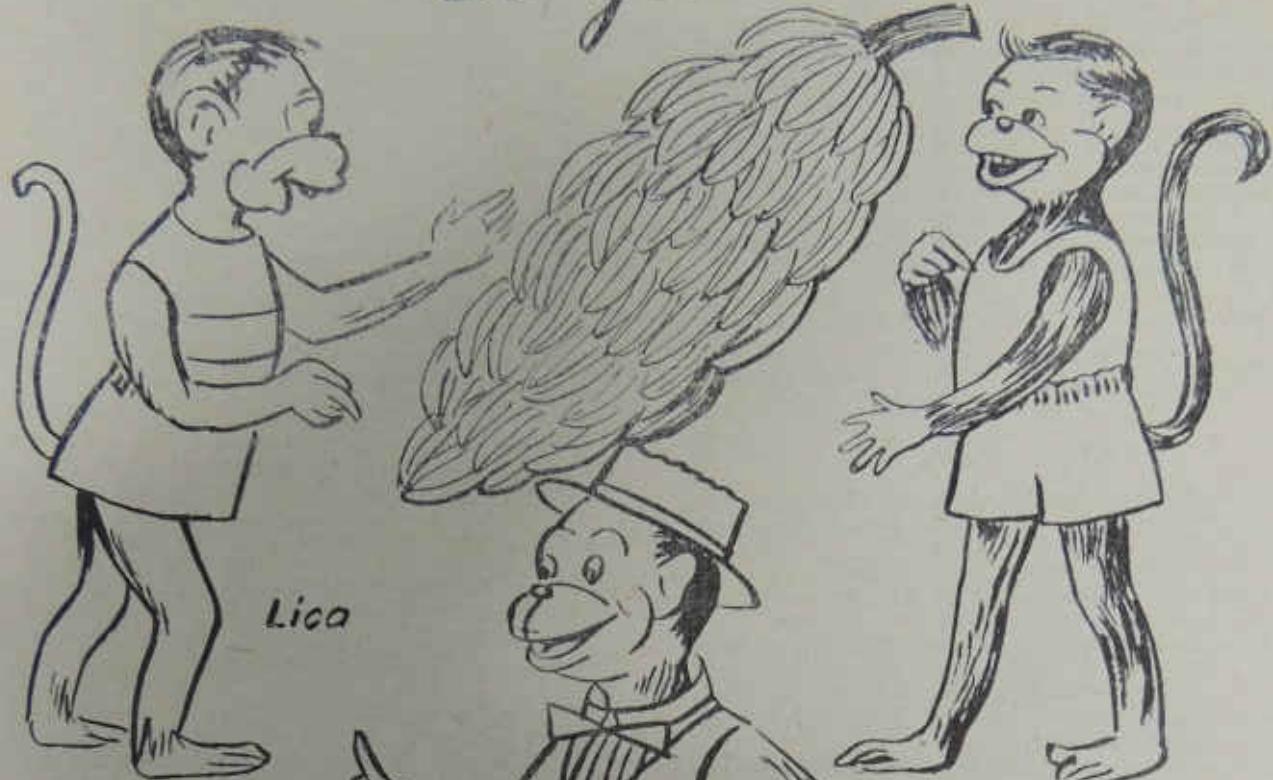
Revistas Education Physique et Sport do Comité de Estudos e Informações Pedagógicas da Educação Física e do Esporte da França.

Boletins do Instituto Nacional de Educação Física de Lisboa.

Boletins Informativos da Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional.

Revistas do Ensino (do Rio Grande do Sul).

Os gulosos



Tio Macaco

cenário



Pequeno Jôgo

"CORRIDA DE CÍRCULO"

Preparação: Riscar no terreno um círculo cujo tamanho variará com o número de jogadores. Dispor o grupo em círculo com o lado esquerdo para dentro e com intervalo de dois passos entre os jogadores.

Desenvolvimento: Dado o sinal, todos correrão velocemente, procurando passar por fora dos jogadores em frente. Se tal se der, o ultrapassado se retirará do jogo, ficando dentro do círculo.

Vitória: Vencerá quem ultrapassar o maior número em certo tempo.

(Extraído do livro "Jogos Dirigidos")

SESSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESPORTIVA GENERALIZADA

(10 — 11 anos)

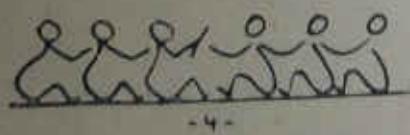
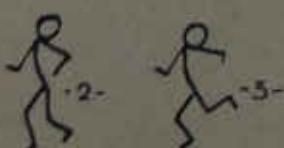
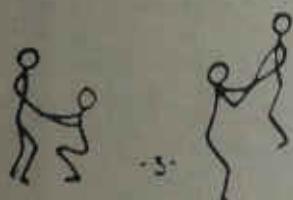
Duração: 45 a 50 minutos.

Material: 2 bolas, 26 bancos, uma lona, 1 bandeira.

I — AQUECIMENTO (10 minutos)

Exercícios de efeitos higiênicos, preparação articular, muscular e nervos, atenção, reflexo).

a — Roda (cantando, de preferência) — Marchando ou saltitando. A um sinal do professor, os alunos deverão reunir-se rapidamente em pequenos grupos de três ou quatro. (1)

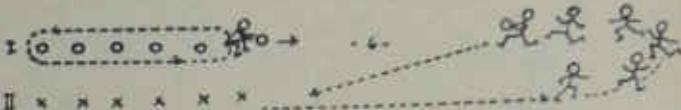


c — Corrida em andadura moderada (trote), passada curta, músculos flexíveis. (3)

d — Marcha normal, lançando verticalmente os braços em cada dois tempos. (4)

e — Marcha normal cadência lenta, passo curto, marcando o ritmo cada quatro tempos (batendo palmas). (5) Accelerar progressivamente a cadência (passo curto sempre) até passar suavemente à corrida leita.

f — O aluno da esquerda do grupo I lança a bola, rolando sobre o solo e inicia uma corrida ao redor do seu grupo, procurando dar o maior número possível de voltas (contadas pelo professor), durante o espaço de tempo em que os alunos do grupo II correm até alcançar e pegar a bola, sentando-se imediatamente em coluna por 1. (6)



II — PARTE FORMATIVA (10 minutos)

Exercícios de alongamento, flexibilidade, elasticidade, relaxamento, desenvolvimento muscular e força.

a — Dois a dois, em afastamento lateral: "A" com o tronco flexionado, segurando os quadris de "B"; "B" apoia as mãos nas punhos; "A" executa flexão das pernas com insistência. (1)

b — Dois a dois — "A" em apoio de frente no solo; "B" em afastamento lateral, pernas e braços estendidos, segurando "A" pelas axilas; "A" flexiona e estende os braços auxiliados por "B", o qual flexiona e estende as pernas, conservando os braços estendidos. (2)

c — Dois a dois, de frente, segurando pelos punhos; "A" executa flexão das pernas com insistência (2 tempos), músculos relaxados, saltando em seguida (3.º tempo) no mesmo lugar, corpo estendido, auxiliado por "B". (3)

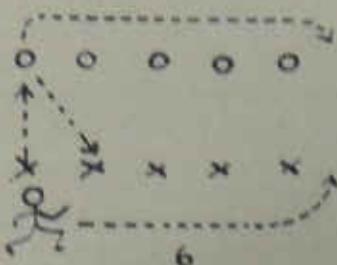
d — Grupos de 5 a 10 alunos de cada lado, sentados, pernas afastadas; os dois primeiros segurando uma vara e os demais com os "punhos" apoiados sobre os ombros e as "mãos" sobre o peito do companheiro da frente; movimento de rebent, sem resistência. (4)

e — Dois a dois, de frente, segurando pelos punhos, braços estendidos, pés ligeiramente afastados; flexão das pernas com insistência (2 tempos), seguido de extensão (3.º tempo) (5).

Diminuir, progressivamente a distância que separa os pés de ambos os alunos (ate ficarem apoiados pelas pontas), de modo a aumentar a obliquidade do corpo na posição em pé.

f — Duas ou mais equipes de 10 ou 15 alunos; cada equipe dividida em dois grupos, sentados de frente, pernas afastadas; o aluno n.º 1 lança a bola ao companheiro "A" à sua frente e corre por trás de seu grupo, indo sentar-se à direita do mesmo; o aluno "A", recebendo a bola, lança-a imediatamente ao seu companheiro n.º 2 e corre

por trás do seu grupo, indo sentar-se à esquerda do mesmo; o aluno n.º 2 procede como o n.º 1 e assim sucessivamente até que toda a equipe tenha se movimentado, mudando de lugar. (6)



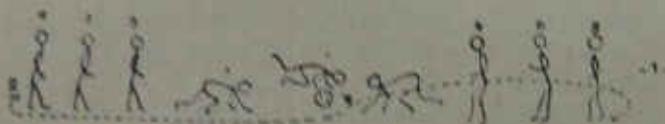
6

III — EXERCÍCIOS DE AGILIDADE E AUDACIA (10 minutos)

a — **Formação:** Duas colunas, frente uma para a outra, a uma distância de 3 a 5 metros.

Organização: A classe poderá ser dividida em equipes de 7 a 10 alunos, conforme o número de bolas disponíveis (uma bola para cada equipe). Os alunos de cada equipe deverão estar numerados, os ímpares em um grupo, os pares em outro.

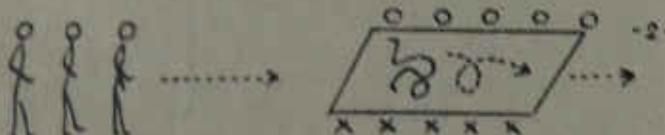
Desenvolvimento: O aluno n.º 2 lança a bola (rolando) ao n.º 3, enquanto o n.º 1 que passa para a retaguarda do grupo oposto em "marcha de quatro pés", salta sobre a bola; uma vez lançada a bola, o n.º 2 inicia a "marcha de 4 pés" para passar também ao grupo oposto e salta sobre a bola que então é lançada pelo aluno n.º 3 ao n.º 4; o aluno n.º 3 procura passar imediatamente para o grupo oposto e assim sucessivamente até que ambos os grupos tenham trocado de lugar. (1)



b — **Material:** 2 bancos e uma lona.

Formação: Duas fileiras, de joelhos sobre as bordas laterais da lona, as quais apoiam sobre os bancos.

Desenvolvimento: Cambalhotas para frente, sobre a lona. (2)



IV — APLICAÇÕES ESPORTIVAS (15 minutos)

a — **Material:** Uma bandeira ou bola.

Formação: Coluna por um.

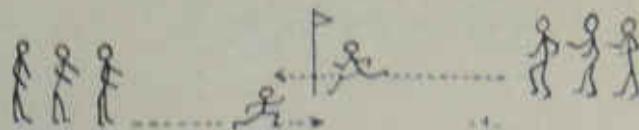
Organização: Duas equipes, frente uma para outra a uma distância de 20 metros, aproximadamente, distância essa assinalada ao meio por uma bandeira ou bola; os alunos devem estar numerados seguidamente.

Desenvolvimento: A um sinal do professor, os alunos número 1 trocam de lugar, procurando passar pela bandeira em 1.º lugar, marcando assim um ponto para a sua equipe. Novo sinal de partida dado pelo professor, os números 2 e assim sucessivamente. (1)

b — **Material:** 2 bolas e uma bandeira ou medicine-ball.

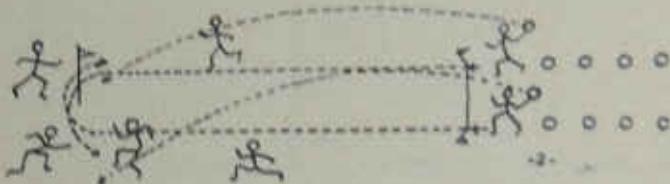
Formação: Coluna por dois (equipe atacante).

Organização: Duas equipes de 8 ou mais alunos. Uma equipe dividida em dois ou mais grupos (con-



forme o número de bolas disponíveis), formados em coluna atrás da linha de lançamento demarcada no solo. Outra equipe espalhada no terreno ao redor da bandeira (ou medicine-ball) que determina a distância da corrida (15 metros aproximadamente).

Desenvolvimento: Os dois primeiros homens da equipe atacante lançam a bola ao terreno adversário e correm nessa direção, procurando contornar a bandeira e voltar ao seu grupo, sem ser tocada pela bola, enquanto os adversários, apoderando-se da mesma procuram (lançando a bola) atingi-los antes de retornarem ao seu grupo, marcando assim 1 ponto. (2)



OS GULOSOS

(Conclusão da pág. 50)

"Sia Maruca, diga ao Macaco Cizinheiro que faça o favor de trazer a lata de lixo. Casca de banana pelo chão é um perigo."

E veio a lata de lixo...

Agora a distribuição. Lica e Tico arregalaram os olhos. Não queriam perder um movimento de Tio Macaco.

Uma penca, duas... quatro... seis, sete... nove dez. Pronto! E Tito continuou:

"Lica, leve esta bela penca para Mamãe Macaca. Tem direito a ela pois é a dona da casa".

Lica obedeceu...

"Tico, esta penca é para Sia Maruca que nos emprestou o facão. E esta outra é para o Macaco Cizinheiro que nos trouxe a lata de lixo. Devemos retribuir os favores que nos fazem."

E Tico obedeceu...

"Lica, pegue estas outras quinco. Ofereça-as aos Miquinhos que lhe ajudaram a trazer o cachaço e diga-lhes: — Muito obrigada! Entendeu?"

"Tico o Saguzinho nos trouxe água fresca. Recebe uma recompensa. Vamos dar-lhe uma penca menor, porque a grande — vocês não acham? — deve ficar com ela. Restam duas: uma para você, Tico, e outra igualzinha, para Lica. E agora, meus amigos, vamos comer as gostosas bananas apanhadas por meus queridos sobrinhos."

E comeram as bananas e deixaram fora as cascas.

Lica e Tico — que eram Macaquinhas esperadas — compreenderam a lição que o Tito lhes dera.

Nunca mais brigaram por coisas tão mesquinhias e, dali em diante, puseram em prática o sábio conselho de Tio Macaco: "DEVEMOS COMER PARA VIVER E NÃO VIVER PARA COMER. ASSIM É O CERTO".

O Jôgo

Luiz Francisco e Jane brincam numa amêna praia do rio Iguaçu. Aparentemente constroem o "mesmo" contemplado objetivamente: dois montes de areia com uma abertura de um dos lados, feita com o auxílio do pé. Todavia, este brinquedo, embora idêntico na apariência, significa para Luis Francisco um "túnel" pelo qual passarão trens e mais trens, enquanto para Jane significa um "forno" no qual fará gostosos pães e doces.

Observando os jogos espontâneos das crianças, somos levados a notar a grande influência que neles exerce o meio ambiente no qual vivem. Se grande é o espírito de imitação da criança em todas as atividades, também no Jôgo não prescinde, mas uma nota característica transparece em todo o jôgo, que não se reduz numa mera cópia, mas expressa um matizado de fatores pessoais internos que nos põem diante dum aspecto duplo que William Stern esclarece, dizendo: "No jôgo, o indivíduo projeta sua personalidade, quer direta, quer indiretamente. Certos rasgos da personalidade possuem um poder tal, que se manifestam em todas as atividades, também no jôgo, e talvez, mais marcadamente ainda no último por quanto nêle é mais espontâneo o indivíduo."

Realmente, o jôgo pode, pela sua natureza e conteúdo, nos falar da personalidade. Por él transluzem qualidades de caráter como o força de vontade, a conduta caprichosa ou desordenada, o temperamento autoritário, a rudeza ou delicadeza de sentimentos, as tendências sociais, artísticas, etc. Não só as qualidades do caráter, também as intelectuais como o originalidade, a aptidão sintética, o espírito criador se manifestam ao par de tendências especiais de interesse, aptidões organizadoras, tecnológicas, administrativas, etc. Se nem sempre nos é dado observar com toda a intensidade, os traços personalísticos, contudo continuam sendo um meio de introspecção porque a criança age livre e espontaneamente, encerra-se no seu próprio mundo de ficção, e dá vasão a todos aqueles afãs internos, mantidos em reserva pela austeridade da vida.

A atividade lúcida pode considerar-se como

Maria T. Butzen Boni

Professora da cadeira de Prática de Ensino — Escola Normal de União da Vitória — Paraná

o "protótipo embrionário" de toda a atividade séria. E, segundo a teoria do jôgo de Groos, o homem, em comparação com os animais, nasce muito imaturo; o elevado nível de desenvolvimento que deve alcançar, requer um largo período de preparação — a infância e a juventude — mediante uma continua atividade — o Jôgo. O valor prático do jôgo envolve o desenvolvimento da personalidade. E como o jôgo de fazer túneis pode preparar futuros engenheiros, o de fazer fornos será uma preparação para as futuras tarefas de dona de casa.

Uma intervenção autoritária no jôgo pode anulá-lo, mas isso não quer dizer que pais e mestres não possam orientá-las, sem se esquecerem que devem respeitar a opinião da criança. É comum vermos crianças abandonarem brinquedos complicados, já prontos e funcionando para elas mesmas os construirem e os parem em andamento. Conheci uma jovem mãe que em vez de comprar os brinquedos para o filho de acordo com o seu gosto, e dá-los de surpresa pelo natal, levava o pequerrucho de três anos num bazar de brinquedos para que ele mesmo escolhesse o brinquedo de sua preferência. O menino não escolheu muito, nem foi exigente, entre tantos brinquedos lindos escolheu dois "ioiôs" e nada mais. A mãe, em vista desta atitude começou a sugerir, pegou-o no colo para que melhor pudesse ver os brinquedos que ficavam fora do alcance da criança, mas a compra estava terminada. Em casa os pais comentaram entre si a insignificância da escolha do menino mas este soube muito bem aproveitá-la. Separou as duas partes do "ioiô" e com elas fez rodinhas. É claro que era isso que ele necessitava para o seu brinquedo, para fazer o restante do carrinho o pequeno mecânico daria um jeito. Uma caixinha vazia, uns corações, pregos, pauzinhas, "um martelo de pedra" tudo seria arranjado e nisso consistia o grande interesse do brinquedo da criança. Ela queria criar um carrinho original, feito por ela. E, concluimos com Claporéde: "Deixemos a criança brincar em liberdade, pois a infância foi feita para brincar."

FUNDAMENTOS E TÉCNICA

(Continuação da pág. 17)

bilioteca de um centro de recreação, com uma boa e escolhida seleção de livros, é um dos melhores instrumentos de educação, orientação intelectual e recreação.

E também grande a influência que a música exerce na formação cultural de um povo. A música é por todos admirada. Observa-se que todos aqueles que possuem um aparelho de rádio, o conservam acesso o dia todo e uma parte da noite.

Através da música popular, conhecemos os pro-

blemas de um povo, seus sentimentos, anseios, etc. Pela música folclórica, se conhece a história e tradições de um povo, suas lendas, feitos heróicos, que vão passando de geração em geração e se conservam como um patrimônio sagrado. A música crudita, com seus acordes harmoniosos e ricos, leva o ouvinte a um mundo cheio de beleza.

Os centros de recreação, com objetivos de elevar o nível educacional do adulto, restaurar ou preservar seu equilíbrio físico e mental, e proporcionar sua maior integração social, desempenham um papel muito importante na vida da comunidade,

COOPERAÇÃO ENTRE O LAR E A ESCOLA

SILAS F. LIMA

Prof. e Jornalista — São Paulo

Para o êxito dos trabalhos educativos, é grande a necessidade da cooperação entre o Lar e a Escola. Um bom entendimento mútuo é fator de grande importância.

O lar precisa da escola, e esta, daquele. Há por toda parte pais que pensam que uma vez seus filhos matriculados na escola, já estão livres de responsabilidades para com eles. Compreensão errônea. Cabe aos pais o dever sagrado de moldar a alma do filho, fazer dele um homem ou mulher de bem, para o mundo e para a sociedade.

Como andar o lar andará a sala de aulas. "A restauração e a elevação da humanidade começa no lar". O lar é o princípio da escola. E' no lar que se geram os grandes princípios reguladores das relações humanas: o amor, a sinceridade, abnegação, a bondade e o devotamento, e tudo isto se transmite à escola.

Se desejamos que nossos filhos demonstrem qualidades de cooperação, força, paz, amor, fé, alegria e domínio próprio, na escola para com seus colegas e professores, é preciso que no lar estas virtudes sejam cultivadas.

E' no lar que as crianças devem receber a sua preparação para frequentar a escola. Sempre devemos ter esta grande verdade em mente.

Os hábitos de obediência e o domínio de si mesmo, devem ser cultivados no lar, como preparatórios à vida escolar. Isto ajuda as crianças a não serem inquietas, ou ociosas, ou indisciplinadas, mas um apoio para seus professores, e um verdadeiro exemplo para seus condiscípulos.

A falta de cooperação entre os pais e o professor, dá-se muitas vezes por falta de compreensão mútua. Os pais e os professores devem seguir planos de ação bem definidos, a fim de manterem em todas as tarefas um espírito de compreensão.

Quando todos temos uma só idéia com respeito a uma tarefa, não é difícil trabalhar juntos. O espírito de cooperação é arruinado, quando há malentendidos ou má interpretação dos fatos.

Pudesse os pais e professores entender que a cooperação recíproca é a mola-mestra do êxito no trabalho da educação verdadeira, e que felicidade haveria!

Contaram-me certa vez esta pequena história, que dá uma grande lição de cooperação. "Um cego e um coxo foram descansar à sombra de frondosa árvore. Estavam exaustos da caminhada. Travaram conversa. A certa altura da palestra o coxo disse: "Quisera ir à cidade, mas não posso caminhar".

Respondeu o cego: "Eu também iria de boa vontade, mas falta-me a vista".

Exclamou o coxo: "Podemos associar-nos. Eu dou os olhos e tu os pés".

Concordaram. O cego tomou o coxo sobre os ombros, sendo que o coxo advertiu o cego dos per-

gos do caminho. E assim os dois chegaram à cidade desejada.

Pais e mestres, quão linda é, na vida, a cooperação!

Certa vez um homem viajava pela montanha quando encontrou no meio do caminho uma grande pedra que lhe obstruía a passagem. Vendo que não podia continuar a viagem, porque o caminho estava fechado pela pedra, o homem tentou removê-la para abrir passagem. Fatigou-se muito com este trabalho, mas todos os esforços foram vãos. Já desanimado, disse então consigo mesmo: "Que será de mim quando a noite vier e me surpreender nesta solidão, sem alimento, sem abrigo, sem nenhuma defesa, à hora em que as feras saem, para procurar suas presas?"

Enquanto assim pensava, outro viajante surgiu no mesmo caminho e foi fazer o que ele já havia feito, mas não obteve melhor resultado e sentou-se à margem da estrada, silencioso e abatido.

Aquele que tentara remover a pedra em primeiro lugar, dirigiu-se ao segundo e fez-lhe a seguinte proposta: "O que um de nós não pode fazer sózinho, quem sabe se não o faremos juntos?"

Puseram-se de joelhos e numa prece pediram ao Todo-poderoso auxílio e meteram mãos à obra. Removeram a grande pedra e seguiram seu caminho em paz, dando graças a Deus.

Os viajantes de nossa historieta bem representam os pais e professores. A viagem são os dias de aulas. A pedra representa os problemas da educação. Onde a força de um homem isolado é insuficiente, a união e o auxílio mútuo produzem maravilhas...

Para que haja uma educação feliz é necessário haver mútua cooperação entre pais e professores.

UM NINHO

— Venha, Lili, venha ver
Um ninho de passarinhos!
Como é bem feito e bonito!
Já tem quatro filhotinhos!

Cava, Janjão, essa terra!
Vamos catar vermezinhas,
Que sirvam de bom petisco
Para os lindos passarinhos!

E, dentro em pouco, de um galho,
Pendiam três minhocinhas,
Que uma ave levava p'ra o ninho
Batendo os lindos osinhos.

(D'Alma Infantil)

A NOSSA SENHORA

Por JOSE MARIA GASPAR

Professor da Escola do Magistério Primário de
Coimbra — Portugal

Entrei há dias numa escola de muitos lugares e, no recreio, chilreavam duas centenas de raparigas das 6 aos 12 anos. Perguntei a um grupo por certa professora e ouvi esta resposta simultânea: "A nossa senhora está na sala n.º 4".

E' realmente das alunas essa proverba professora da cidade. Dá-se toda a cada uma das gerações das suas alunas e tem a rara felicidade de sentir-se na posse e de posse delas. Muitas procuram-na mais que as próprias mães. Por todas reparte maternais carinhos, com intimidade grave e austeridade familiar. E' um modelo de mestra a que as crianças ensinam convictamente "a nossa senhora".

Na dispersiva existência dinâmica da cidade, o exemplo é raríssimo. Não tanto assim em meios modestos: com um pouco de dedicação educativa, criam-se com as crianças e até com as famílias, situações de exquisito realce espiritual. E' preciso, contudo, sobretudo ali, onde não há vidas recénditas, onde todos comentam os sapatos novos do cai-xeiro, os penteados altos desta menina, e os decotes largos daquela senhora, é preciso, ali, viver-se à vista de Deus e de todo o mundo, sem vias sinuosas no agir e até sem laivos sombrios no pensar.

Em meios pequenos, mais se nota o bom ou mau viver de qualquer pessoa, mormente se está em lugar de chefia. Ora o professor é chefe na sua escola; e a professora, pelo intimismo espiritual que deve estabelecer com as suas alunas, e, nalguns casos, até com as respectivas famílias, não pode deixar de ter cristalina transparência no seu proceder. Só assim pode ser a senhora e dona do meio.

No mundo que a cerca, em modestos ambientes de ruralidade, a missão de professora assume aspectos graves de projeção social. Sempre os seus atos a ultrapassam. E' difícil ser ali boa profissional se não for aprumadamente mulher e nitidamente superior. Destoar, nesses meios, ou há de superá-los muito ou cair muito abaixo deles.

A "Senhora Professora" da maior parte das nossas aldeias é paradigma de procedimentos gerais. Os seus pensamentos, palavras e obras são discutidos e repudiados, verberados ou aceites: o baixo nível da mentalidade rural eleva-se ou afunda-se pela sua missão educativa, que ali exige delicadezas desconhecidas no barulho apressado dos meios urbanos. Tem muito mais dignidade. Tem, por isso, muito maior responsabilidade. Chega até a ser delicado, o seu simples aspecto exterior. Tem limites a modéstia e simplicidade no vestir; certos desleixos podem ser ou parecer degradantes. Certa discreta elegância, como regrados cuidados com a sua

pessoa, prestigiam a função e dignificam a classe, sem escandalizar o meio nem perturbar os bons costumes locais. E' um talento raro possuir esse equilíbrio.

Mais delicado é, sem dúvida, o problema da convivência. O afastamento sistemático mutuiza excelentes oportunidades educativas. O intimismo excessivo obriga quase sempre a perniciosas condescendências. Não se fala já da confiança desmedida com famílias incompatibilizadas com outras e que a estas serve de pretexto ou razão para quebras de relações normais ou totais daqueles com a Professora. Uma atitude afável para todos, com natural, hierática reserva para quem quer que seja, é de certo o aconselhável em meios cujos interesses mal se conhecem e cujas pessoas tarde se expandem. A fase crucial do namoro, para a professora solteira, de qualquer idade, é digna da maior ponderação. Mesmo nos ambientes em que a libertinagem se insinuou, há de justificar-se, com o da Senhora Professora, qualquer gesto imoral ou extravagante de alguém. Como namorar, é uma questão; outra, igualmente melindrosa, é a de quem namorar. As qualidades intelectuais, morais, cívicas e religiosas do pretendente serão alvarvamente escalpejadas por uma crítica geral, mais suscetível aquilo que parece que aquilo que é. As atitudes são tomadas como bom ou mau exemplo próprio e dos familiares. "Ai daquele por quem vier o escândalo". Na simples mudança de estado, sobretudo no casamento, as modificações do viver e do conviver são observadas com minúcia ignorada nos grandes centros! "A senhora ia e não vai à festa, ao mercado, à missa..." e os seus atos são norma vital para alunos, famílias e até estranhos. A irradiante ação de uma professora de aldeia pode ser bênção ou calamidade, para os ambientes onde sempre pontifica. E isto em tantos, tantos aspectos!

A legislação escolar portuguesa exige dos educadores comportamento irrepreensível, tanto dentro como fora da Escola. Exige o também a própria consciência da sua missão. Mas há gestos que não ficam mal nos homens, e, fora da escola, em certos meios, iguora-se o procedimento de toda a gente. E' afinal, deste modo, a professora rural, que, muito especialmente, tem de estar atenta aos ditames da consciência e da lei, para abnegada, gloriosamente trilhar com alma os luminosos caminhos da sua nobre missão.

Só assim ela poderá ser a "nossa senhora" do seu meio e a milagrosa condutora da sua gente para o melhor futuro da escola e da Nação.

Publicações do Professor Pierre Weil

LIVROS

EM FRANCES

1. "La Jeunesse et la Scoutisme devant le Problème Sexuel" — Prefácio do Prof. Bourjade, da Universidade de Lyon — Ed. "L'Arc Tendu" — Paris — 1947.
2. "L'Affectivo-Diagnostic" — Presses Universitaires de France — Paris — 1952.
5. "Le Dessin chez l'Enfant" — em colaboração com René Zazzo, Pierre Naville etc... — Prefácio do Prof. Henri Wallon, Prof. na Sorbonne e no "Collège de France" — Presses Universitaires de France — Paris — 1950.

EM PORTUGUÊS

4. "ABC das Relações Humanas" — Ed. Nacional — São Paulo — 1954.
5. "ABC da Psicotécnica" (Psicologia Aplicada) — Ed. Nacional — 1955.

ARTIGOS CIENTÍFICOS

6. "Praktische Psychologie des Kinder unter spezieller Berücksichtigung der Kriegbeschädigten Kinder" — Genebra — Curso internacional para Educadores de crianças vítimas da guerra, da Organização das Nações Unidas — Genebra — 1948.
7. "O estudo do caráter e as Profissões comerciais" — SENAC — Rio de Janeiro — 1948.
8. "O Estudo das Profissões Comerciais em vista da Orientação e Seleção Profissional — Formação — outubro de 1949.
9. "A Platéia infantil e suas reações" — Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil — Rio de Janeiro — 1949.
10. "O Consultório Médico-Psicopedagógico e as suas possibilidades" — Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil — Rio de Janeiro — 1950.
11. "A prova dos 'P' aplicada a um grupo de balconistas" — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica — Ano 3 — n.º 2 — Rio de Janeiro — 1951.
12. "Algumas considerações sobre o emprego do teste de Rorschach na orientação e seleção profissional" — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica — Ano 3 — n.º 1 — Rio de Janeiro — 1951.
13. "L'Affectivo-Diagnostic" — Proceedings of the XIII International Congress of Psychology — Stockholm — 1951.
14. "O Afetivo Diagnóstico" — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica — Ano 4 — n.º 2 — Rio de Janeiro — 1952.
15. "Notas escolares e êxito na vida" — Revista do SENAC — n.º 3 — Rio de Janeiro — 1953.
16. "O Estado Atual do Estado das Profissões Comerciais" — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica — Ano 5 — n.º 3 — 1953.
17. "Analifabetismo e Nível Mental" — Sociedade Pestalozzi do Brasil — Rio de Janeiro — 1952.
18. "Experiências sobre o nível intelectual de vendedores" — Arquivos Bras. de Psicotécnica — Ano 5 n.º 4 — 1953.
19. "Primeiras pesquisas sobre a Biotipologia de Sheldon, aplicada a um grupo de vendedores-balconistas" — Arquivos Bras. de Psicotécnica — Ano 6 — n.º 1 — 1954.
20. "Resultados da aplicação de um questionário, aplicado a dois grupos de balconistas" — Arquivos Bras. de Psicotécnica — Ano 6 — n.º 2 — 1954.
21. "Análise de uma ficha de apreciação dos chefes sobre os empregados numa casa de comércio" — I Congresso Brasileiro de Organização Científica — IDORT — São Paulo — 1952.
22. "O Balconista — Aspectos Psicotécnicos" — SENAC — Rio de Janeiro — 1953.
23. "Plano de Pesquisas sobre os 'Líderes' e o Pessoal da Direção" — SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
24. "Plano Nacional da Pesquisa sobre o Nível Mental da População" com a colaboração dos Prof. Lourenço Filho e Otávio Martins — SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
25. "Plano da Padronização e de Validação de uma bateria de testes fatorais" — em colaboração com Eva Nick e Otacilio Rainho — SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
26. "O Teste de Inteligência Não Verbal, como preliminar ao Plano Nacional de Pesquisa sobre o Nível Mental da População" — I Seminário Latino-Americano de Psicotécnica — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica — Ano 7 — n.º 4 — Rio de Janeiro — 1955.
27. "A Pesquisa Nacional sobre o Nível Mental da População" — Revista Brasileira de Educação — Rio de Janeiro — 1955.
28. "Psicotécnica e Educação" — Atualidades Pedagógicas — Rio de Janeiro — 1954.
29. "A orientação profissional e a Estabilidade Profissional e Escolar" — Revista SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
30. "O interesse profissional como fator de êxito na venda" — Correio do SENAC — Rio de Janeiro — 1955.
31. "Porque trabalho no comércio" — Pesquisa sobre os motivos da escolha das profissões — Correio do SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
32. "A liderança das Mesas Redondas" — Correio do SENAC — Rio de Janeiro — 1954.
33. "A ética profissional na aplicação dos testes

NOVA REGULAMENTAÇÃO PARA AS REMOÇÕES DE PROFESSORES PRIMÁRIOS DO RIO GRANDE DO SUL

O Governador do Estado assinou o decreto estabelecendo normas para o processamento da remoção a pedido, dos professores do ensino primário.

O ato governamental está assim redigido:

Art. 1.º — Em conformidade com o disposto no artigo 55 da Lei n.º 2338, de 25 de janeiro de 1954, a Secretaria de Educação e Cultura fará publicar no "Diário Oficial" e em órgão da imprensa, de grande circulação, a partir de 1.º de setembro, a relação de vagas nos estabelecimentos de ensino primário, para conhecimento de professores interessados na remoção para escolas classificadas dentro da entrância a que pertencem.

Art. 2.º — As vagas publicadas poderão concorrer professores com qualquer tempo de serviço na entrância.

§ 1.º — Os pedidos de remoção serão dirigidos ao Secretário de Educação e Cultura e encaminhados, no período de 1.º a 30 de setembro, à Delegacia de Ensino onde existir a vaga pleiteada.

§ 2.º — Os pedidos devem trazer informação da Delegacia de origem do professor, nele constando sempre o tempo de serviço e o mérito do candidato.

§ 3.º — Findo o prazo estabelecido neste artigo, as Delegacias de Ensino, referidas no parágrafo 1.º, dentro de dez dias, remeterão os pedidos à Superintendência do Ensino Primário, acompanhados de listas dos candidatos que se habilitarem à remoção, observando o disposto no parágrafo 2.º, do artigo 55 da Lei 2338, de janeiro de 1954.

§ 4.º — Nenhum pedido poderá ser considerado, quando encaminhado depois deste prazo, mesmo que tenha sido feito dentro do período hábil de ins-

crição e tenha informações favoráveis das Delegacias interessadas.

Art. 3.º — Com o pronunciamento da Superintendência do Ensino Primário, serão as listas submetidas a despacho do Secretário de Educação e Cultura.

Parágrafo único — As listas aprovadas pelo Secretário de Educação e Cultura serão publicadas na Imprensa Oficial e as remoções efetuadas mediante portarias individuais, que vigorarão a partir de primeiro de março do ano seguinte.

Art. 4.º — Os concursos de remoção para escolas primárias de entrância superior se realizarão no segundo semestre do ano, abertas as inscrições mediante edital publicado na imprensa local.

§ 1.º — A relação de vagas será publicada juntamente com a classificação dos candidatos para pronunciamento dos interessados no prazo de dez dias contados da data da publicação.

§ 2.º — As remoções serão feitas no período de férias escolares.

Art. 5.º — Fica marcado o período de 15 de dezembro a 14 de janeiro para realização das inscrições aos concursos de ingresso no magistério primário.

Art. 6.º — No presente ano letivo, o prazo referido no § 1.º do artigo 2.º será contado a partir da data da publicação deste decreto.

Art. 7.º — Revogam-se as disposições em contrário.

- "psicológicos" — Revista Brasileira de Educação — Rio de Janeiro — 1956.
34. "Os campos de aplicação dos testes intelectuais" — VIII Congresso da Sociedade para o Progresso da Ciência — Ouro Preto 1956 — e "A Medida da Intellgência" em colaboração com Otávio Martins — SENAC — Rio de Janeiro — 1956.
 35. "Aulas de Psicologia Experimental" — SENAC — Rio de Janeiro — 1956 — (Distribuição interna).
 36. "A evolução dos fatores intelectuais na adolescência" — SENAC — Rio de Janeiro — 1956.
 37. "A colaboração do Psicólogo com o Médico, o Assistente Social e o Educador Especializado, na Terapêutica Ocupacional" — Anais do Simpósio de Terapêutica Ocupacional — Rio — 1956.

ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO

38. "La Psycho-technique" — Bulletin du Syndicat des Horlogers du Sud-Ouest — Annecy — 1948.
39. "Chaque Homme à sa place" — Le Progrès de Lyon — Lyon.
40. "La Psychoanalyse" — Le Roulier — Paris — 1948.
41. "Campanha de Profilaxia da hiperagressividade" — Anais do I Congresso das Organizações não Governamentais do Brasil, junto às Nações Unidas — Rio de Janeiro — 1950.
42. "Porque Somos assim?" — Revista Eso — Rio de Janeiro — 1954.
43. "Produzir mais, trabalhar menos" — Revista Eso — Rio — 1954.

Estudo de Obras Psicopedagógicas

LILIA COSTA CARVALHO — Técnico em
Educação do C. P. C. E. — R. G. Sul

BUHLER, Charlotte — *El niño y su familia*. Buenos Aires, Editorial Paidos, 1955. 129p.
Índice da matéria

I.º PARTE

Relaciones entre padres e hijos	47
Características de los contactos entre padres e hijos	47
Situaciones y propósitos de contacto	63
El papel de cada una de las personas de la casa	71
Las reacciones de padres e hijos	74
Los medios de establecer contactos	79
Las familias	79

II.º PARTE

Las relaciones entre hermanos

Aspectos generales de las relaciones entre hermanos	129
Tendencias características	129
La clasificación y su seguridad	134
Los pares de hermanos considerados individualmente	143
La estructura afectiva	179
El contenido objetivo	180
La estructura formal	180
Las relaciones con el mundo exterior	184

Apêndice

El problema de la obediencia, por Sophie Gedeon	187
Discusiones negativas	189
Indiferencia aparente	190
Evasión	190

Notícia sobre o conteúdo: Charlotte Bühler em sua obra "El niño y su familia" apresenta um estudo longo e sistemático das relações familiares — pais com filhos e irmãos entre si.

Seu trabalho psicológico se caracteriza pela utilização do método objetivo.

Foi realizado um estudo minucioso em seis famílias, sendo empregado o método da observação direta, e anotadas todas as situações, atividades, conversações e conduta da criança, possibilitando a autora apresentar conclusões seguras, bem como meios suaves de corrigir a criança.

Ressalta a influência que as relações humanas familiares representam na formação da personalidade.

Apresento aspectos interessantíssimos no que diz respeito às formas de conduta e, consequentemente, à educação.

"El niño y su familia", é uma obra que deve ser lida não só por pais, mas também pelos educadores, pois, sobre os últimos, recalca a grande responsabilidade da educação, em seu amplo e transcendental sentido.

Bibliografia Sobre a Psicologia da Criança

ABRAMSON, Jadwiga.
L'enfant et d'adolescent instables. Études cliniques et psychologiques.
Paris, Presses universitaires de France, 1940.

ADLER, Alfred.
La psicología individual y la escuela.
Buenos Aires, Editorial Losada, s. n., 1947.

ALLEN, Frederick H.
Psicoterapia infantil.
Rosario — Ediciones Rosario, 1945.

ALMEIDA LEMOS, Marina Amélia.
A Educação especial no desenvolvimento da linguagem da criança surda.
(In "Revista brasileira de estudos pedagógicos". Rio de Janeiro, Instituto nacional de estudos pedagógicos, 1956, v. 25, p. 136 — 142.)

ALVES, Isaias.
Dados da psicologia da criança (nota prévia).
Rio de Janeiro, s. n., 1944.

ANDERSON, Harold H.
Children's perceptions of social situations: A study of adolescent children in Germany.
(In "American Journal of orthopsychiatry." Wisconsin, The American orthopsychiatric association, 1954, v. 24, n. 2, p. 246-257.)

ARONNE, de LEÃO, Itália.
La mentira en el niño.
(In "Escuela, Archivo de documentación pedagógica." Oviedo, Editorial Idag., 1956.
Ano IX, n. 34, p. 250 — 253.)

BAKER, Harry Jay.
The diagnosis and treatment of behavior-problem children.
New York, The MacMillan co., 1937.

- BANHAM, Katharine M.
The development of affectionate behavior in infancy.
(In "Journal of genetic psychology," Massachusetts, Carl Murchison, 1950, v. 76, p. 283-290.)
- BELLER, Emanuel K.
Dependency and independence in a young children.
(In "The Journal of genetic psychology," Massachusetts, Carl Murchison, 1955, v. 87, n. 1, p. 25-36.)
- BOVET, Pierre.
El instinto luchador.
Madrid, F. Beltran., 1922.
- BUHLER, Charlotte.
E. niño y su familia. Técnica de exploración familiar.
Buenos Aires, Editorial Paidos, 1955.
- CARMICHAEL, Leonard.
Manual of child psychology.
New York, J. Wiley & sons, inc. 1947.
- CHILDREN'S QUARRELS.
(In "Meek, L. H. — Your child's development and guidance told in picture," New York, J. B. Lippincott co., 1940, p. 116-119.)
- CLAPAREDE, E.
Psicología del niño.
Buenos Aires, Editorial Albatros, 1944.
- COROMINAS, Julia.
Importância de la escuela en la salud mental del niño.
(In Revista de psicología general y aplicada. Madrid, Instituto nacional de psicoterapia, 1954, v. IX, n. 32, p. 565-569.)
- Du PASQUIER, Nair.
A Criança e o meio.
(In "Revista do ensino," Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1956, Ano V, n. 36, p. 53.)
- EATINGS.
(In "Meek, Leis Rayden. — Your child's development and guidance told in picture." New York, J. B. Lippincott co., 1940.)
- EVANS, Marsee Fred.
Children with cerebral palsy.
(In "Johnson, W — Speech problems of children: A guide to care and correction." New York, Grune & Stratton, 1950, p. 158-189.)
- FEINBERG, Henry.
Achievement of children in orphan homes as revealed by the Stanford achievement test.
(In "The Journal of genetic psychology," Massachusetts, Carl Murchison, 1954, v. 85, n. 2, p. 217-230.)
- FERNANDES, Gonçalves.
Conversa sobre a higiene mental da criança.
(In "Revista do ensino" Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1955, Ano IV, n. 29, p. 62-64.)
- FOSTER homes for dependent and neglected children.
(In "Polier, J. E. — Everyone's children, nobody's child: A judge looks at underprivileged child: a judge looks at underprivile." New York, Charles Scribner's sons, 1941.)
- FOUTQUIÈ, Paul.
Une psychologie de l'enfant et du jeune homme.
(In "Pédagogie, education et culture. Paris, Centre d'études pédagogiques, 1950, n. 8, p. 472-477.)
- FREUD, Anna.
La Guerra y los niños.
Buenos Aires, Ediciones Iman, 1945.
- GAUP, Robert.
Psicología del niño.
Barcelona, Buenos Aires, Editorial Labor, s. a. 1930.
- GESELL, Arnold, Lucius.
Diagnóstico del desarrollo normal y anormal del niño: métodos clínicos y aplicaciones prácticas.
Buenos Aires, Editorial Paidos, 1945.
- GESELL, Arnold, Lucius.
La educación del niño en la cultura moderna. Conduta y personalidad del niño en las diversas etapas de su desarrollo. Técnica y guía para su cuidado físico y psicología en el hogar y en la escuela recreativa.
Buenos Aires, Editorial Nova, 1948.
- GESELL, Arnold, Lucius.
Embriología de la conducta; los comienzos de la mente humana.
Buenos Aires, Editorial Paidos, 1947.
- GONCALVES VIANA, Mário.
Crianças fáceis.
(In "Revista do ensino," Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1954, Ano III, n. 24, p. 8-9.)
- GUIANDO AL NIÑO segun los principios de la psicología del individuo.
Buenos Aires, Editorial Paidos, 1948.
- GUILLEROT, Marie-Madeleine.
Les enfants difficiles.
(In "Pedagogy, education et culture. Paris, Centre d'études pédagogiques, 1954, n. 5, p. 315-321.)
- GUIMARAES GIL, Carmen.
Crianças imaturas.
(In "Revista do ensino," Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1954, Ano IV, n. 27, p. 7-9.)
- HENRIKSON, Ernest.
Children with hesitant speech.
(In "John, W. — Speech problem of child: A guide to care and correction." New York, Gruns & Stratton, 1950, p. 204-232.)
- ITKIN, William.
Some relationship between intra-family attitudes and pre-parental attitudes toward children.
(In "Journal of genetic psychology," Massachusetts, Carl Murchison, 1952, v. 80, n. 2, p. 221-252.)
- KARMAN, Elemer von.
Niños indisciplinados.
Buenos Aires, Ediciones Iman, c. 1941.
- KATECKER, Alan.
The discrimination of sex differences by young children.
(In "The Journal of genetic psychology," Massachusetts, Carl Murchison, 1955, v. 87, p. 131-144.)
- KATZENSTEIN, Betti.
Dois casos de dificuldades na leitura e escrita.
(In "Arquivos brasileiros de psicotécnica," Rio de Janeiro, ISOP da Fundação Getúlio Vargas, 1954, Ano 6, n. 3, p. 7-10.)
- KNOBLOCK, Hilda.
Father, Observations on the behavioral development of negro children.

- (In "Journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1953. p: 137-158.)
- KUNST, Mary S.
A study of thumb — and finger — sucking in infants.
Washington, The American psychological association, inc., 1948.
- LETAYF, Sonia.
Relações entre a mãe e criança.
(In "Boletim de psicologia experimental e educacional." São Paulo, Universidade católica, 1953. Ano II, n. 5, p: 160-175.)
- LEVY, David Mordecai.
Maternal overprotection.
New York, Columbia university presse., 1947.
- LOOSLI — USTERI, Margarita.
Los niños difíciles y su medio ambiente familiar (la actividad de una consulta medicopedagógica).
Madrid, Espasa-calpe, s.a., 1938.
- M.P.
May que preservar la salud de los niños.
(In "Escuela. Archivo de documentación pedagógica." Oviedo, Editorial Idag., 1956. Año IX, n. 37, p: 413-414.)
- MARTIN, William E.
Identifying the insecure child: The wolf security test.
(In "The journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1951. v.78, p: 78 — p: 217-232.)
- MATHIS, D.
La pudeur chez l'enfant.
(In "Pedagogie, education et culture." Paris, Centre d'études pédagogiques, 1956. n. 2, p: 116-128.)
- MAYO, Leonard W.
Queens rehabilitation program for handicapped children.
(In "Public health reports." Washington, U. S. Department of health, education and welfare., 1956. v. 71, n. 9, p: 879-886.)
- MEDEIROS, Mauricio de.
Aspectos da psicología infantil.
(In "Revista brasileira de estudos pedagógicos." Rio de Janeiro, Instituto de estudos pedagógicos, 1949. v. XIII, n. 37, p: 65-78.)
- MEDER, Mathilde.
Como estudar desenhos de crianças.
(In "Boletim de psicologia." São Paulo, Orgão da Sociedade de psicologia., 1954/55. Ano VI, ns. 21-22-23-24, p: 139-144.)
- MIRA Y LOPEZ, Emilio.
El niño que no aprende.
Buenos Aires, Editorial Kapelusz y cia., 1947.
- MONSTAKAS, Clark E.
Emotional adjustment and the play therapy process.
(In "Journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1951. v. 86, p: 79-99.)
- MONTESORI, Maria.
The absorbent mind.
Adyar, | etc. | The Theosophical publishing house., 1949.
- MOREIRA, Raul.
Criança — problema.
(In "Revista do ensino". Pôrto Alegre, Edit. Globo., 1956. Ano V, n. 37, p: 45-46.)
- MUNN, Norman Leslie.
Psychological development; an introduction to genetic psychology.
Boston, | etc. | H. Mifflin co., c. 1938.
- MURCHISON, Carl.
Manual de psicología del niño.
Barcelona, Francisco Seix editor., 1950.
- NICOLAY, Fernand.
Crianças mal educadas.
Lisboa, Livraria classica editora., 1932.
- PERROY, Elia.
El niño mentiroso.
(In "Escuela. Archivo de documentación pedagógica." Oviedo, Editorial Idag., 1956. Año IX., n. 34, p: 213-220.)
- PIAGET, Jean.
La representación du monde chez l'enfant.
Paris, Presses universitaires de France., 1947.
- PICANÇO, Melchiades.
A Criança e o seu desenvolvimento mental.
(In "Arquivos brasileiros de higiene mental." Rio de Janeiro, Orgão oficial da ligas brasileiras de higiene mental., 1941. Ano XIII, p: 75-76.)
- PLENDERLEITH, Mavis.
Discrimination learning and discrimination reversal learning in normal and feeble-minded children.
(In "Journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1956. v.88, p: 107-112.)
- POWDERMAKER, Florence.
Como atender y como entender al niño.
Buenos Aires, Editorial Kapelusz., 1949.
- RADEKA, Halina.
Examen psicológico del niño.
Montevideo, Centro de estudios psicológicos de Montevideo., 1947.
- RAMBERT, Maleleine L.
La vida afectiva y moral del niño, doce años de práctica psicoanalítica.
Buenos Aires, Editorial Kapelusz & cia., | c. 1948. |
- RIBBLE, Margaret Antoinette.
Derechos del niño; primeros necesidades psicológicas y su satisfacción.
Buenos Aires, Editorial Nova., | c. 1953. |
- ROCHA DE ASSIS, Angellina.
O Jogo na vida da criança.
(In "Revista do ensino." Pôrto Alegre, Editora Globo., 1956. Ano V., n. 36, p: 52.)
- ROS, Vivian.
Children who "don't talk plain" (functional disorders of articulation).
(In "Johnson, W. — Speech problems of children. A guide to care and correction." New York, Grune & Stratton., 1950. p: 76-99.)
- ROSS, Alan O.
A Schizophrenic child and his mother.
(In "The Journal of abnormal and social psychology." Washington, The American psychological association, inc., 1955. v. 51., n. 1., p: 133-138.)
- SANCHEZ JIMENEZ, Julian.
El niño bien dotado los problemas que implica: su asistencia.
(In "Revista de psicología y pedagógica aplicadas. Valencia, Escuela especial de orientación y aprovechamiento., 1952. n. 6., p: 263-291.)

- SCHNEIDER, Eliezer.**
Estudo da psicologia infantil nos Estados Unidos.
(In "Revista brasileira de estudos pedagógicos." Rio de Janeiro, Instituto brasileiro de estudos pedagógicos., 1948. v. XII, n. 32, 224-231.)
- SEGERS, J. M.**
La psychologie de l'enfant normal et anormal d'après.
Paris, Delaux & Nisestle., 1948.
- SKODAK, Marie.**
Child dependence.
(in "Frer, D. H. — Handbook of applied psychology." New York, etc., Rinehart & co, inc., c. 1950. v. 2, p. 538-548.)
- SMITH, Stanley.**
The role of the acquired distinctiveness of cues in the acquisition of a motor skill in children.
(In "The Journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1956. v. 87, n. 1, p. 11-24.)
- SPIEL.**
Le traitement des enfants difficiles.
(In "Pédagogie, éducation et culture. Paris, Centre d'études pédagogiques, 1951. n. 6, p. 359-367.)
- STERN, E.**
L'enfance dans le souvenir de l'adulte.
(In "Archivio di psicologia, neurologia e psichiatria. Milano, Società editrice vita pensiero, 1952. Ano XIII, n. 4, p. 372-292.)
- STUBBONRN, Children.**
(In "Meek, L. H. — Your children's development and guidance told in picture. New York, J. B. Lippincott co., 1940. p. 120-121.)
- THOM, Douglas A.**
Everyday problems of everyday child.
New York, London, D. Appleton-century co., 1927.]
- TOULEMONDE, Jean.**
Les enfants nerveux.
(In "Pedagogie, education et culture. Paris, Centre d'études pédagogiques, 1950. n. 10, p. 591-607.)
- TOULEMONDE, Jean.**
Traitement des enfants nerveux.
(In "Pedagogie, education et culture. Paris, Centre d'études pédagogiques, 1951. n. 2, p. 86-102.)
- VIOLET-CONIL, Madeleine.**
Exploración de la mentalidad infantil: teoría y técnica de la investigación.
Buenos Aires, Editorial Kapelusz., c. 1948.]
- WALDFOGEL, Samuel.**
The frequency and affective character of childhood memories.
Washington, The American psychological association, Inc., 1949.
- WASHBURN, Ruth Wendell.**
Children have their reasons.
New York and London, D. Appleton-century co., 1943.
- WILSON, J.**
Development of a young blind child.
(In "Journal of genetic psychology." Massachusetts, Carl Murchison., 1947. v. 71, n. 2, p. 155-176.)
- ZAZZO, René.**
Reflexões sobre meio século da psicologia da criança.
(In "Revista brasileira de estudos pedagógicos. Rio de Janeiro, Instituto nacional de estudos pedagógicos, 1956. v. XXV, n. 61, p. 113-131.)

Livros Básicos Para o Professor de Ciências

DIAS DOS SANTOS, N. — Práticas de ciências. Gráfica Olímpica, rua Visconde do Rio Branco 33, Rio de Janeiro, 1955, 226 p., il. Descreve experiências sobre física, química e biologia e indica como aplicá-las no ensino.

VALLS, V. — Metodología de las ciencias naturales. Editorial Losada, Buenos Aires, 1944; II6 p. il. Descreve experiências para a escola primária e indica, para cada uma, sua finalidade, as orientações práticas e as observações e induções que se pode depreender das mesmas.

STEPHENSON, J. P. — Sugestiones para los profesores de ciencias. UNESCO, Paris, 1949, 92 p. il. Impresso pela Gráfica Panamericana, México. Apresenta experiências simples e informações sobre aparelhos que se podem improvisar para o ensino dos diversos ramos da ciência. Útil para professores primários e secundários.

UNION PANAMERICANA. La enseñanza de las ciencias naturales en la escuela primaria. Biblioteca Panamericana del Maestro, n.º 3, 1953. Trata dos fins, do programa, dos métodos e do material de ensino das ciências.

HEISS, E. D., OBOURN, E. S. & HOFFMAN, C. W. — Modern science teaching. Macmillan Co., New York, 1950. Este livro abrange os aspectos gerais do ensino das ciências e é uma atualizada fonte de informações para o professor em exercício.

BRUNETT, R. W. — Teaching science in the elementary school. Rinehart Co., New York, 1953. A II parte do livro é dedicada ao ensino da matéria e às experiências.

CRAIG, G. S. — Science for the elementary school teacher Ginn Co., New York, 1947. Craig é considerado como o iniciador do movimento que inclui no "curriculum" da escola primária o estudo das ciências na forma atual. Este livro já é clássico.

RICHARDSON, J. S. & CANON, G. P. — Methods and materials for teaching general and physical science. McGraw-Hill Book Co., New York. O livro é um bom auxílio do mestre para os trabalhos de laboratório. Descreve demonstrações, experiências e projetos adequados ao ensino primário e secundário.

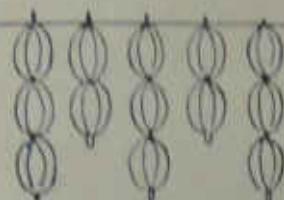
National science teachers association. Science teaching today. Washington, D. C., sete fascículos com um total de 319 páginas. Descreve experiências adequadas às últimas classes primárias e ao curso secundário.

"Libros básicos para el maestro de ciencias" publicado na revista "La Educación" n.º 2, abril — junho. Unión Panamericana, Washington, D. C., 1956.

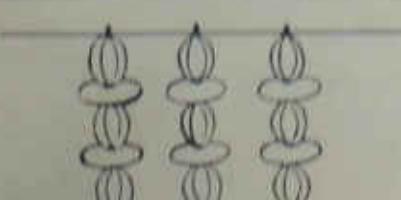
TRABALHOS A SEREM EXECUTADOS (Conclusão da pág. n.º 9)

Colares e franjas

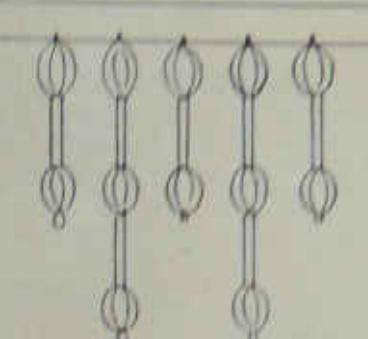
Enfiar os caroços num fio qualquer, forte combinando cores ou materiais diferentes.



cinamomo



cinamomo e tremoço ou cortiça



cinamomo e trigo

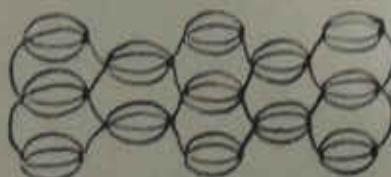
Bordado em tecidos não laváveis ou feltro

Preparados os caroços, prendê-los como se fossem contas de madeira, de acordo com o desenho que se quiser. As outras partes do risco podem ser bordadas com lã, linha ou seda ou feitas aplicações de feltro.

Descansos de pratos e cestinhas

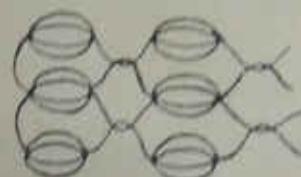
A — Material:

Arame, de preferência de cobre.



B — Execução:

1. Enfiar diversos caroços no fio de arame.
2. Ir cruzando o fio, com as contas enfiadas ou prendê-los com outro arame simples, procurando dar o formato desejado nas cestinhas e conservando planos nos descansos de pratos.



PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Destaque o quadro abaixo, seguindo as instruções à página seguinte.

Autorizo a renovação de minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do n.º _____
inscrição _____

Para esse fim envio em
(cheque bancário, vale postal ou valor declarado)
a quantia de Cr\$
(Porto comum, 1 ano (6 n.ºs) Cr\$ 200,00 — 2 anos (12 n.ºs) Cr\$ 360,00)

Expedida em
(Data)

Enderéijo: Nome:

(Bem legível) Rua:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Enderéijo:

Avenida Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar — Porto Alegre

Revista do ENSINO

Supervisão Técnica do Centro de Pesquisas
e Orientação Educacionais
da Secretaria de Educação
do Rio Grande do Sul

ADMINISTRAÇÃO :

Diretora: Prof. Maria de Lourdes Gastal.
Assistentes: Profs. Generice A. Vieira e
Maria Venânia Terra.

Secretária: Yvonne Aydos Krieger.

Redatores: Profs. Corália Ribeiro Porto,
Gilda Garcia Bastos, Dora Lopes
e Astrogildo Fernandes.

Ilustradora: Prof. Maria Madalena Lutzemberger.

REDAÇÃO

ASSINATURA E VENDA AVULSA

Ay. Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar
Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Assinaturas: Sob porte simples

1 ANO Cr\$ 200,00

2 ANOS Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo, mais Cr\$ 15,30 por exemplar.

A remessa de numerário deve ser feita por
cheque bancário ou valor declarado,
dirigido sempre à "Revista do Ensino".

Não trabalhamos com Reembolso • Postal

Esta Revista é publicada em dois períodos
de quatro números: de março a junho e
de agosto a novembro.

NOSSA CAPA

ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA
DO "COLEGIO JACOBINA" DO DISTRITO
FEDERAL

LEIA COM ATENÇÃO ESTAS INSTRUÇÕES

Para tornar mais simples e eficiente o trabalho de inscrições e renovações de assinaturas, pedimos aos nossos assinantes que sigam com cuidado as instruções que seguem:

- I — Preencha **todas** as linhas da ficha de inscrição.
- II — Onde diz "renovação-inscrição", risque o que **não** é o seu caso.
- III — Quando se tratar de cheque bancário não esqueça que ele deve ser **pagável** em Porto Alegre.
- IV — Quando se tratar de cheque bancário ou vale postal, remeta-o **junto** com a ficha de inscrição.
- V — Observe que **não trabalhamos** com reembolso postal.
- VI — Se você já é assinante e não necessita desta ficha, ofereça-a a um colega para que se torne assinante.
- VII — Quando, passado o tempo devido, não receber o exemplar a que tem direito, comunique-nos o fato para que lhe façamos nova remessa. Não deixe passar muitos meses.
- VIII — Quando mudar de endereço, avise-nos imediatamente, indicando, também, o antigo endereço.
- IX — Não esqueça de registrar de maneira **legível** o seu nome e endereço, sempre que nos escrever.
- X — Os cheques, vales postais e valores declarados devem ser endereçados sómente à "REVISTA DO ENSINO".

Ay. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre
Rio Grande do Sul

Chiquinha

LETRA E MÚSICA DE
Vera Braga Nunes



Revista do Ensino

Publicação Oficial da

Secretaria de Educação e Cultura

do Rio Grande do Sul



ASSINATURAS ENDERÉÇO

SOB PORTE SIMPLES

1 ANO	Cr\$ 200,00
2 ANOS	Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo

Mais Cr\$ 15,30
por exemplar

As remessas de numerário
devem ser endereçadas a:

REVISTA DO ENSINO

Avenida Borges de Medeiros, 1224
— 13º Andar —

Porto Alegre — R. G. do Sul

BRASIL

Remeta a importância de sua assinatura por valor declarado ou cheque bancário.